

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

ELENICE ALVES DA COSTA

**UM ESTUDO COGNITIVO DAS METÁFORAS GERADAS EM UM
CORPUS JORNALÍSTICO DA ECONOMIA**

**São Paulo
2007**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

ELENICE ALVES DA COSTA

**UM ESTUDO COGNITIVO DAS METÁFORAS GERADAS EM UM
CORPUS JORNALÍSTICO DA ECONOMIA**

**Dissertação apresentada à
Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo,
para a obtenção do título de
Mestre na área de Filologia e
Língua Portuguesa.**

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ieda
Maria Alves**

**São Paulo
2007**

DEDICATÓRIA

Ao meu filho Gabriel, aos meus pais, irmãos e sobrinhos, sem os quais este sonho não seria possível de se concretizar.

AGRADECIMENTOS

À Universidade de São Paulo e ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do DLCV - FFLCH

À Secretaria de Educação do Estado de São Paulo – Projeto Bolsa Mestrado (Diretorias de Ensino Leste-3 e Centro-Sul)

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

À minha orientadora Ieda Maria Alves, pela paciência, pela generosidade e, sobretudo, pelo carinho e amizade, sem os quais este trabalho não existiria.

Aos professores Elis de Almeida Cardoso, Adriano Biava, Maria Aparecida Barbosa, Augusto Soares da Silva, Tony Berber Sardinha, Mariângela de Araújo, Mário Viaro, Osvaldo Ceschim, Maria José Finatto e Maria Tereza C. Bidermann, que, direta ou indiretamente contribuíram com a realização deste trabalho.

Aos colegas do Projeto Observatório, em especial a Bruno Maroneze, Luciana Pissolato, Ligia Gambini, Ângela Kovachich, Thaís Lobrigate, Lourdes Lima, Leila Oliveira, Ivan Souza e Gilberto Labate, com quem tive o prazer de conviver durante este percurso, pelas trocas e alegrias compartilhadas.

Aos especialistas e amigos Luiz Carlos F. Afonso, Ronaldo Terra e Marco Aurélio Pattoli

Ao jornalista e amigo Fernando Fulanetti

Ao Lopes, mestrando e amigo da Diretoria de Ensino Leste-3

Aos amigos Rosângela, Daniela, Mônica, Andréa, Yuri, Simone, Sílvia, Elaine, Crispian, Sabine, Dionísio, Dóris, Maria Eugênia e tantos outros, em cujas amizades encontrei conforto.

RESUMO

A presente Dissertação tem por objetivo estudar as metáforas geradas em um *corpus* jornalístico da Economia. Para tanto, esta Dissertação foi realizada na perspectiva teórica de pesquisas que envolvem a metáfora, sobretudo, como fator de cognição, o que permitiu realizarmos uma análise dos termos coletados na *Base de Termos da Economia*, constituída no âmbito do *Projeto Observatório de Neologismos Científicos do Português Contemporâneo*.

A metodologia empregada na análise dos termos permitiu uma investigação sistemática dos conceitos circunscritos nas unidades referentes ao *corpus* em análise, a qual resultou em um “mapeamento” cognitivo das unidades compreendidas nesta área, possibilitando, dessa forma, verificar qual é a função da metáfora nesse tipo de especialidade.

Para tanto, selecionamos as unidades polissêmicas da *Base*, a fim de verificarmos quais eram os principais conceitos abrangidos nos termos em estudo. Feitos a seleção e o agrupamento de campos conceituais metafóricos, passamos à análise das unidades, a qual revelou que a metáfora em Economia parece cumprir, sobretudo, uma função didática, facilitando por meio da analogia a compreensão dessa área de especialidade.

ABSTRACT

The present dissertation aims to study the metaphors in a journalistic *corpus* in economics. This research was based on the cognitive metaphor theory. The terms were collected in the *Base de Termos da Economia (Projeto Observatório de Neologismos Científicos do Português Contemporâneo)*.

The methodology used in the analysis of the terms allowed us make a systematic investigation on the concepts in this kind of terminology, which resulted in a “cognitive map” of the metaphors of the discipline. This “cognitive map” also provided conditions to verify the role of metaphor in economics.

In order to reach these results, we selected the polysemous units of *Base de Termos da Economia* to verify the concepts of these terms. After this process, we agrouped the conceptual metaphors (metaphoric fields) to make an analysis of these units, which revealed that metaphor in economics serves a didactic purpose, to make the terms easily understandable for a wide audience through analogical thinking process.

SUMÁRIO

I - Introdução	2
1. Objetivos.....	4
2. Metodologia.....	5
2.1. <i>Corpus</i> de análise	5
2.2. Coleta de dados.....	7
2.3. Procedimentos de análise.....	12
II. A metáfora nos estudos lingüísticos e terminológicos.....	16
1. Os estudos clássicos sobre a metáfora.....	19
2. A metáfora nos estudos lingüísticos atuais.....	23
3. A metáfora como recurso de ampliação do léxico	28
4. A metáfora na Teoria Geral da Terminologia	31
5. A metáfora na Teoria Sociocognitiva.....	35
III. Apresentação e análise dos termos metafóricos	42
1. A presença da metáfora no corpus jornalístico da Economia.....	42
2. Tipologia metafórica.....	43
3. Termos metonímicos	78
4. Um continuum metafórico e metonímico.....	88
IV. A metáfora na Economia.....	93
1. Histórico da área de conhecimento.....	93
1.1. Jornalismo econômico	97
2. Os sintagmas metafóricos da Economia.....	98
3. A função da metáfora na Economia	108
4. Transparência e hermetismo nos termos metafóricos da Economia.....	113
5. A metáfora como visão de cultura.....	118
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
VI. REFERÊNCIAS	125

UM ESTUDO COGNITIVO DAS METÁFORAS GERADAS EM UM *CORPUS* JORNALÍSTICO DA ECONOMIA

I - Introdução

Inicialmente, justificamos a presente pesquisa, que tem como propósito estudar a função da metáfora em um *corpus* jornalístico, já que podemos perceber que esse processo semântico responde a uma parcela considerável na formação de termos dos *media* impressos.

A análise dos termos registrados na *Base de Termos da Economia*, constituída no âmbito do *Projeto Observatório de Neologismos Científicos do Português Contemporâneo*, projeto *TermNeo*, tem revelado, por meio de uma pesquisa estatística, que pelo menos 15% dos termos – divididos em lexias simples e compostas (composições e formações sintagmáticas) – apresentam metáfora. Portanto, diante da relevância dos dados, e para uma compreensão detalhada desses termos polissêmicos constituintes da *Base*, surgiu a necessidade de se realizar este tipo de estudo.

Muito tem se falado a respeito da metáfora na atualidade, principalmente no âmbito da Terminologia, pois ainda há pouco tempo ela era vista como um empecilho para a normalização de termos especializados. No entanto, presentemente, esse paradigma tem sido rompido entre as pesquisas terminológicas. A metáfora tem sido concebida, desta vez, como processo inexorável e intrínseco ao texto terminológico.

Acreditamos que esse avanço surge no bojo das pesquisas relacionadas à Linguística Cognitiva, nascida a partir dos trabalhos iniciais de George Lakoff & Mark Johnson, em 1980, quando escreveram a obra *Metaphors we live by*.

Desde então, a partir da idéia de que a metáfora é um processo inerente à cognição, sabemos que a metáfora não deve ser mais tratada como um mero instrumento de ornamentação da linguagem ou como algo que prejudicaria os objetivos da Terminologia.

Na verdade, o que se sabe, neste momento, é que o pensamento analógico (metafórico por excelência) faz parte da linguagem da ciência. Wierzbicka (1996, p. 342) afirma que os conceitos de similaridade e suas operações parecem ter a mesma função na linguagem e no pensamento, no processo de adquirir novos conceitos e no processo de conhecimento do saber científico, assegurando, rotulando, categorizando termos e expandindo nosso conhecimento em áreas recém-descobertas:

The concepts of similarity and its operators seem to have the same function in language and in thought, in the process of acquiring new concepts, and in the process of scientific growth. They help us to leave the safe ground of known, labeled, categorized terms, and to expand our knowledge and language to newly discovered.

Se pensamos metaforicamente, como afirma a Linguística Cognitiva, toda a linguagem será afetada, seja a cotidiana, seja a terminológica. Silva (2003, p. 41) nos diz que a natureza experiencialista da metáfora conceptual não a restringe ao pensamento e à linguagem do cotidiano. Ela constitui uma verdadeira maneira de pensar em domínios aparentemente hostis, como as ciências e as tecnologias:

As inovações tecnológicas são um dos lugares privilegiados da inovação metafórica, por duas razões. Primeiro, a necessidade de nomes para os novos elementos tecnológicos. Segundo, à medida que as novas tecnologias se vão tornando familiares, elas próprias constituem domínio-origem da metáfora.

Essa nova forma de se pensar acerca da metáfora possibilitou, de uma certa forma, a análise dos termos metafóricos com os quais trabalhamos, já que numa linha tradicional, calcada na Retórica, este estudo seria inviável, pois os termos presentes não estão simplesmente a favor de uma “ornamentação” da linguagem, conforme propunha a concepção aristotélica a respeito da metáfora.

Apesar de todas as pesquisas que têm sido realizadas nessa área, confirmando não só a existência natural da polissemia na Terminologia, como também consagrando a metáfora como “centralizadora” do saber científico, ainda podemos encontrar em alguns autores, como por exemplo, Martins (2000, p. 102), a idéia de que a metáfora deve ser evitada na linguagem científica:

Digamos apenas que as metáforas têm o poder de apresentar as idéias concreta e sinteticamente, podendo não só intensificar como dissimular os fatos. Na atribuição de juízos de valor ela se presta admiravelmente ao exagero, quer na exaltação, quer na depreciação, e tem um papel importante na expressão da ironia. A não ser na linguagem científica, em que é evitada o quanto possível, pelo seu caráter de imprecisão e subjetividade, ela está em todos os usos da linguagem, com os mais variados graus de expressividade e impacto [...].

Talvez essa idéia defendida pela autora ainda reflita preceitos retóricos, uma vez que o seu estudo refere-se à Estilística, a qual elege a metáfora, sobretudo, como fator emocional.

Por último, gostaríamos de esclarecer que o nosso trabalho tem a intenção de explorar esse tema, tratando da metáfora como um processo formador de conceitos e de conhecimento científico. O enfoque deste estudo pretende ser sincrônico, apesar de sabermos que nos meandros da Lingüística Cognitiva a diacronia é fundamental; porém, não é nossa intenção, no entanto, esgotarmos o modelo proposto por esse tipo de ciência lingüística, visto que isso excederia os limites de nossa pesquisa.

1. Objetivos

Este trabalho tem como objetivo analisar a sistematicidade de processos semânticos tais como a metáfora, em um corpus jornalístico da Economia, porque acreditamos que esses recursos são bastante recorrentes no material estudado e merecem, portanto, uma análise profunda a respeito do tema em Terminologia.

Outro de nossos propósitos é o de estabelecer tipologias metafóricas com o escopo de organizar o material terminológico, de forma que possamos compreender as suas características intrínsecas, revelando os conceitos subjacentes aos seus sistemas e também demonstrando como é tênue a linha que separa a metáfora da metonímia, encaminhando-as muitas vezes a um *continuum* ou a uma integração que tem sido chamada por alguns autores atuais como *metaftonímia*, termo usado por Silva (2003, p. 51).

Queremos também contribuir modestamente para o desenvolvimento dos estudos terminológicos e, em especial, para a ampliação dos trabalhos que envolvem os termos

metafóricos da área de Economia, já que, de acordo com Charteris-Black e Ennis (2001, p. 251), a linguagem desse tipo de especialidade tem sido apontada por muitos autores como excessivamente polissêmica.

Queremos também perscrutar qual é a função da metáfora nesse tipo de área de conhecimento e de que maneira ela se apresenta. Também pretendemos apresentar esse recurso semântico como depósito de marcas culturais, cujos conceitos ou projeções metafóricas são filtrados pelas convenções culturais.

Sendo assim, acreditamos que esta pesquisa possa fornecer subsídios a terminólogos, terminógrafos, lexicógrafos, lingüistas, economistas e jornalistas; enfim, a todos aqueles que queiram compreender o porquê do uso massivo da metáfora e qual é seu papel nesse tipo de terminologia, a partir de uma abordagem, principalmente, cognitivista.

2. Metodologia

As várias fases metodológicas para a realização desta pesquisa foram divididas em três partes: *corpus* de análise, coleta de dados e procedimentos de análise.

Vejamos, a seguir, o desenvolvimento de cada um desses itens:

2.1. Corpus de análise

A maioria dos termos do *corpus* em análise é relativa ao período a partir de 1991 até meados de 2005. São exemplos extraídos da imprensa brasileira, que se inserem no âmbito da *Base de Termos da Economia, Projeto Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo (TermNeo)*, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Ieda M. Alves.

As unidades terminológicas apresentadas estão todas contextualizadas e seguidas de suas referências: nome do jornal ou revista, data, página e coluna. Esses termos foram recolhidos em periódicos e revistas de caráter geral ou específico; no primeiro caso, eles se referem aos jornais de grande circulação nacional, tais como *Folha de S. Paulo*, *O Estado*

de S. Paulo, O Globo, e, no segundo caso, a revistas e jornais mais especializados, como *Exame*, *Conjuntura Econômica* e *Gazeta Mercantil*.

A escolha dos jornais não foi arbitrária, pois eles atingem um grande número de leitores, de forma que os termos citados nessas fontes têm a possibilidade de serem lidos por um contingente bastante grande de receptores.

O jornal *Gazeta Mercantil* foi escolhido para integrar a *Base de Dados* por ser o mais tradicional dos jornais especializados da área de Economia. Esse periódico é publicado desde 1920, e, conforme pudemos verificar por meio de consulta a especialistas, é um dos jornais mais lidos da área, além de ser também citado por Kucinski (1996, p. 190) como um dos mais importantes dessa temática.

Conforme já dissemos, o *corpus* de nossa investigação é composto somente por jornais e revistas. Contudo, utilizamos também um *corpus* científico, *Crises monetárias*, obra escrita por Krugman (2001), apenas para cruzarmos, de maneira não-aprofundada, algumas unidades do nosso *corpus* de estudo com os termos especializados de um *corpus* científico, de forma que pudéssemos verificar os tipos de metáfora ocorrentes e a sua frequência.

A princípio, foi fácil verificar, conforme hipótese já levantada por nós, a existência de um número maior de metáforas no *corpus* de divulgação, já que a necessidade de comunicar os saberes técnicos e científicos para um público não-especializado exigiria um número maior de metáforas. O *corpus* que pesquisamos tem apresentado dados suficientes para os objetivos de nossa pesquisa: possui em torno de 4.252 termos, com cerca de 600 unidades terminológicas de caráter polissêmico, sobretudo metafórico.

Dentre esses termos, verificamos que deveríamos delimitar também o número de termos analisados, visto que, se fôssemos examinar unidade por unidade, nosso trabalho tornar-se-ia muito amplo e não iria vislumbrar os dados realmente relevantes para os propósitos deste estudo, tais como a marcação de campos cognitivos.

Também não poderíamos estender a análise voltada para um *corpus* científico, porque esse tipo de procedimento excederia os limites da nossa pesquisa, ampliando de forma considerável o tempo e os objetivos deste trabalho.

Alguns termos formados por metonímia foram incluídos nesta análise, pois muitas vezes eles ocorrem concomitantemente à metáfora, tais como o termo *âncora verde*, em que *âncora* constitui uma metáfora, e *verde*, uma metonímia. Muitos deles também provêm de uma interação entre metáfora e metonímia, tais como os termos relativos a *pacote*: *pacote fiscal*, *pacote econômico*, *pacote tributário* etc.

2.2. Coleta de dados

Selecionamos, aproximadamente, de 600 a 700 termos metafóricos para procedermos à análise dessas ocorrências na *Base*. Esses termos, conforme já mencionamos, são provenientes de um *corpus* de divulgação (constituído pelos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *O Globo*, *Gazeta Mercantil*; revistas *Exame* e *Conjuntura Econômica*).

Os critérios que utilizamos para selecionar os termos metafóricos, em relação ao montante da *Base*, foram de ordem conceitual. Consideramos como termos metafóricos as unidades que se constituíam em empréstimos da língua geral para a terminológica, ou também aquelas que compreendiam alguma coisa em termos de outra. É o caso, por exemplo, do termo *guerra mercadológica*, em que a unidade *guerra* pode ser considerada metafórica pelo fato de conceituar a Economia em termos belicistas.

A *Base*, criada em 1991 (no programa *Microsoft Access*), apresenta 4.252 unidades (desde sua criação sob forma informatizada até meados de 2005). Esses termos coletados já estavam transcritos em uma ficha terminológica, que consta dos seguintes campos: termo, referências gramaticais, sigla ou forma abreviada, variantes, contexto(s) e referências do(s) contexto(s), definição, dados fraseológicos, observações lingüísticas, observações enciclopédicas, termos relacionados, sinônimos, autor da ficha, revisor da ficha e data de registro. Podemos encontrar também na ficha terminológica o campo *marca de ponderação*, que atesta o registro lexicográfico (no caso de sua existência) do termo em alguns dicionários de língua geral e especializados tais como *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, *MICHAELIS: moderno*

dicionário da língua portuguesa, Glossário de termos neológicos da economia e Novo dicionário de economia.

Entre as siglas encontradas nos exemplos de fichas terminológicas transcritas a seguir, encontramos: sf = substantivo feminino; FSP = Folha de S. Paulo; p. = página; c. = coluna; s = substantivo; adj = adjetivo. Extraímos da *Base* dois exemplos de fichas cujos termos são formações sintagmáticas. Nas observações complementares de cada um desses termos, aparecem as seguintes informações: s metafórico + adj para *ciranda financeira* e s + adj (metafórico) para *congelamento branco*. No primeiro caso, esse tipo de notação significa que só o substantivo é metafórico (*ciranda*), e não o adjetivo (*financeira*); no segundo caso, os dois termos são metafóricos, tanto o substantivo quanto o adjetivo, e por isso a notação *metafórica* aparece entre parênteses só ao final:

FICHA TERMINOLÓGICA

ID:168

Termo: ciranda financeira

Variante(s):

Sigla ou forma :

Referências gramaticais: sf

Contexto: Em resumo, a equipe econômica está torrando o patrimônio público na fogueira das <cirandas financeiras> nacional e internacional sem diminuir um dólar na dívida externa ou um real na dívida pública, senão que expandindo-as explosivamente e reduzindo à impotência o Tesouro Nacional e o Banco Central para operar políticas fiscal e monetária dignas deste nome.

Referências: (FSP, 01-02-98, p. 2.5, c. 6)

Contexto: O retrato parece inequívoco: o chamado desmonte do Estado, a

liberalização em nome da competitividade, a flexibilização do mercado de trabalho, a redução dos gastos sociais corresponderam, na prática, a um aprisionamento dos Estados numa <ciranda financeira> de proporções planetárias.

Referências: (FSP, 10-12-95, p. 2.2, c. 5)

Contexto: <Ciranda Financeira> O termo virou moda no governo Sarney (85-90), quando se tornaram comuns as aplicações financeiras com prazo de apenas 24 horas, sustentadas pelos títulos da dívida federal. Acreditou-se que essa ciranda alimentava a inflação, e tal diagnóstico contribuiu para que o Plano Collor (90) confiscasse a poupança e outras aplicações bancárias. Ainda no governo Itamar (92-94), estudou-se acabar com o fundão, aplicação que permitia ganhos diários.

Referências: (FSP, 23-11-97, p. 2.15, c. 2)

Contexto: Na opinião dele, esse conflito de interesses e visões vai obrigar o país a discutir o fim da <ciranda financeira>. "A questão que está por trás da valorização do real é a absurda taxa de juros que se pratica no Brasil há mais de 20 anos", diz Possas. [Sandra Balbi]

Referências: (FSP, 18-05-03, p. B.7, c. 1)

Contexto: A <ciranda financeira> dos mercados desregulados agrava a instabilidade global que ronda a economia internacional. O domínio asiático se agiganta, podendo atingir a China, e a crise russa ameaça a estabilidade da moeda europeia. Os europeus acertaram tacitamente um empréstimo de emergência à Rússia, que não foi confirmado na reunião da OCDE na semana passada. Uma vez mais, como no caso da Coreia, os Estados Unidos frearam a ajuda dos países vizinhos, para impor as suas regras por meio do FMI.

Referências: (FSP, 21-06-98, p. 2.5, c. 1)

Contexto: Com esse cenário de juros e inflação baixos, agora é que vamos ver concorrência de fato entre os bancos. Os ganhos com títulos públicos vão cair",

afirma Celina Vansetti, vice-presidente da agência de classificação de risco Moody's. Muito se falou sobre isso nos últimos anos, desde que o Plano Real controlou a inflação e acabou com os ganhos da <ciranda financeira>.

Referências: (FSP, 23-07-00, p. B.6, c. 1)

Contexto: O provável serviço dos pequenos bancos, (...), tem por trás o fim de seu principal ganha-pão, a <ciranda financeira>.

Referências: (FSP, 15-12-96, p. 3, c. 1)

Contexto: A questão da <ciranda financeira> era um pouco fantasiosa. Se as empresas tinham recursos disponíveis, mas não estavam habilitadas, por qualquer razão, a investir na atividade própria, elas recorriam ao sistema financeiro.

Referências: (FSP, 26-05-91, p. 3.5, c. 4)

Contexto: "O presidente da UIP (União Industrial do Paraguai), Arturo Jara Avelli, disse à Agência FOLHA, em entrevista no Palácio da Justiça, na última quarta-feira, que teme por uma "quebradeira geral" no país provocada pela falta de crédito. Avelli afirmou que o problema no setor financeiro do país foi gerado pela <"ciranda financeira">, movida por aplicações com juros reais atraentes. Ele disse que há tempos já havia levado sua preocupação ao governo.

Referências: (FSP, 18-06-95, p. 2.8, c. 3)

Definição: Movimentação especulativa causada pela aplicação e retirada de investimentos no mercado financeiro.

Área: Economia

Subárea:

Observações lingüísticas: formação sintagmática

Observações complementares: s metafórico + adj

Dados fraseológicos:

Observações enciclopédicas:

Termos relacionados:

Sinônimos:

Autor da ficha: Elaine

Autor do registro atualizado: Adriana, Cristiane, Iara, Alberto, Shirley, Juliana

Revisor: Ieda

Data de registro: 02-set-98

Data de atualização: 06-jul-05

FICHA TERMINOLÓGICA

ID: 193

Área: Economia

Subárea:

Termo: congelamento branco

Variante(s):

Sigla ou forma abreviada:

Referências gramaticais: sm

Marca de ponderação:

Contexto(s): "E por uma política de câmbio em princípio flexível, embora compatível com um período em que o Banco Central atuaria no mercado para manter a taxa de câmbio fixa (o chamado <"congelamento branco">).

Referência: (FSP, 22-05-94, p. 2.2, c. 3)

Definição:**Observações lingüísticas:** formação sintagmática**Observações complementares:** s + adj (metafórico)**Dados fraseológicos:****Termos relacionados:****Sinônimos:****Data:** 23-mai-94**Autor da ficha:** Elaine**Autor do registro atualizado:****Data de atualização:** 06-jul-05**Revisor:** Ieda

Após verificarmos todos os termos da *Base de Termos da Economia*, selecionamos todas as unidades polissêmicas para comporem o conjunto de unidades metafóricas a serem analisadas. Para tanto, levamos em consideração as lexias simples e as compostas (composição e formação sintagmática), deixando, entretanto, de considerar, para os propósitos desta pesquisa, os estrangeirismos, como por exemplo, o termo “*El Niño* financeiro”, misto de xenismo com processo vernáculo.

2.3. Procedimentos de análise

Os termos foram analisados numa abordagem semântico-conceitual, sobretudo de caráter cognitivo, levando em consideração, principalmente, a organização dessas unidades em campos conceituais, nos quais os termos se circunscreviam. No *corpus* em análise encontramos muitas unidades relacionadas à guerra, força, poder e agressividade, tais como os termos *ataque especulativo*, *ataque especulativo clássico*, *bomba inflacionária*, *estar na linha do tiro*, *guerra comercial*, *guerra fiscal*, *guerra mercadológica*, *choque*, *choque*

cambial, choque de juros, choque de oferta, choque de preços, choque econômico, choque heterodoxo, choque fiscal, choque inflacionário, entre outros. Esses termos, da forma que se apresentavam, nos levaram a estabelecer um campo conceitual do tipo ECONOMIA É GUERRA. Feito esse mapeamento, partimos para a análise das unidades.

Contudo, conforme já dissemos, nem todos os termos foram estudados, pois a preferência de análise foi dada aos termos que se circunscrevessem em algum campo conceptual representativo para o *corpus* pesquisado.

Um dos procedimentos de análise levou também em consideração, no caso das lexias complexas (composições e formações sintagmáticas), a posição que a metáfora assumia em cada uma dessas formações. Esse tipo de análise propiciou, assim acreditamos, verificar não só a função morfossintática da metáfora, como também as relações semânticas envolvidas em cada um desses processos. Vejamos, logo abaixo, um exemplo de análise das lexias complexas do tipo *ataque especulativo* e *ataque especulativo clássico*:

Observando os termos *ataque especulativo* e *ataque especulativo clássico*, verificamos que, nesses sintagmas, o primeiro elemento, o termo determinado é metafórico e o elemento determinante, referente ao tipo de *ataque*, é o que imprime um caráter específico ao sintagma, dotando o adjetivo *especulativo* de valor personificador, pois “especular” é uma competência humana. Sendo assim, possivelmente o termo é personificado para que possamos entender melhor o que está em “jogo” na conceituação da unidade terminológica, ou seja, a ação humana no ato de especular.

Em *ataque especulativo clássico*, o termo se expande mais uma vez à direita, por meio do adjetivo *clássico*, a fim de se empregar um novo matiz ao conceito de *ataque especulativo*, denominando um processo em que, de fato, não houve apostas contra a moeda local, mas, ao contrário, pressões para testar o governo:

. *ataque especulativo*

Embora o ministro da Fazenda tenha enfatizado que os ataques atualmente são “imprevisíveis”, seu colega Kandir elencou para os parlamentares as nove condições que levam um país a ser mais propenso a um <ataque especulativo>: [...] (FSP, 23-11-97, p. 2.5, c. 5 e 6)

. *ataque especulativo clássico*

A equipe econômica avalia que o Brasil não sofreu um <ataque especulativo clássico>. Isto é, não houve apostas contra a moeda brasileira. Foram apenas pressões para testar o governo. (FSP, 02-11-97, p. 2.3, c. 3)

Sendo a maior parte dos termos constituídos por formação sintagmática, em torno de 79%, julgamos natural a ocorrência desse tipo de análise, situação na qual verificamos, por exemplo, se a metáfora é mais produtiva na função de elemento determinado ou de determinante.

Quando foi possível, também mostramos a motivação semântica da origem da unidade terminológica, como, por exemplo, a do termo *linha marrom*, em que *marrom* é tomado metonimicamente para se referir à linha de produtos de áudio e vídeo¹.

A análise das unidades terminológicas levou também em consideração algumas relações endofóricas do termo, ou seja, suas relações sintáticas e semânticas; no nosso caso, mais especificamente para os propósitos desta pesquisa, sobretudo as relações semânticas.

Conforme já foi dito, no primeiro parágrafo, para realizarmos a análise dos termos, primeiramente ordenamos as unidades em categorias conceptuais a partir de um mapeamento cognitivo para, logo em seguida, procedermos à análise de cada um deles, considerando algumas relações endofóricas e, quando assim se mostrou relevante para a compreensão do termo, também algumas relações exofóricas, ou seja, o contexto, a situação e a intenção de comunicação.

As definições das unidades terminológicas (quando ainda não definidas pelo *Glossário*) foram elaboradas, na medida do possível, de acordo com critérios adotados pelo *Glossário de Termos Neológicos da Economia*². Pensamos neste material como modelo para a definição de termos, porque acreditamos que esse glossário, além de adotar critérios terminológicos, também se preocupa com a compreensão do público em geral.

Para cada termo metafórico definido e analisado foi apresentada uma contextualização para essas unidades, sendo que antes de sua contextualização o termo aparece iniciado por ponto, e a unidade que consideramos como metafórica aparece

¹ Conforme informação coletada do analista em logística do Hipermercado Extra, Sr. Marco Aurélio Pattoli, o termo refere-se à época em que os esses aparelhos eram revestidos em madeira (cor predominantemente marrom) o que, portanto, explicaria a origem dessa metonímia: por meio dessa cor, faz-se referência a todos aparelhos de áudio e vídeo que, antigamente, eram embutidos em madeira, e, atualmente, são revestidos em plástico duro preto ou até mesmo em outras cores.

² Alves (2001, p. 14): As definições apresentam um termo genérico e as características que individualizam o termo definido. Redigidas de forma intencionalmente curta e com o objetivo de serem compreendidas por leitores não-especializados, foram baseadas nos contextos encontrados e, muitas vezes, complementadas pelos professores de Economia que as validaram do ponto de vista conceitual. Em alguns casos, contextos pouco elucidativos levaram-nos também a buscar apoio em obras de Economia [...].

destacada em *itálico*. A unidade metafórica, dentro do contexto apresentado, aparece destacada por parênteses angulares. Após a sua contextualização, ela é seguida das referências do jornal em que os termos foram extraídos, conforme demonstra o exemplo a seguir:

. ataque especulativo clássico

A equipe econômica avalia que o Brasil não sofreu um <ataque especulativo clássico>. Isto é, não houve apostas contra a moeda brasileira. Foram apenas pressões para testar o governo. (FSP, 02-11-97, p. 2.3, c. 3)

Por último, gostaríamos de destacar que os termos extraídos do *corpus* textual foram sujeitos a uma abordagem, sobretudo, semasiológica, permitindo, por meio do estudo de seus significados, identificar, analisar e estabelecer tipologias em relação aos termos metafóricos que fazem parte dessa Terminologia.

II. A metáfora nos estudos lingüísticos e terminológicos

Muito se tem escrito sobre a metáfora. Há muita literatura sobre este processo semântico, tratando-a quer sob a perspectiva da Retórica, como recurso ilustrativo, quer como fator de subjetividade e expressividade – pensando-se possivelmente aqui mais propriamente na Semântica de Ullmann. Ela também já foi alvo de estudos diacrônicos, e nessa perspectiva, podemos citar Bréal, criador do termo *polissemia*.

Conforme apresentação à edição brasileira de *Metáforas da vida cotidiana* (2002, p. 26), a metáfora também contou com a preocupação de alguns filósofos da linguagem. Wittgenstein e Putnam, por exemplo, questionam toda a concepção aristotélica a respeito desse processo semântico.

Um ponto que nos parece bastante comum em toda a tradição dos estudos que envolvem a metáfora é a idéia de conceituá-la como um processo que estabelece, entre dois objetos, uma relação de semelhança. Porém, ultimamente, este paradigma tem sido rompido a favor da idéia da metáfora como um fenômeno abrangente, afetando não apenas a linguagem, mas o próprio sistema de pensamento e de categorização do real e mesmo a ação humana.

Para Nöth (1985, p. 2), há dois princípios fundamentais para a definição da metáfora, que seriam os critérios de substituição e de semelhança. O primeiro baseia-se na idéia da “transferência” de um termo usual por um não-usual, e o segundo, na idéia da semelhança que requer uma relação de analogia ou comparação entre os termos relacionados. Black (1962, *apud* Nöth, 1985, p. 2)³ ainda fala em “interação”, critério utilizado para descrever a metáfora a partir de um ponto de vista sintagmático, no qual ela aparece como uma resolução de tensão semântica entre a expressão metafórica e o contexto em que é empregada:

The interaction theory proposed by Black (1962) and earlier by Richards (1936), on the other hand, explains metaphor primarily from a *syntagmatic* point of view as the resolution of a semantic tension between the metaphoric expression and its context but even the syntagmatic structure of metaphor necessarily presupposes a paradigmatic dimension, so that the two aspects are again complementary.

³ BLACK, M. *Models and metaphors*. New York: Cornell University Press, 1962.

Contudo, a metáfora como manifestação de relação de semelhança e comparação tem sido questionada. Nöth (1985, p. 9) apresenta dois argumentos para isso, um de natureza lógica e o outro de natureza ontológica. O autor coloca que do ponto de vista lógico esse critério é bastante trivial, pois qualquer coisa comparada a outra é similar em algum aspecto. O argumento ontológico crítica essa visão “ingênua” da metáfora apenas como elemento de comparação, pois esse fundamento não extrapola o limite da objetividade.

Colocadas essas questões acerca da definição da metáfora como processo de substituição, de analogia ou mesmo de interação e atualmente como mecanismo cognitivo, passemos a tratar um pouco da Semântica Lexical, domínio em que a metáfora ocupa um espaço privilegiado em relação aos seus estudos.

Para Silva (1999, p. 25), distinguem-se na história dessa disciplina (desde seu nascimento como disciplina lingüística) as seguintes correntes principais: a semântica histórico-filológica (de Bréal, Darmesteter, Paul, Wundt, Carnoy, Stern, etc.), a semântica estrutural (de Trier, Weisgerber, Porzig, Pottier, Coseriu, Lyons, etc.) – nela incluída a semântica transformacional neo-estrutural (particularmente de Katz e Fodor) –, a semântica lógica (de Dowty 1979, por exemplo) e a semântica cognitiva.

Para uma síntese comparativa dos princípios, métodos e objetivos dessas correntes, atentemos para as observações de Geeraerts (1988, *apud* Silva, 1999, p. 25)⁴:

Teoria: Semântica Histórico-Filológica

Período: de ± 1870 a ± 1930

Ponto de vista: linguagem como expressão de um indivíduo ou de uma comunidade

Domínio empírico: mudanças semânticas

Princípio explicativo: princípios de expressividade e de eficiência

Teoria: Semântica Estrutural

⁴ GEERARTS, Dirk. “Cognitive Grammar and the history of Lexical Semantics”, in Rudzka-Ostyn (ed.), p. 647-677 (tradução publicada como “La Grammaire Cognitive et l’histoire de la Sémantique Lexicale”, in Vandeloise, ed., 1991, p. 17-50), 1988.

Período: de ± 1930 a ± 1975

Ponto de vista: linguagem como estrutura autônoma

Domínio empírico: relações semânticas paradigmáticas e sintagmáticas

Princípio explicativo: decomposição da significação ou relações de implicação

Teoria: Semântica Lógica

Período: ± 1970

Ponto de vista: linguagem como referência aos mundos possíveis

Domínio empírico: condições de verdade das proposições

Princípio explicativo: composicionalidade algorítmica

Teoria: Semântica Cognitiva

Período: ± 1975

Ponto de vista: linguagem como instrumento cognitivo

Domínio empírico: flexibilidade, estrutura interna, natureza baseada na experiência e caráter enciclopédico dos conceitos lexicais

Como pudemos observar, nesse novo contexto, o domínio empírico no qual se circunscreve a Semântica Cognitiva é flexível, levando em consideração informações enciclopédicas, cuja forma de pensar a linguagem perscrutará o desenvolvimento do nosso trabalho, permitindo-nos, por exemplo, sistematizar as unidades terminológicas de forma que possamos compreender os conceitos que subjazem a cada um deles.

Na Semântica Cognitiva, não só a metáfora mas também a metonímia passam a desempenhar um papel de destaque, em oposição à tradição retórica, que via esses dois processos semânticos como recursos de ornamentação da linguagem. A metáfora, nesse novo prisma, passa a constituir “um importante processo cognitivo, uma importante estratégia de conceptualização”. Para Silva (1999, p. 44), no nível lexical, esse processo está na base da extensão semântica dos itens lexicais:

Metáfora e metonímia constituem dois importantes processos cognitivos, duas importantes estratégias de conceptualização. A nível lexical, elas estão na base da extensão semântica dos itens

lexicais (isto é, do alargamento de um mesmo item a outros significados ou aplicações semânticas) e do processo de mudança semântica, embora não sejam os únicos mecanismos de extensão e de mudança semântica (entre outros, também a generalização e a especialização) e actuem noutros processos (tais como formação e criação de palavras).

1. Os estudos clássicos sobre a metáfora

Para traçarmos um percurso que envolve a metáfora nos estudos tradicionais, mostraremos como ela é tratada em Aristóteles, Quintiliano, Bréal e Ullmann.

Aristóteles

O estudo da metáfora, em sua origem, não pertencia ao âmbito dos estudos da língua, mas à Retórica.

A visão de Aristóteles corresponde ao que Ricoeur (1975, p. 85) chama de “retórica da metáfora”, na qual a *palavra* é a unidade de referência:

Toda a teoria dos tropos e das figuras se funda no primado da palavra, ao mesmo tempo que apela constantemente para um retorno à polaridade da idéia e do juízo refletida na da palavra e da frase que só apresenta um “sentido completo e finito”.

Aristóteles (1966, *apud* Moisés, 1988, p. 326)⁵ afirma que “a metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para espécie de outra, ou por analogia”, ou ainda, que “grande importância tem, pois, o uso discreto de cada uma das mencionadas espécies de nomes, de nomes duplos e de palavras estrangeiras; maior todavia é a do uso das metáforas, porque tal se não aprende nos demais, e revela portanto o engenho natural; com efeito, bem saber descobrir as metáforas, significa bem se aperceber das semelhanças”.

⁵ Aristóteles. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.

Esse mesmo ponto de vista é encontrado em dois grandes dicionários de língua brasileiros (*Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* e *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*), cujas definições, além do foco na mudança de sentido da palavra, insistem particularmente na relação de *semelhança* entre o sentido literal e o sentido figurado⁶.

Os dicionários de língua citados, quando definem a metáfora em seus verbetes, empregam as palavras “tropo” ou “designação” para conceituar o termo. Sendo assim, parece consensual tratar o fenômeno como pertencendo ao âmbito da Retórica, significando que o registro lexicográfico compartilha a visão de que a metáfora não passa de um recurso ilustrativo, exercendo a função de ornamento literário.

Se tomarmos a definição da *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara (2001, p. 397), perceberemos que o autor avança na definição calcada na Retórica apresentada pelos dicionários de língua *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* e *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, pois explora o limite da conceituação da metáfora apenas como um mecanismo de ornamentação da linguagem: “a) metáfora – translação de significado motivado pelo emprego em solidariedades [...] em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados”. Portanto, na definição apresentada por Bechara, observamos que o autor compreende a metáfora, sobretudo, como um processo analógico, sendo ela empregada largamente na língua espontânea ou literária.

Quintiliano

Os latinos, herdeiros culturais dos gregos, também se detiveram no exame da questão. Quintiliano, após denominar *translatio* o que os gregos chamavam de *metaphorá*, dá testemunho do seu emprego universal, lembrando “que mesmo pessoas sem cultura nem sensibilidade a usam com freqüência”. Assim, termina por conceituá-la: “*metaphora brevior est similitudo*”. Ou seja, o autor define a metáfora como um processo de

⁶ *Aurélio* (1999): [Do gr. *metaphorá*, pelo lat. *metaphora*.] **S.f.** 1. Tropo que consiste na transferência de uma palavra para um âmbito semântico que não é o do objeto que ela designa, e que se fundamenta numa relação de semelhança subentendida entre o sentido próprio e o figurado; translação. [Por metáfora, chama-se *raposa* a uma pessoa astuta, ou se designa a juventude *primavera* da vida.]

Houaiss (2001): **s.f.** (sXIV cf. AGC) ESTIL LING RET designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança [...] transposição do sentido próprio ao figurado [...].

comparação abreviada: “Há comparação quando se diz de um homem que em certa ocasião agiu como um leão; metáfora, quando digo do homem: é um leão” (*Institutio Oratoriae*, tr. fr. de Henri Bornecque, 1934, liv. VIII, 6, 4 e 8)”⁷.

Assim, a doutrina latina adicionava minúcias à tradição aristotélica em relação à definição da metáfora, minúcias essas que serão retomadas, por exemplo, por Richards (1936, *apud* Nöth, 1985, p. 2)⁸, que explora, especialmente, a noção de metáfora como processo de transferência (*translatio*).

Para Nöth (1985, p. 8), a reflexão de Quintiliano a respeito da metáfora coloca-a entre as mais conhecidas versões como elemento de comparação:

Quintilian’s hypothesis of metaphor as an abbreviated comparison (cf. Lausberg, 1960§ 558ff.) is among the best known versions of the comparison theory of metaphor. The concept of comparison, however, exhibits, as Le Guern (1973: 52) notes a certain ambiguity, inasmuch as it functions as a collective term for two clearly distinct concepts in classical grammatical theory, viz. *comparatio* and *similitudo*.

Bréal

Criador do termo *polissemia*, sua teoria a respeito da metáfora coloca-a numa perspectiva diacrônica. Também compartilha da idéia de que a metáfora surge a partir de uma similitude colocada entre dois objetos.

Bréal ressalta que a metáfora muda instantaneamente o sentido das palavras, cria expressões novas de um modo súbito, de maneira que ela não permanece tal como em seu início: “logo o espírito se habitua à imagem; seu próprio sucesso a faz empalidecer, ela se torna uma representação da idéia apenas mais colorida que a palavra própria”⁹.

Assim, Bréal afirma que todas as línguas poderiam construir seu “museu de metáforas”. São vários os exemplos em que o autor, por meio de um critério diacrônico, reativa o valor metafórico de algumas palavras. Vejamos alguns exemplos (cf. Bréal, 1992, p. 94):

⁷ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1988.

⁸ RICHARDS, S. A. *The philosophy of rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, 1936.

⁹ Quanto a essa colocação feita por Bréal, vamos retomá-la em outro momento da Dissertação, quando tratarmos da dificuldade de se diferenciar, às vezes, uma metáfora “viva” de uma metáfora “morta”.

[...] o verbo *einwirken*, muitas vezes tão empregado de modo mais abstrato corresponde ao latim *intexere*. E semelhantemente o latim *exprimere*, que volta muitas vezes neste livro, é um empréstimo feito às artes, pois que marca a idéia de uma impressão: por si só, poderia nos ensinar, se já não o soubéssemos, que os antigos conheciam o trabalho em relevo. Muitos usos abolidos se perpetuam em uma locução que ficou banal. Ao dizer que uma personagem está *investida (revêtu)* de um título ou de uma dignidade, ninguém hoje pensa na investidura.

Bréal também assevera que algumas metáforas não são compreendidas por nós porque não conhecemos a sua história. É interessante notar aqui, neste ponto da discussão, que a Semântica Diacrônica ou Histórico-Filológica será retomada parcialmente pela Semântica Cognitiva, conforme afirma Silva (1999, p. 27)¹⁰.

Ullmann

Ullmann compreende o fenômeno da metáfora, sobretudo, como um fator de imaginação e expressividade. Esse autor (1964, p. 442) também percebe a metáfora como um fenômeno de transferência, afirmando que a base de sua estrutura é comparativa.

O autor ainda acredita que a metáfora exprime a faculdade imaginativa do homem, e divide-a em quatro categorias:

- a) metáforas antropomórficas: originam-se a partir da relação do homem com seu próprio corpo:

Na terminologia de Sperber, o corpo humano é um poderoso centro tanto de expansão metafórica como de atracção [...]; no geral, todavia, as metáforas *provenientes* desta esfera parecem ser muito mais freqüentes que as que lhe são dirigidas.

¹⁰ A segunda chave interpretativa é a de que a Semântica Cognitiva representa um “regresso parcial” às posições da Semântica Histórico-Filológica (contra a qual a Semântica Estrutural se afirmou): ambas partilham de uma concepção “psicológica” e “enciclopédica” da significação, ambas concebem os conceitos lexicais como complexos polissêmicos flexíveis cujas associações e mecanismos de mudança importam estudar, ambas tomam metodologicamente uma orientação hermenêutica.

- b) metáforas animais: o reino animal é uma fonte perpétua de imagens. Algumas delas aplicam-se a plantas ou a objetos: *dente-de-leão*. Outras aplicam-se à esfera humana, em que muitas vezes adquirem significações humorísticas, irônicas, pejorativas e grotescas. Um ser humano pode ser comparado a uma infindável variedade de animais: um *cão*, um *gato*, um *porco* etc.
- c) do concreto ao abstrato: uma das tendências básicas da metáfora consiste em traduzir experiências abstratas em termos concretos.
- d) metáforas sinestésicas: baseiam-se nas transposições de um sentido para outro: do ouvido para a vista, do tato para o ouvido etc.

Essa percepção imaginativa, em que se calca a metáfora, é retomada também pela teoria cognitivista, que defende que o homem abstrai por meio de metáforas, que por sua vez são geradas a partir da nossa relação com a natureza. Porém, se para Ullmann usamos uma metáfora animal apenas para satisfazermos uma capacidade imaginativa, na teoria cognitivista essa mesma metáfora é pensada antes de tudo como um conceito.

Encerramos os estudos clássicos sobre a metáfora a partir da perspectiva apresentada por Ullmann, porque acreditamos que ele é um dos últimos autores – a começar por Aristóteles – que concebe a metáfora apenas como um processo de comparação.

No próximo subcapítulo, falaremos acerca da teoria cognitivista, teoria essa que extrapola os limites da metáfora como um simples processo de transferência ou recurso ilustrativo, possibilitando assim uma análise mais aprofundada desse processo nos estudos terminológicos.

2. A metáfora nos estudos lingüísticos atuais

Em relação a este tópico, procuraremos nos deter no domínio da Semântica Cognitiva, já que os termos do *corpus* que estudamos serão analisados principalmente à luz dessa teoria.

A metáfora ocupa um lugar central na abordagem cognitiva da significação lexical. Essa nova abordagem é iniciada por Lakoff & Johnson em *Metáforas da vida cotidiana* (2002, p. 45), em que os autores defendem a idéia de que as metáforas surgem a partir de nosso cotidiano e conceptualizam a nossa relação com o mundo:

A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento ou ação. Por essa razão, a maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós descobrimos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.

Em apresentação à edição brasileira da tradução do livro de *Metáforas da vida cotidiana*, dos autores citados, Zanotto afirma que a obra representa uma consolidação da ruptura paradigmática que vinha ocorrendo desde a década de 1970, pondo em crise o enfoque objetivista da metáfora e atribuindo a ela um *status* epistemológico: essa virada paradigmática rompe com a tradição retórica iniciada por Aristóteles, no século IV a.C., contribuindo assim, definitivamente, para mudar uma história de mais de dois milênios.

Para Lakoff e Johnson, o predomínio dessa visão retórica da metáfora na cultura ocidental se justifica pelo que eles denominam “mito do objetivismo”, “que dominou a cultura ocidental, e em particular a filosofia ocidental, dos pré-socráticos até os dias de hoje” (2002, p. 195).

Para eles, o objetivismo é um termo genérico, que engloba o Racionalismo Cartesiano, o Empirismo, a Filosofia Kantiana, o Positivismo Lógico etc. Em suma, ele abrange todas as correntes da filosofia ocidental que assumem ser possível o acesso a verdades absolutas e incondicionais sobre o mundo objetivo e que entendem a linguagem como mero espelho da realidade objetiva. Nesse contexto, a metáfora e outras espécies de

linguagem figurada deveriam ser sempre evitadas quando se pretendesse falar objetivamente.

No entanto, no século XX, primeiramente na filosofia, começa a se desenvolver uma mudança radical desse quadro. O dogma da metáfora como figura de retórica com todas as suas implicações começa a ser questionado nas suas bases.

O novo paradigma, que rejeita os pressupostos objetivistas e suas implicações, baseia-se na idéia central de que a cognição é o resultado de uma construção mental. O conhecimento da realidade tem sua origem na percepção, na linguagem ou na memória, e precisa ir além da informação dada.

Assim, a partir de 1970, a metáfora se torna objeto de interesse central das ciências humanas, mais especificamente das ciências da linguagem e da Psicologia Cognitiva. Esta última ciência desenvolveu inúmeras pesquisas empíricas sobre o processo de compreensão da metáfora, ocorrendo assim um verdadeiro “boom” empírico na década de 1970.

Zanotto também afirma que, a partir de 1989, Lakoff, em parceria com Turner, revela que o sistema metafórico convencional é a base de compreensão e de produção das metáforas do texto literário. Essa concepção, portanto, fez com que caísse por terra a dicotomia linguagem literária/linguagem cotidiana, assim como o conceito de figura que a fundamenta: a figura não é mais considerada algo desviante, marginal ou periférico, mas sim um fenômeno central na linguagem e no pensamento, sendo onipresente em todos os tipos de linguagem, na cotidiana e na científica inclusive.

Em oposição à teoria cartesiana, corpo e mente não são mais vistos como separados, pois, segundo Lakoff e Johnson, compreendemos o mundo por meio de metáforas construídas com base em nossa experiência corporal. Nossa corporeidade e nossa mente interagem para dar sentido ao mundo. Esse aspecto fica evidente, por exemplo, nas metáforas orientacionais, como FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO, que se manifestam em enunciados como: “estou me sentindo para cima”, “ele está para baixo hoje”. Esse conceito metafórico tem uma base física: quando estamos tristes, ficamos com a postura caída e, quando estamos felizes, com a postura ereta.

Além das metáforas orientacionais, os autores apresentam, em *Metáforas da vida cotidiana* (2002, p. 49-86), as estruturais e as ontológicas.

As metáforas estruturais referem-se aos casos em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro. A representação metafórica dos conceitos que estruturam nossas atividades cotidianas pode aparecer em situações nas quais compreendemos o TEMPO em termos de DINHEIRO, por exemplo. A partir da experiência cultural de que tempo é um bem valioso, encontraremos enunciados metafóricos do tipo “Como você *gasta* seu tempo hoje em dia” ou “Você está *desperdiçando* meu tempo”.

Por último, Lakoff e Johnson (2002, p. 75) tratam das metáforas ontológicas, afirmando que a nossa experiência com substâncias e objetos físicos propicia uma outra base para a compreensão – uma base que vai além da simples orientação. Compreender nossas experiências em termos de objetos e substâncias permite-nos selecionar partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme. Uma vez que podemos identificar nossas experiências como entidades ou substâncias, podemos referir-nos a elas, categorizá-las, agrupá-las e quantificá-las – e, dessa forma, raciocinar sobre elas.

O conceito da metáfora como um mecanismo fundamental de compreensão leva ao questionamento de outras proposições objetivistas relativas ao sentido, à compreensão, à verdade e à objetividade, culminando por questionar, num sentido mais amplo, a oposição objetivismo/subjetivismo. Se o enfoque objetivista operava com as dicotomias – razão e emoção, literal e metafórico etc. –, Lakoff e Johnson propõem o enfoque experiencialista, que constituiria numa síntese pela qual a metáfora seria uma racionalidade imaginativa, unindo razão e imaginação.

Parece-nos, então, conforme afirma Silva (1999, p. 13), que o enfoque cognitivista dado à metáfora inaugura uma nova ciência, a Linguística Cognitiva, cujo contexto remete-nos a uma semântica cognitiva no ramo da Semântica Lexical:

Em matéria de semântica lexical, a abordagem cognitiva toma principalmente duas formas: (i) a teoria do protótipo sobre a estrutura das categorias lexicais e (ii) o estudo do papel epistemológico dos modelos cognitivos baseados na experiência humana e na cultura, motivado pelo interesse renovado pela metáfora generalizada.

Mais adiante, nesse mesmo trabalho, Silva (1999, p. 13-19) enumera as principais teses da Semântica Cognitiva, na qual a metáfora aparece como elemento central, já que por meio dela compreendemos o mundo que nos cerca:

1. A significação (“meaning”) é estudada como uma parte própria da cognição humana (e não como uma parte de uma estrutura lingüística autônoma) e, por conseguinte, em relação intrínseca com as capacidades cognoscitivas gerais (conceptualização, categorização, percepção, atenção, memória etc.);
2. o estudo semântico não pode ignorar a experiência e o meio cultural do falante, já que, sendo a linguagem um dos “instrumentos” conceptuais básicos do homem, ela tem por função cognoscitiva interpretar, organizar, fixar e exprimir a experiência humana, própria de um indivíduo ou de uma cultura;
3. como consequência dos princípios anteriores e, num plano mais geral, como consequência da negação da tese da autonomia da linguagem não pode haver lugar nem necessidade para a distinção (estruturalista, gerativista e logicista) entre conhecimento “semântico” e conhecimento “enciclopédico” ;
4. as categorias (itens) lexicais apresentam uma estrutura *prototípica* (baseada em *protótipos*), isto é, os vários membros e propriedades de uma categoria possuem, geralmente, diferentes graus de saliência (uns são prototípicos e outros periféricos), agrupam-se, fundamentalmente, por similaridades parciais (e não necessariamente por um conjunto de propriedades comuns a todos) e os limites entre si bem como entre diferentes categorias são, geralmente, imprecisos (na medida em que as categorias compreendem zonas periféricas à volta de centros prototípicos bem estabelecidos). Esta é, em traços gerais, a teoria da *categorização*, conhecida como *teoria do protótipo*. Como resultados e, também, como provas desta estrutura *prototípica*, podem apontar-se a grande flexibilidade das categorias lexicais (e da linguagem em geral), a sua natural polissemia, e ainda a sua eficiência cognoscitiva, no sentido de permitirem interpretar novas experiências em termos de conhecimentos já existentes;
5. em suma, a significação é um dos fenômenos lingüísticos primários, senão o primário, na medida em que a categorização for considerada a função primária da linguagem; é de natureza *enciclopédica*, no sentido de estar intimamente associada ao conhecimento do mundo.

Para finalizar, salientaríamos que a metáfora, nos estudos atuais, no âmbito da Semântica Cognitivista, atua como estratégia de conceptualização.

Silva (1999, p. 45) ressalta que, ao contrário das teorias estruturalistas e gerativistas, a metáfora e também a metonímia ocupam lugar central na abordagem cognitiva da significação lexical, “ao contrário do que se passa com outras teorias semânticas (os estruturalistas relegam-nas para o plano dos ‘faits de parole’ e os gerativistas encaram-nas como violações de regras de ‘competência’”).

Noções de que a metáfora se baseia numa relação de similaridade e de que a metonímia, por exemplo, assenta-se numa relação de contigüidade são um tanto quanto questionadas, no atual momento das pesquisas a respeito desses processos semânticos, pois nem sempre essas relações são devidamente entendidas e interpretadas. O autor (1999, p. 45) nos diz que, em primeiro lugar, não se trata necessariamente de relações reais: algumas são puramente mentais, ou, sobretudo, de ordem mental; e, em segundo lugar, *similaridade* deve entender-se como uma relação paradigmática que une entidades de diferentes domínios da experiência, e *contigüidade*, como uma relação sintagmática entre entidades de um mesmo domínio da experiência.

3. A metáfora como recurso de ampliação do léxico

Para Dirven e Paprotté (1985, p. 114), a metáfora, além de, em primeira instância, estabelecer conceitos aos termos, funciona como grande recurso responsável pela ampliação do léxico. Claro é também que, além desse processo de ampliação do léxico, encontramos outros recursos de criação de unidades lexicais ou de extensão de significado de determinados vocábulos: “New lexical items are formed by the rules of compounding, derivation, borrowing, the creation of neologisms, acronyms, etc”.

É interessante observar que esses autores afirmam que novas unidades lexicais são formadas por processos de composição, derivação, empréstimos, criações de neologismos, acrônimos etc. Entretanto, quando os autores falam em “criação de neologismos”, temos a impressão de que os outros processos tais como composição, derivação etc., constituem elementos à parte do processo de criação neológica.

Na verdade, os neologismos são formados por mecanismos provenientes da própria língua ou por unidades lexicais que se originam de outros sistemas lingüísticos, conforme

atesta Alves (2002, p. 5); portanto, composição e derivação, entre outros mecanismos, são processos de formação de neologismos:

O neologismo pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens léxicos provenientes de outros sistemas lingüísticos. Na língua portuguesa, os dois recursos têm sido amplamente empregados, diacrônica e sincronicamente.

O estudo da história da língua portuguesa nos revela que o léxico português, basicamente de origem latina, tem ampliado seu acervo por meio de mecanismos oriundos do latim, a derivação e a composição.

Alves (2002) ainda estabelece uma tipologia para descrever os processos de formação neológica no português brasileiro por meio de exemplos extraídos da imprensa brasileira, considerada desde meados dos anos 70, a saber: neologismos fonológicos (criação onomatopaica, recursos fonológicos), neologismos sintáticos (derivação prefixal, derivação sufixal, composição), conversão, neologismos semânticos, neologismos por empréstimo, entre outros processos.

Após essa ressalva, retomemos o tema a respeito do processo metafórico como índice de “alargamento” semântico de unidades lexicais.

Silva (1999, p. 45) afirma que a metáfora está na base da extensão semântica das unidades lexicais (isto é, do alargamento de uma mesma unidade a outros significados ou aplicações semânticas) e do processo de mudança semântica, embora não seja o único mecanismo de extensão e de mudança semântica (há, entre outros, a generalização e a especialização) e atue também em outros processos (tais como formação e criação de palavras).

Dirven (1985, p. 101-104) mostra, por exemplo, por meio da palavra *xícara* ou *taça* (*cup* em inglês)¹¹, como houve um alargamento do termo, principalmente por meio da metáfora. O autor ainda explica por que a metonímia como processo extensor da palavra *taça*, em inglês, é menos produtiva do que a metáfora. Uma possível explicação estaria fundada na natureza do conceito denotado por este objeto: a característica relacionada a beber parece ser transferível para um número menor de domínios, ao passo que as

¹¹ A melhor tradução para o português do Brasil, de acordo com contextos apresentados pelo *Oxford English Dictionary* (OED), seria *taça* em vez de *xícara*.

características gerais de *xícara* ou *taça*, em relação ao seu formato (sua cavidade, por exemplo) ou à sua função, cobririam um número maior de domínios¹².

Pensando nos termos da Economia no *corpus* de divulgação – objeto de nossos estudos –, percebemos que, no caso do termo *tigre asiático* (provavelmente, um decalque do inglês *Asian tiger*, que carrega consigo a metáfora do *tigre*), houve um alargamento lexical de ordem metafórica¹³.

Sabemos, por informação enciclopédica, que os tigres são os mais poderosos de todos os felinos, pelo fato de, por exemplo, possuírem os dentes caninos maiores do que qualquer outro animal dessa família, e também pelo fato de serem fortes o suficiente para arrastar grandes presas por longas distâncias, até mesmo um búfalo (www.saudeanimal.com.br).

Parece que todas as características do termo *tigre* citadas acima puderam provocar uma extensão lexical de cunho metafórico – ao nomear um determinado conceito em Economia (país asiático que se tornou grande exportador), compreendido em termos de força e poder.

Finalmente, é importante notar que, por meio destes mecanismos metafóricos, entre outros, tais como a metonímia, é possível dar conta da demanda de denominações. Para Arntz e Picht (1995), a polissemia tem um caráter especial no percurso onomasiológico da produção lexical:

¹² In the *Oxford English Dictionary* (OED), the noun *cup* has at least 24 meanings (see table 1). These can be grouped into two sets on the basis of the criterion “related to drinking or not related to drinking”. This basic distinction into two sets quite naturally coincides with a set of meanings based on metonymy (3-8) and those based on metaphor (12-24). In the metonymic extensions *cup* primordially denotes an entity (1-7) and, in one case, a state (8), viz. *Be in cups*, “be drunk”. As an entity *cup* can be seen either in its entirety (1-2) and then it is not metonymic, or in its partial aspects (3-7) such as the (4: a cupful) or specific kinds of contents such as the wine of communion (5), a bitter drink (6), in turn metaphorised as bitter experience, and finally a mixed beverage (7). The meaning extension of cup as prize-cup (9) is the result of a socio-cultural process whereby it became customary to offer champagne in a cup or to give a beautiful ornamented cup as a prize in a sporting contest. This new institutional symbol later came to stand for the contest itself as in *cup final* [...] In the metaphorical extensions (12-24) some characteristic features of the concept *cup* are in their entirety or partial aspects transferred to other domains. The shape of a cup as a container on a stem may be the ground for the metaphor in *acorn cup* (12) [...] All in all, this survey of the extensions of the meanings of *cup* reveals that metonymy and synecdoche together cover one third of the meanings and metaphor [...].

¹³ Não encontramos o termo *tigre asiático* nos dicionários de língua *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* e *Cambridge (International Dictionary of English)*; só o encontramos no *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, no qual sua definição é similar à dos dicionários terminológicos de Alves e de Sandroni.

La polisemia es extraordinariamente frecuente, porque solo a través de ella la lengua, con sus recursos relativamente limitados, puede hacer justicia a la enorme demanda de denominaciones [...]. De la gran cantidad de ejemplos que ofrece cualquier diccionario mono o plurilingüe del lenguaje común, solo vamos a mencionar uno [...]

Os autores citados anteriormente acreditam que a polissemia aparece com maior incidência na linguagem comum do que na linguagem especializada. Porém, não são todos os teóricos que concordam com essa afirmação. Para Silva (2003, p. 41), as inovações tecnológicas são um dos lugares privilegiados da inovação metafórica, por duas razões. Primeiro, há a necessidade de nomes para os novos elementos tecnológicos. Segundo, à medida que as novas tecnologias se vão tornando familiares, elas próprias constituem domínio-origem da metáfora.

4. A metáfora na Teoria Geral da Terminologia

Na TGT (Teoria Geral da Terminologia), ou melhor, na Terminologia tradicional, a metáfora é colocada à margem, pois é vista como fator polissêmico, que deve ser poupado na linguagem terminológica, para evitar a ambigüidade.

A Terminologia, em sua origem, partia da concepção de que uma linguagem técnico-científica deveria ser elaborada de uma maneira perfeita e unívoca, livre de confusões geradas pelas “imperfeições” da língua. A polissemia e a variação de denominação se constituíam, portanto, como um tipo de defeito para os propósitos terminológicos.

A Escola de Viena, corrente precursora dos estudos terminológicos, que considera Eugen Wüster como fundador, visava “à padronização de termos técnicos e, por vezes, o aparelhamento das línguas para responderem às exigências de uma comunicação profissional eficiente” (cf. Krieger & Finatto, 2004, p. 31).

Para Cabré (1993, p. 95), como a polissemia não era admitida na TGT, ela passa a ser resolvida em termos de homonímia. Porém, para a própria autora a realidade prática é

bem diferente da certeza almejada pela Terminologia tradicional, pois um mesmo significante pode estar relacionado a mais de um significado¹⁴.

Para Wüster (1998, p. 138), o homônimo é o termo que tem a mesma forma de outro, mas com significado diferente; dessa forma ele não existe sozinho. Um homônimo forma-se quando um termo polissêmico divide-se em vários termos individuais com significados distintos.

Neste caso, é interessante observar que o autor, mesmo admitindo o surgimento da homonímia a partir da polissemia, rechaça a idéia da existência de um termo puramente polissêmico, o que nos leva a concluir que a ocorrência da polissemia era tão inconcebível para a TGT, que passava a ser admitida neste tipo de linguagem apenas como ocorrência homonímica.

Entretanto, mesmo atualmente, admitindo-se a ocorrência não só da homonímia como também da polissemia em Terminologia, assentar limites entre um caso e outro, contudo, parece não ser tarefa tão fácil de realizar. Barros (2004, p. 228) salienta que a homonímia existe quando dois ou mais conceitos, em relação de oposição disjuntiva, são designados por uma mesma expressão. A palavra *manga*, por exemplo – que pode ter o sentido de fruta ou de parte da camisa que cobre os braços – é homônima, pois nada tem a ver uma com a outra do ponto de vista do conteúdo semântico, apenas a expressão é igual.

Essa definição, porém não resolve a diferenciação entre homonímia e polissemia, pois em ambos os casos há igualdade de expressão. Portanto, como nem sempre é fácil diferenciar um caso de outro, Barros (2004, p. 228) afirma que os terminólogos costumam adotar três critérios básicos para a distinção entre homonímia e polissemia: o da etimologia, o da consciência lingüística dos usuários e, enfim, o da configuração dos conteúdos das unidades lexicais.

¹⁴ Al comparar el léxico común y la terminología bajo este prisma, observamos que uno y otro sistema presentan características diversas. En efecto, las palabras del lenguaje común son casi todas polisémicas. Cada forma lingüística se asocia a una diversidad de significados (algunos, relacionados manifiestamente: *cuello*, referido a un animal/ a una parte de una camisa: otros, relacionados más remotamente: *banco*, asiento/entidad donde guardar el dinero). Los términos, dice la teoría, son 'per se' unívocos y monosémicos. A una forma le corresponde una sola denominación y solo una. La polisemia del léxico común se resuelve en terminología como una homonimia. Un término, situado en su sistema temático, solo indica un concepto (el término *cuello*, en anatomía, tiene un solo significado). La realidad práctica, sin embargo, no permite ser tan optimista en esa cuestión, ya que si analizamos el discurso, incluso dentro de una misma materia temática, una forma puede estar relacionada con más de un significado.

Sobre o primeiro critério, Reinhold Werner (1982 *apud* Barros, 2004, p. 228)¹⁵ explica que o critério etimológico só reconhece a existência de polissemia nos casos em que os distintos conteúdos tenham correspondência com significantes iguais que, do ponto de vista diacrônico, tenham uma mesma origem. Quanto à homonímia, ela só existe quando os diferentes significados tiverem significantes iguais que, do ponto de vista diacrônico, remontem a significantes diferentes. Barros (1982, p. 229), contudo, alerta para o fato de haver limites para a adoção desse critério e diz que, apesar da clareza e das vantagens funcionais do mesmo fundamento, ele só é eficiente no eixo da diacronia, não tendo nenhum efeito do ponto de vista de análise sincrônica.

Quanto ao critério da consciência lingüística dos usuários, Werner (1982, *apud* Barros, 2004, p. 229)¹⁶ acredita que haveria polissemia quando na consciência do falante existisse uma relação entre os diferentes conteúdos distribuídos em um único significante. Haveria, por outro lado, um caso de homonímia quando o falante já não visse nenhuma relação entre diferentes conteúdos que, no plano da expressão, apresentariam uma única forma.

Barros (2004, p. 229), todavia, acredita que esse critério adotado por Werner não é científico, uma vez que a consciência lingüística dos usuários não é um dado objetivo. Em contrapartida, para a autora, a análise sêmica das unidades lexicais seria o melhor critério para diferenciar a homonímia da polissemia. Para tanto, Werner (1982, *apud* Barros, 2004, p. 229)¹⁷ propõe algumas distinções possíveis para esse tipo de análise, em que só haveria polissemia quando a uma só forma no plano da expressão, correspondessem vários sememas que tenham, pelo menos, um sema em comum, e, homonímia quando esses sememas não contivessem nenhum sema comum¹⁸:

¹⁵ WERNER, R. "La Definición Lexicográfica". In: HAENCH, G. *et. al.* *La lexicografía de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid, Gredos/Biblioteca Románica Hispánica, 1982, pp. 259-328.

¹⁶ Idem, *ibidem*.

¹⁷ WERNER, R. "La Definición Lexicográfica". In: HAENCH, G. *et. al.* *La lexicografía de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid, Gredos/Biblioteca Románica Hispánica, 1982, pp. 259-328.

¹⁸ A título de exemplo, Barros (2004, p. 226-228) cita a palavra *martelo* como um termo polissêmico, cujo semema da unidade lexical é composto de vários conjuntos sêmicos, os quais possuem uma zona de intersecção semântica (ver no *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa* as suas diferentes acepções), e como termo homonímico, o termo *jogo*, que, no domínio da musicologia, possui dois significados diferentes, e, portanto são apresentados no dicionário em verbetes diferentes.

Segundo as teorias da Semântica Estrutural, em vez de buscar relações pouco precisas entre os conteúdos, parece lógico averiguar melhor os elementos comuns de sememas, o que, no caso da identidade no plano da expressão e de divergência no plano do conteúdo, poderia ser um critério para determinar que se trata de polissemia; sua falta significaria que se trata de homonímia.[...].

Barros (2004, p. 229) revela que a polissemia, em termos de tratamento terminográfico, agrupa todas as acepções em um único verbete. A homonímia, por sua vez, é tratada de modo que cada conceito seja descrito em um verbete diferente. Para a autora, esses critérios são tradicionais em Lexicografia; porém, em Terminologia, o critério mais adotado é o de abrir tantos verbetes quantos forem os conceitos designados pelo termo.

Retomando nossas observações a respeito da polissemia na TGT, notamos que Wüster (1998, p. 138-140), possivelmente preocupado em fixar a polissemia em termos de homonímia, apresenta de maneira bastante extensa e quase excessiva uma tipologia homonímica, segundo a sua forma, ou segundo a sua etimologia:

HOMÓNIMOS FORMALES SEGÚN LA FORMA [...]

1. Homónimos sólo homófonos son, por ejemplo: **de** *Waagen* (con dos *a*) ‘balanzas’ y **de** *Wagen* (con una *a*) ‘coche(s)’. [...]
2. Homónimos sólo homógrafos son, por ejemplo: **de** *rasten* [...]
3. Homónimos completos o totales, es decir, homónimos que son a la vez homófonos y homógrafos, [...]

HOMÓNIMOS FORMALES SEGÚN LA ETIMOLOGÍA [...]

1. Los homónimos accidentales son los que no están relacionados por su origen. [...]
 2. Los homónimos por transferencia se forman cuando, por transferencia de significado, la forma de una palabra recibe un segundo significado. [...]
- Los homónimos verticales constituyen una categoría especial de homónimos por transferencia. [...]
3. Los homónimos por relación entre componentes (*Fugen homonyme*) son palabras compuestas de forma externa idéntica [...]
 4. Normalmente, la palabra *homónimo* sólo se utiliza en sentido restringido [...]

Em resumo, na Terminologia tradicional, a metáfora era repelida. Para Temmerman (2000, p. 158), esse fato ocorria porque a Terminologia tradicional era representante de uma visão estruturalista da linguagem ligada ao Objetivismo. Outro elemento que também explicaria esta objeção à polissemia, em Terminologia, seria também o fato de Wüster ter sido engenheiro, industrial e professor, defendendo uma série de valores que representavam o espírito de desenvolvimento da tecnologia e da normalização terminológica que vigorava na Alemanha dos anos de 1920, baseados em conceitos rígidos.

Wüster, de acordo com Barros (2004, p. 53), tinha uma relação com a Lingüística, no entanto, ambígua, uma vez que se interessava, praticamente, apenas pelos termos, dissociando o léxico da gramática, do contexto e do discurso, vendo-os como unidades que existem e têm vida independente. Contudo, da década de 90 aos dias atuais, esses pressupostos teóricos e metodológicos da Terminologia são colocados à prova e passam, neste momento, por revisões gerais entre os estudiosos da Terminologia.

Por meio de toda uma crítica à TGT, surgiram novos trabalhos que colocam esta teoria na “berlinda”, considerando a Terminologia, especialmente, como fator comunicativo e social. Para Barros (2004, p. 36), questionamentos a respeito do modelo normalizador da Terminologia conduzem à Socioterminologia, cujos valores são expressos pelo grupo de estudiosos da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), proposta por Maria Teresa Cabré, por exemplo.

Neste novo prisma, a polissemia passa a ser prevista, aceita e tratada em trabalhos terminológicos. No bojo desta nova visão, começam a surgir trabalhos a respeito da função da metáfora nos textos terminológicos. Dentre os trabalhos de maior envergadura, encontramos, por exemplo, o de Rita Temmerman (2000), que incluiu os estudos da metáfora em suas propostas para uma Teoria Sociocognitiva da Terminologia.

5. A metáfora na Teoria Sociocognitiva

Se, na TGT, a polissemia era considerada como fator de “desvio”, dificultando a “normatização” dos termos, na Teoria Sociocognitiva a metáfora é considerada como

elemento “essencial” na Terminologia, sobretudo, no tocante à comunicação do saber científico.

Rita Temmerman, em *Towards New Ways of Terminology Description – the sociocognitive approach*, faz uma revisão crítica de toda a teoria tradicional da Terminologia, que prega, entre outros preceitos, o afastamento da metáfora do núcleo terminológico, firmando, neste novo viés teórico, o papel central da metáfora no saber terminológico.

Temmerman (2000, p. 160) defende que o raciocínio metafórico é responsável pela compreensão de novos fatos, processos ou outras categorias do saber científico. O raciocínio metafórico é usado para explicar novas situações com a ajuda da capacidade criativa do ser humano, que, por sua vez, é baseada em experiências humanas.

Muitos cognitivistas consideram a linguagem como um elo entre o pensamento e a compreensão. O pensamento metafórico é um dos elementos que permitem o alcance dessa atividade cognitiva. Nesse sentido, a metáfora é considerada um instrumento do pensamento, um elemento intermediário entre produção de sentido, imagem, representação conceptual e conhecimento geral enciclopédico¹⁹.

Temmerman, por meio de um *corpus* de Biotecnologia, descreve de que maneira o raciocínio metafórico, utilizado na denominação e na categorização das áreas do saber científico, deixa seus traços na linguagem.

A autora (2000, p. 184) focaliza, particularmente, a subárea da Genética, apresentando amostras da linguagem que os cientistas utilizaram para explicar o funcionamento dos genes. A análise desse *corpus* permitiu verificar que as analogias realizadas por esses pesquisadores possibilitaram a formação de “novas terminologias” com base nos Modelos Cognitivos Metafóricos (m-ICM). Esses modelos organizaram esse tipo de conhecimento de tal modo que alguns tipos de analogias resultaram em neolexicalizações, como mostram os exemplos abaixo:

¹⁹ Metaphorical thinking is a possible technique when attempting to understand. One associates what one is trying to come to grips with to something one understands already, to which the new unit of understanding has similarities. The associations involve a mental element, a language element and a creative element in which new units of reality may be brought to the awareness. [...] Metaphor is considered an instrument of thought, and transaction between the constructive effects of context, imagistic and conceptual representation, and general encyclopedic knowledge as we showed in our discussin of Lakoff and Johnson (1980).

DNA IS A LANGUAGE. Genes are messages written in a language. This is a first sub-m-ICM based on the experience that **information** is often expressed in a **language** [...].

DNA IS AN ATLAS OF MAPS. The totality of the localisation of genetic information of an organism (the genome) can be depicted on maps. Just like explorers of the globe depicted **information** on the localisation of geographical phenomena that they had been able to observe maps, geneticists mark the position of genes on genetic maps. [...].

DNA IS SOFTWARE. DNA is software which can be run by the cell. This a third sub-m-ICM based on the experience that **information** is often stored and made available in an **electronic format** [...].

DNA IS A FILM. DNA is a film which can be 'read' by a projector. This is a fourth sub-m-ICM based on the experience that **information** can be stored and made available on **film-tapes** [...].

Nas neolexicalizações metafóricas, propostas por Temmerman, são criados quatro tipos de analogias em relação ao DNA: DNA É UMA LÍNGUA (genes são mensagens escritas em uma determinada “linguagem”), DNA É UM ATLAS [a totalidade de localização de informação genética de um organismo (o genoma) pode ser descrita em mapas], DNA É UM SOFTWARE (DNA é um software que pode percorrer a célula), DNA É UM FILME (DNA é um filme que pode ser “lido” por um retroprojektor).

Essas metáforas surgem a partir da experiência do homem em relação à natureza, os chamados ICMs. Estes “modelos cognitivos idealizados” organizam o conhecimento, conforme afirma Temmerman (2000, p. 156). A autora afirma, no caso do *corpus* analisado por ela, que o ICM da informação, em Genética, é fonte para a criação de sub-m-ICMs, os quais são as realizações desse conceito em outros subdomínios relacionados à informação.

O primeiro sub-m-ICM, DNA É UMA LÍNGUA, baseia-se na experiência de que uma informação é frequentemente expressa em uma linguagem. No segundo, DNA É UM ATLAS, esse sub-m-ICM é estabelecido a partir da nossa experiência geográfica descrita, normalmente, em mapas. O terceiro, DNA É UM SOFTWARE, surge a partir da experiência de que a informação é frequentemente armazenada e disponibilizada em formato eletrônico. E, por último, DNA É UM FILME fundamenta-se na experiência de que a informação pode ser armazenada e disponibilizada em películas.

Contudo, a autora (2000, p. 192) faz uma crítica a esse modelo analógico, tratando de suas limitações. Não há, por exemplo, nesse modelo, um paralelismo integral entre os elementos envolvidos em algumas destas analogias.

Ainda refletindo acerca do modelo de análise de metáforas científicas, baseado nos ICMs, Temmerman (2000, p. 183) afirma que neolexicalizações surgem muitas vezes da idéia de os “Modelos Cognitivos Metafóricos” funcionarem como *gestalts* (estruturas que auxiliariam a mente a organizar e a compreender as metáforas).

Lakoff e Johnson (2002, p. 207) constataram que as metáforas permitem-nos entender um domínio da experiência em termos de outro. Esse fato sugere que a compreensão acontece em termos de domínios inteiros de experiência, e não em termos de conceitos isolados. Cada um dos domínios é um conjunto no interior de nossa experiência, conceptualizada pelo que chamamos de uma *gestalt experiencial*. Tais *gestalts* são básicas porque são conjuntos estruturados a partir das experiências humanas. Elas representam organizações coerentes de nossas experiências em termos de dimensões naturais (partes, etapas, causas etc.).

Em outras palavras, esses tipos naturais da experiência são produtos da natureza humana. Alguns podem ser universais, enquanto outros podem variar de cultura para cultura. Portanto, o conceito metafórico emerge de uma experiência de mundo, em forma de *gestalts*, marcada por nossa cultura e experiência.

Para entendermos de que forma essa proposição teórica aplica-se ao *corpus* em análise, tomemos um dos conceitos metafóricos que emerge no material de pesquisa: ECONOMIA É GUERRA. Esse tipo de compreensão é um ICM que gerará uma série de termos, tais como *ataque especulativo*, *ataque especulativo clássico*, *bomba inflacionária*, *estar na linha do tiro*, *guerra comercial*, *guerra fiscal*, *guerra mercadológica*, entre outros. Tal ICM pode gerar outros sub-ICMS, entre eles a idéia de que ECONOMIA É CHOQUE, criando neolexicalizações do tipo: *choque*, *choque cambial*, *choque de juros*, *choque de oferta*, *choque de preços*, *choque econômico*, *choque heterodoxo*, *choque fiscal* e *choque inflacionário*²⁰.

²⁰ Cada um desses ICMs e sub-ICMS serão organizados em tipologias, no próximo capítulo desta Dissertação, momento em que os termos serão definidos e analisados.

Esses termos metafóricos permitem, a partir de uma experiência concreta, pensada no nível da guerra, compreender o significado de cada uma dessas lexicalizações em Economia. Nos sintagmas *ataque especulativo* e *ataque especulativo clássico*, por exemplo, tenta-se explicar, por meio da metáfora *ataque*, um tipo de fenômeno em que a Economia de um país sofre uma investidura contra a moeda local.

Outro ponto que deve ser abordado em relação à metáfora, de acordo com a teoria terminológica de caráter sociocognitivista, é a distinção entre dois tipos de metáforas: a criativa e a didática.

Para a Temmerman (2000, p. 205), as metáforas didáticas cumprem a função de ajudar a compreender saberes técnicos e científicos. Para tanto, é necessário distinguir os diversos tipos de textos, entre os quais podemos enumerar:

- 1) artigos de pesquisadores;
- 2) manuais para especialistas;
- 3) textos de popularização.

No primeiro tipo de texto, as “neolexicalizações” resultam de um pensamento analógico consciente ou subconsciente. Nele, a analogia é introduzida. O segundo tipo é escrito para usuários com um certo conhecimento científico, e a analogia já se encontra presente nesse gênero de texto. Por fim, no terceiro tipo de texto, o público-leitor é leigo; nesse caso, a analogia se torna mais explícita, gerada pela grande necessidade de elucidação do assunto por um público não-familiarizado com a matéria.

Em relação às metáforas criativas, a autora (2000, p. 208) explica que elas dão origem a neologismos que podem se consolidar e serem aceitos como termos de uma linguagem especializada cuja função seria, essencialmente, cognitiva, diferenciando-se das metáforas didáticas de ordem comunicativa.

A autora ainda explica que algumas neolexicalizações referem-se a categorias que são compreendidas em termos de um Modelo Cognitivo Idealizado (m-ICM), e que essas neolexicalizações estão relacionadas ao pensamento criativo analógico, ou seja, à nossa capacidade de criação. Nesse sentido, as neolexicalizações metafóricas são de ordem criativa.

Sendo assim, para Temmerman (2000, p. 211), as metáforas criativas e as didáticas são diferentes, pois as primeiras são responsáveis pela criação de neologismos científicos, ao passo que as segundas servem a um contexto particular de situações didáticas, responsáveis pela base de compreensão de um novo domínio de experiência.

Por último, a autora (2000, p. 212) acredita que para a teoria sociocognitiva urge o estudo da história da área de especialidade em questão, pois a diacronia desempenha um papel fundamental na constituição das metáforas e, se compreendemos a história da evolução dos termos, entenderemos a sua gênese.

A título de exemplo, na nossa área de pesquisa, é interessante conhecer (mais especificamente em Finanças) a história da evolução da moeda para entender o processo de valorização ou desvalorização cambial. O sintagma *ouro negro*, por exemplo, para Sandroni (2005, p. 612), é uma denominação metafórica dada ao petróleo, pelo fato de ele ser de aceitação geral, e, quem o produz pode obter moedas fortes (como o ouro) em troca de sua exportação. E por que *ouro* pode servir como “domínio-fonte” para a criação de termos metafóricos, em Economia, tais como *ouro negro* e *ouro papel*? Para entender esse processo, é necessário conhecer um pouco da história do ouro como elemento lastreador da Economia de um país.

Sandroni (2005, p. 78) explica-nos que, na época em que os metais preciosos eram utilizados para a cunhagem de moedas, havia uma correspondência entre o valor representado pela moeda – seu valor de face – e o seu conteúdo material, isto é, a quantidade de metal que ela continha. O portador de uma moeda de ouro carregava consigo o próprio valor do ouro expresso na face daquela moeda. Moedas de ouro significavam riqueza. Quem as possuísse não precisava temer sua desvalorização. Nos países desenvolvidos (até 1971), existia uma relação mais ou menos fixa entre o papel-moeda emitido e uma certa quantidade de ouro que todo governo devia guardar como lastro, ou reserva metálica. Essa reserva metálica permitia a conversibilidade, ou a transformação de notas de papel em ouro monetário.

Outros aspectos diacrônicos poderiam ser também abordados em relação aos termos deste *corpus* de análise; porém, a título de exemplo, procuramos mostrar, somente, a partir da unidade terminológica *ouro*, o fato de como conhecer a evolução de sua história pode facilitar a compreensão de uma determinada metáfora e por que ela funciona como fonte de

criação para outras metáforas terminológicas. Contudo, conforme já mencionamos na Introdução desta Dissertação, o enfoque deste estudo pretende ser sincrônico, tendo como um de seus objetivos o estabelecimento de tipologias metafóricas para o *corpus* em análise, a fim de se verificar de que forma os campos conceituais em Economia são organizados.

Sendo assim, apesar de sabermos que nos meandros da Terminologia Sociocognitiva o enfoque diacrônico seja bastante importante, não é nossa intenção esgotarmos o modelo proposto por essa ciência na análise dos termos deste *corpus*, visto que esse percurso excederia os limites da nossa pesquisa de Mestrado.

III. Apresentação e análise dos termos metafóricos

1. A presença da metáfora no corpus jornalístico da Economia

Esta Dissertação parte da necessidade, conforme já dissemos na Introdução deste trabalho, de se estudar a metáfora em um *corpus* de divulgação da Economia, visto que esse tipo de processo semântico ocorre em pelo menos 15% do total de termos em análise, e, portanto merece um estudo mais detalhado. Sendo assim, esta análise tratará da sistematicidade dos processos metafóricos da Economia nesse tipo de material, visto que tais processos revelaram, ao longo da pesquisa, que campos cognitivos podem ser mapeados a partir de determinados conceitos existentes nessa área de conhecimento.

Conforme já dissemos, o *corpus* da Economia é repleto de metáforas. Alves (2001, p. 175) afirma que o economês é pleno de metáforas, e Vilela (2002, p. 87) revela que a linguagem da Economia surpreende não apenas pelo uso recorrente da metáfora, mas também pela amplitude e sistematicidade assumidas por esse processo de construção lingüística.

Para Enterría (2000, p. 76), são muito frequentes os processos de especialização semântica, sobretudo as formações sintagmáticas de caráter metafórico. Estas põem em prática a função denominativa, enriquecendo a linguagem da Economia. As metáforas no discurso da Economia contribuem para a precisão designativa, inclusive nos níveis de discurso de maior especialização.

A metáfora, em Economia, pode ocorrer tanto no texto jornalístico quanto no especializado. Se tomarmos como exemplo a obra especializada *Crises financeiras*, escrita por Krugman (2001), verificaremos a ocorrência de muitos termos metafóricos, tais como *âncora cambial*, *ataque especulativo*, *cascata de informações*, *contágio político*, *contágio por associação*, *tigres asiáticos*, *tigres doentes*, entre outros. Contudo, acreditamos que essas metáforas ocorram em um número maior nos *media* do que em um *corpus* científico, pelo fato de elas atenderem a uma necessidade comunicativa de transmitir ao leigo

determinados “conhecimentos especializados”; ainda que por vezes algumas dessas metáforas sejam herméticas, de difícil compreensão.

Para Enterría (2000, p. 76), as metáforas da Economia são termos especializados que possuem rigor e precisão semântica. Sua presença contínua, nos textos dos periódicos, favorece a divulgação da ciência, rompendo barreiras que se estabelecem em toda comunicação especializada entre especialistas e não-especialistas. O âmbito dos meios de comunicação, em que se desenvolve cotidianamente a linguagem especializada da Economia, atua como elemento intermediário para a divulgação desses termos. As designações metafóricas do *corpus* jornalístico, cuja relevância funcional é uma de suas mais destacadas características, são imprescindíveis como elementos transmissores de significado.

Podemos observar também que o léxico jornalístico da Economia corresponde a um tipo de vocabulário com forte dinamismo neológico, devido às inúmeras inovações nesse domínio. Portanto, as metáforas ocorrentes nos *media* reforçam, de uma certa forma, esse processo de renovação lexical, comunicando, muitas vezes criativamente, uma nova compreensão do saber econômico.

2. Tipologia metafórica

Lakoff e Johnson (2002) defendem a metáfora como um processo de cognição, uma forma de compreender o mundo por meio do nosso cotidiano. O homem e a natureza que o cerca constituem material profícuo para a formação de metáforas.

A partir dessas observações, os autores propõem três grandes categorias de metáforas: as estruturais, as orientacionais e as ontológicas. Vejamos exemplos desse tipo de categorização na Economia:

1) as **estruturais**, conforme já explicado anteriormente, representam casos em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro. Podem ser sistematizadas e organizadas no *corpus* em análise da seguinte forma:

a) metáforas belicistas

A Economia, normalmente, é conceituada em termos de guerra, pois a concorrência no mundo corporativo é altamente competitiva. Não é à toa que muitos economistas e administradores de empresas lêem, em algum momento de sua formação como especialistas, a obra milenar *A arte da guerra*, de Sun Tzu, na qual são ensinadas táticas e estratégias de guerra, elementos estes que, por muitas vezes, serão aplicados em suas atividades.

Observando os termos metafóricos da *Base* em que trabalhamos, notamos que muitos termos eram sistematizados a partir dessa compreensão. Procuramos, dessa forma, através de uma análise das unidades terminológicas, revelar de que forma esses conceitos belicistas são organizados.

A começar pelos sintagmas *ataque especulativo* e *ataque especulativo clássico*, processos em que um país sofre uma investidura contra a moeda local, verificamos que o termo *ataque* é uma metáfora estruturada a partir do conceito ECONOMIA É GUERRA, já que *ataque* é um termo francamente utilizado em ações belicistas, significando, em primeira instância, o uso de agressão física com o intuito de ferir ou matar. De acordo com o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001), esse termo, com o sentido de ‘assaltar com violência, agredir’, possui origem controversa, provavelmente provindo do italiano *attacare* (século XVI).

O Brasil, particularmente, parece estar bastante familiarizado com esses termos. De acordo com Sandroni (2005, p. 50), o país sofreu quatro ataques especulativos entre 1994 e 1999: o primeiro em março de 1995, provocado pela crise mexicana do final de 1994, quando foi anunciado o sistema de bandas cambiais; o segundo em setembro-outubro de 1997, como resultado da crise no Sudeste Asiático; o terceiro em setembro de 1998, em função da moratória russa; e o quarto ataque em janeiro de 1999, quando o real não resistiu e sofreu uma forte desvalorização.

Observando os termos *ataque especulativo* e *ataque especulativo clássico*, verificamos que, nesses sintagmas, o primeiro elemento (o termo determinado) é metafórico, ao passo que o elemento determinante, referente ao tipo de *ataque*, imprime um caráter específico ao sintagma, dotando o adjetivo *especulativo* de valor personificador,

pois “especular” é uma competência humana. Sendo assim, possivelmente o termo é personificado para que possamos entender melhor o que está em “jogo” na conceituação da unidade terminológica, ou seja, a ação humana no ato de especular.

Em *ataque especulativo clássico*, o termo se expande mais uma vez à direita, por meio do adjetivo *clássico*, a fim de se imprimir um novo matiz ao conceito de *ataque especulativo*, denominando um processo em que, de fato, não houve apostas contra a moeda local, mas, ao contrário, pressões para testar o governo:

. *ataque especulativo*²¹

Embora o ministro da Fazenda tenha enfatizado que os ataques atualmente são “imprevisíveis”, seu colega Kandir elencou para os parlamentares as nove condições que levam um país a ser mais propenso a um <ataque especulativo>: [...] (FSP, 23-11-97, p. 2.5, c. 5 e 6)

. *ataque especulativo clássico*

A equipe econômica avalia que o Brasil não sofreu um <ataque especulativo clássico>. Isto é, não houve apostas contra a moeda brasileira. Foram apenas pressões para testar o governo. (FSP, 02-11-97, p. 2.3, c. 3)

Nos termos *bomba inflacionária* e *estar na linha do tiro*, há um mapeamento cognitivo claramente belicista: a partir da idéia da inflação como algo prestes a explodir, ou seja, um processo inflacionário cumulativo na iminência do descontrole, gera-se a metáfora *bomba inflacionária*. A metáfora *bomba* aparece em função substantival, sendo especificada pelo elemento determinante *inflacionária*. Fala-se da “inflação” por meio da metáfora “bomba”.

Em *estar na linha do tiro* – uma unidade sintagmática verbal –, o conceito belicista aplica-se ao processo de concorrência comercial entre produtos da cultura brasileira e da

²¹ Apesar de algumas fichas terminológicas da *Base de Termos da Economia* apresentarem várias ocorrências de um termo, selecionamos apenas um deles, considerando, quando possível, o melhor exemplo de cada unidade terminológica citada.

estrangeira. Esse conceito também tem como eixo semântico a idéia da competição. Note-se que, no *corpus* em análise, encontramos poucas unidades sintagmáticas verbais.

Vejamos os contextos em que aparecem os termos *bomba inflacionária* e *estar na linha do tiro*:

. *bomba inflacionária*

Atual governo lega ao sucessor uma potente <bomba inflacionária> que já começou a explodir e que provocará graves efeitos retardados nos próximos meses. [...] (FSP, 01-12-02, p. B.2, c. 3)

. *estar na linha de tiro*

Como nunca antes, a cultura brasileira <está na linha de tiro> da cultura estrangeira. Esta deu de navegar em bits e não mais em átomos. (ESP, 13-06-01, p. B.2, c. 6)

O conceito de Economia estruturado em termos de guerra fica nitidamente marcado nos sintagmas *guerra comercial*, *guerra fiscal* e *guerra mercadológica*. A idéia da competição, no mundo corporativo, representa um “cenário” negativo, no qual concorrer significa atuar como se os elementos envolvidos estivessem em um campo de batalha.

Observemos também que, nos três termos apresentados, o conceito metafórico aparece estruturado a partir do substantivo, cabendo ao adjetivo a função de especificar o tipo de “guerra”, ou melhor, o tipo de competição a ser definida. Em *guerra comercial*, o termo é usado para definir a crise comercial, entre países europeus, que, em 1999, boicotaram a carne bovina britânica por causa da “doença da vaca louca”. Já em *guerra fiscal*, a unidade terminológica conceitua uma disputa desencadeada pelo interesse de cada Estado brasileiro em oferecer algum tipo de vantagem fiscal para atrair investimentos externos. Em *guerra mercadológica*, o termo define a concorrência existente entre as empresas que procuram oferecer os melhores produtos e serviços para os clientes:

. *guerra comercial*

Para piorar as coisas, Reino Unido, França e Alemanha estão às portas de uma <guerra comercial>, motivada pela recusa dos países da Europa continental em comprar carne bovina britânica, por receio de que o risco da “doença da vaca louca”, que surgiu há três anos, ainda não esteja totalmente dissipado. (FSP, 14-11-99, p. 2.4, c. 1)

. guerra fiscal

Em tese, o MAI servirá para pôr um ponto final na chamada <“guerra fiscal”> entre os Estados brasileiros (disputa por investimento externo graças ao oferecimento de algum tipo de subsídio ou vantagem). (FSP, 07-1997, p. 2.9, c. 2-3)

. guerra mercadológica

Para o consumidor, em meio a essa <guerra mercadológica>, o melhor meio de evitar que alguém lhe “empurre” um plano de previdência é traçar claramente sua estratégia de investimento. É preciso definir se o dinheiro que vai aplicar se destina a formar uma poupança para a velhice ou uma reserva para emergências. (FSP, 26-05-03, p. B.1, c. 3)

A base de compreensão da Economia em termos de guerra gera, possivelmente, metáforas relacionadas a PODER, AGRESSIVIDADE, FORÇA, COMPETIÇÃO, VIOLÊNCIA.

Na metáfora *choque* e nos seus sintagmas expandidos *choque cambial*, *choque de juros*, *choque de oferta*, *choque de preços*, *choque econômico*, *choque heterodoxo*, *choque fiscal* e *choque inflacionário*, verificamos que o conceito *negativo* ilumina, normalmente, todos os significados desses termos. Em *choque econômico*, por exemplo, a metáfora “choque” procura relacionar a idéia do abrupto e do violento a políticas econômicas que são adotadas a fim de se combater a inflação.

A carga de significado atribuída aos determinantes de *choque* indica o tipo de política econômica a ser adotada, ou ainda, revela um determinado fenômeno observado na Economia: *choque cambial*, política de valorização da moeda, o que é normalmente negativo para a exportação; *choque de juros*, termo usado para denominar um aumento da

taxa de juros; *choque de ofertas*, que representa uma situação em que há um desequilíbrio em relação à demanda, graças à descoberta de jazidas de matérias-primas, mudanças tecnológicas, quebras significativas de safras, o que, conseqüentemente, provoca uma acentuada alteração de preços; *choque de preços*, circunstância na qual os preços de algum “produto” ficam muito acima do nível que se espera; *choque econômico*, política econômica que objetiva combater a inflação por meio de um conjunto de medidas que alteram bruscamente o funcionamento do mercado, (cf. Alves, 2001, p. 58); *choque heterodoxo*, que se relaciona a um tipo de política econômica de combate à inflação que consiste em aplicar o congelamento de preços em todos os níveis durante um período determinado de tempo e em liberar as políticas monetária e fiscal (cf. Sandroni, 2005, p. 140).

Vejamos os contextos em que aparecem os termos relativos a *choque* ocorrentes nesse *corpus*:

. *choque*

É difícil prever como será o próximo <choque> na economia – a única coisa mais ou menos certa é que, para ser um <choque> que se preze, tem de ser diferente dos anteriores. Supondo-se que os governantes têm por hábito fazerem o que desmentiram na véspera – uma hipótese muito razoável –, o plano não conteria o congelamento, confiscos, âncoras e dolarização. (FSP, 19-09-03, p. 2.9, c. 3)

. *choque cambial*

O racionamento de energia elétrica é um típico choque de oferta. Seus efeitos sobre a economia são duplamente negativos. Os preços são pressionados para cima e o nível do produto é reduzido. Nesse sentido, assemelha-se a um <choque cambial> ou agrícola. (FSP, 13-05-01, p. B. 2, c. 1)

. *choque de juros*

Um <“choque de juros”> sobre a economia, agora, poderia até ter efeito negativo sobre a inflação, na opinião do economista Celso Toledo. Ele se ampara no fato de que, ao aprofundar a crise recessiva, com a alta dos juros, se poderia criar um

clima favorável à vitória de um candidato à presidência com programa econômico que não priorize a estabilidade econômica [...] (FSP, 15-07-01, p. B.2, c. 1-2)

. choque de oferta

Qual será o verdadeiro impacto do <“choque de oferta”> da crise de energia na evolução encadeada do produto, do emprego, do crédito, dos juros, do câmbio, das receitas, dos déficits, dos custos e dos preços? (ESP, 23-05-01, p. B.2, c. 3)

. choque de preços

Na cabeça dos otimistas, primeiro o país deve se esforçar para, no menor prazo possível, apresentar expressivos superávits comerciais. Isso será obtido, depois da desvalorização do câmbio, mediante uma mudança de preços relativos favorável aos bens afetados. É claro que isso implica um <“choque de preços”>, o que na ausência de indexação promove a queda do salário real e da massa de rendimentos, ajudando a “cortar” demanda agregada. (FSP, 14-03-99, p. 2.2, c. 4)

. choque econômico

Apesar de não esperarem nenhum <choque econômico> por parte do novo governo, os especialistas e consultores financeiros recomendam para os próximos meses os investimentos mais conservadores, principalmente os fundos DI e de renda fixa. (FSP, 23-12-02, p. B.3, c. 1)

. choque heterodoxo

Por algumas vezes, as defasagens de indexação levaram os governantes à inquietude [...]. Só que essa inquietude pouco abalou o instituto da correção, comparativamente ao que faria a doutrina dos vetores, inventada pelos programadores tupiniquins de <choques heterodoxos>. (Ex., 15-04-92, p. 13, c. 2)

. choque fiscal

Apesar da constatação de que se trata principalmente de uma inflação de custos, economistas ortodoxos reclamam por um forte choque de juros para derrubar a

economia e reduzir as chances de reindexação. Um choque muito forte de juros acarretaria um grave e indesejável impacto negativo sobre a dívida externa, exigindo um novo <choque fiscal>. [...] (FSP, 01-12-02, p. B.2, c. 5-6)

. choque inflacionário

Como se pode ver no gráfico, o <choque inflacionário> sobre os preços ora em curso é bem mais violento que o provocado pela flutuação da taxa de câmbio no início de 1999. Em vários momentos nos últimos anos, esses choques sobre o IPA (atacado) foram contidos e absorvidos, causando, não obstante, um impacto mais atenuado sobre o IPCA. Este, em várias dessas ocasiões, superou a barreira dos 10% ao ano. (FSP, 01-02-02, p. B.2, c. 3)

b) metáforas animais

Para Ullmann (1964, p. 447), as metáforas animais constituem um vasto grupo de imagens que, transferidas para a esfera humana, adquirem muitas vezes significações humorísticas, irônicas, pejorativas ou até mesmo grotescas. A Semântica Cognitiva, contudo, extrapola os limites dessa teoria, porquanto compreende as metáforas animais também como produtoras de conceito.

Acreditamos que conceitos relacionados a FORÇA, PODER, AGRESSIVIDADE, COMPETIÇÃO, VIOLÊNCIA podem produzir metáforas animais representativas, portando esses sentidos negativos; porém, não podemos afirmar que existe uma ligação clara entre os termos que serão aqui apresentados e a idéia de guerra, a não ser em *abutre*, que é um animal presente nas carnificinas bélicas. Talvez a idéia do belicismo nas metáforas animais esteja mais presente nas “franjas do protótipo”²² da guerra, ou seja, nas adjacências do seu núcleo semântico.

Fundo-abutre, atestado no contexto abaixo, denomina os escritórios que compram ações de empresas que estão em processo de falência, acreditando na possibilidade de recuperação por parte dessas companhias. A metáfora que ilumina o sentido do termo

²² Na Semântica Cognitiva, o *protótipo* é um exemplar representativo de um determinado modelo cognitivo.

aparece como elemento determinante do sintagma: *abutre* representa uma ave que se alimenta de animais mortos, e, conseqüentemente com valor metafórico pejorativo, caracteriza um indivíduo que deseja a morte de outrem para se apossar do que lhe pertence. Sendo assim, possivelmente o termo *fundo-abutre* tenha sido criado a partir dessa noção:

*.fundo-abutre*²³

Para um país que, até meados do ano passado, parecia morto, soa natural que um dos componentes de sua relativa recuperação seja chamado de <“fundo abutre”>.

Tradução: são escritórios especializados em comprar papéis de empresas em concordata, na esperança de que a carniça adquirida obviamente por baixo preço tenha alguma recuperação, mesmo que tímida. (FSP, 25-04-03, p. A.15, c. 1)

Conforme já foi observado por Alves (2001, p. 175-176), o termo *tigre asiático* (provavelmente um decalque do inglês *Asian tiger*), em referência ao animal feroz e perigoso para o homem, denomina os países asiáticos que, desde a década de 60, têm revelado um grande crescimento econômico e, em decorrência de políticas de investimento estrangeiro e de apoio à produção, tornaram-se grandes exportadores.

O tigre é o animal mais poderoso de todos os felinos – pelo fato de possuir os dentes caninos maiores do que qualquer animal dessa família, e também por ser suficientemente forte para arrastar grandes presas por longas distâncias. Sendo assim, acreditamos que essas características determinam a conceptualização da unidade terminológica *tigre asiático* em termos belicistas, representando FORÇA, PODER, VIOLÊNCIA, semas também relacionados à guerra.

Observando os termos relacionados a *tigre* no *corpus* em análise, verificamos que esse termo não só passou por um processo de expansão como também de encurtamento. Alguns desses termos expandidos são concorrentes, como *tigre asiático de segunda geração* ou *tigre de segunda geração* – designando, segundo os contextos apresentados

²³ *Fundo-abutre* é um decalque do inglês *vulture fund*; aqui há mais um caso de importação de metáfora, fenômeno já notado por Ullmann (1964, p. 342), que o denomina “empréstimo semântico”. O autor afirma que esse fato será particularmente freqüente quando houver um contato íntimo entre duas línguas, das quais uma serve de modelo à outra.

pelo jornal *Folha de S. Paulo*, os países que fizeram parte tardiamente do cenário da Economia asiática.

Tigre é um encurtamento de *tigre asiático*, denominando para ambos os termos o mesmo conceito. Em *pequenos tigres*, houve primeiramente um encurtamento da unidade terminológica *tigre asiático* para *tigre*; depois, uma ampliação do termo por meio de um adjetivo anteposto ao substantivo, diversificando, dessa forma, o sentido atribuído a essa unidade terminológica. Em *tigre asiático de segunda geração* ou *tigre de segunda geração*, há também, primeiramente, um encurtamento de *tigre asiático* para *tigre*, porém o novo matiz de significado atribuído aos termos é ampliado pela expansão à direita do determinante “de segunda geração”. O mesmo processo ocorre com *tigre de terceira geração*:

. *pequeno tigre*

Ao mesmo tempo, ampliou-se o ciclo deficitário do Pacífico, com o ingresso, primeiro dos <“pequenos tigres”> (Hong Kong, Coréia do Sul, Taiwan e Cingapura) e [...] (FSP, 02-11-97, p. 2.6, c. 2).

. *tigre*

O modelo de crescimento que transformou a Coréia em <“tigre”>, caracterizado por forte intervencionismo estatal e concentração da economia em “chaebols” [...]. (FSP, 20-02-00, p. 2.6, c. 3)

. *tigre asiático*

Assim, Hong Kong, Cingapura e Taiwan [...] conhecidos como <“tigres asiáticos”>. [...] (FSP, 28-12-97, p. 2.2, c. 3)

. *tigre asiático de segunda geração*

[...] a crise mexicana de dezembro de mesmo ano e, finalmente, a derrocada das moedas nacionais e dos preços dos ativos (reais e financeiros) nos chamados <tigres asiáticos de segunda geração>. [...] (FSP, 07-09-97, p. 2.8, c. 1-2)

. *tigre* de segunda geração

[...] *com o ingresso, primeiro, dos “pequenos tigres” (Hong Kong, Coréia do Sul, Taiwan e Cingapura) e, depois, dos <“tigres de segunda geração”> (Tailândia, Indonésia, Malásia e, por último, Filipinas).* (FSP, 02-11-97, p. 2.6, c. 2)

. *tigre* de terceira geração

Começou por um <“tigre” de terceira geração>, a Tailândia, em julho, propagou-se pelos de segunda geração, Hong Kong e Coréia, e ameaça até o “tigrão”, pai e modelo de todos, o Japão. (FSP, 16-11-97, p. 2.16, c. 2)

Assim como *tigre asiático*, os termos metafóricos *leão* e *carnê-leão* também estruturam conceitos belicistas, relacionados a FORÇA, PODER e AGRESSIVIDADE, já que os leões são animais tão temidos pelos homens quanto os tigres.

Enquanto *tigres* são tomados metaforicamente para representar os mercados asiáticos, *leão* conceitua, no Brasil, o Fisco. Isto ocorre, possivelmente, pelo fato de todos “temerem” (assim como temeriam um ataque de um leão) os valores a serem pagos à Receita Federal, encargos estes que podem ser altíssimos e que, se não forem observados pelos contribuintes, podem gerar multas ainda mais exorbitantes.

De acordo com informações colhidas no site www.sindaf.com.br, economistas, advogados e políticos chegaram à conclusão de que o leão foi escolhido para representar o Imposto de Renda porque ele é um símbolo do Estado brasileiro: feroz e irracional na arrecadação de impostos.

Parece-nos que essas características referentes ao leão foram a força motriz que impulsionou os publicitários a associarem o animal leão ao Imposto de Renda (IR): conforme informações obtidas em uma revista da TAM – Almanaque de Cultura Popular, no governo de João Figueiredo, o ministro da Fazenda Karlos Rischbieter chamou a agência publicitária DPZ para fazer a propaganda do IR, pois o então desgastado ministro queria uma propaganda que desviasse a atenção dos contribuintes, já que eles sempre culpavam a Fazenda por seus descontentamentos em relação à atuação do Fisco. Os publicitários resolveram, dessa forma, associar o tributo a um animal, o leão, que, conforme atesta a notícia, não é um tributo bem-vindo na maioria das casas e “abocanha” para o

governo reinvestir parte do que cada um ganha. A propaganda deu certo e o leão, desde então, virou símbolo do Fisco.

A unidade terminológica *leão* também é expandida em formações sintagmáticas do tipo de *carnê-leão*. De acordo com Alves (2001, p. 53), o termo significa o carnê com o qual alguns contribuintes pagam a parcela do Imposto de Renda relativo ao mês anterior. Nessa formação, o termo metafórico *leão* aparece em função adjetival, especificando o termo *carnê*. Vejamos a seguir contextos nos quais esses termos aparecem:

. *carnê-leão*

Termina na próxima sexta-feira, dia 26, o prazo para que contribuintes do Imposto de Renda pelo <carnê-leão> recolham o tributo referente ao mês de maio. Estão nesta situação, por exemplo, autônomos e profissionais liberais. (FSP, 23-06-96, p. 2.12, c. 6)

. *leão*

Contribuintes do Imposto de Renda têm apenas mais quatro dias para preparar a declaração e entregá-la ao <leão>, por meio de bancos credenciados, postos da Receita ou, se for possível, direto pela Internet. (FSP, 27-04-97, p. 2.1, c. 4)

Ainda atrelados aos semas que compreendem a Economia em termos de guerra, poderíamos incluir nessa categoria de metáforas animais os termos *mercado do touro* e *mercado do urso*, pois ambos são gerados a partir do conceito de ataque.

O termo *mercado do touro*²⁴, que designa a alta de papéis no mercado de ações, origina-se da idéia de que o touro ataca com movimentos de baixo para cima. Já *mercado do urso*²⁵, que denomina a baixa de papéis no mercado de ações, provém da idéia de que o urso ataca com movimentos de cima para baixo.

²⁴ *Mercado do touro* é um decalque do inglês *bull market*: *The term <"bull market"> is most often used in respect to the stock market. [...] (www.investopedia.com – acesso em 04-09-06).*

²⁵ *Mercado do urso* é um decalque do inglês *bear market*: *<Bear market> a market condition in which the prices of securities are falling or are expected to fall. [...] (www.investopedia.com – acesso em 04-09-06).*

Touro e *urso* aparecem como especificadores do termo *mercado* numa estrutura sintagmática preposicionada, ampliando dessa forma, à direita, os sentidos desses termos gerados na cultura norte-americana.

Também podemos notar que estas metáforas estruturais cruzam-se com as orientacionais: no caso de *mercado do touro*, o conceito *positivo* é iluminado a partir da orientação espacial *para cima*; em relação a *mercado do urso*, o conceito *negativo* aparece na orientação *para baixo*:

. mercado do *touro* e mercado do *urso*

No jargão das finanças de Nova York, o touro é um animal que simboliza o período em que o mercado de ações está em alta – quando o preço médio das ações está subindo, o que reflete o interesse dos investidores em comprar esses papéis, frações de propriedade de empresas. O urso simboliza em Nova York um mercado em baixa. Neste ano, a Bolsa de Nova York convive com um <“mercado do touro”> e um <“mercado do urso”>.[...]. (FSP, 12-03-00, p. 2.1, c. 1 e 5)

Além de algumas metáforas belicistas já mencionadas, poderíamos ainda incluir nessa categoria o termo *cavalo antiinflacionário*.

Por informação enciclopédica, sabemos que o cavalo, na Europa Ocidental, até a Idade Média, era empregado na guerra e no jogo. Também representava ostentação social. Possivelmente, então, essa imagem belicista do animal (no contexto em que foi empregado) é a que imprime ao termo *cavalo antiinflacionário* a idéia do combate à inflação.

Contudo, esse termo não é tão-somente uma metáfora estrutural, é também uma metáfora ontológica. A metáfora *cavalo* é o elemento determinado do termo, cuja função é a de tornar animado o determinante, a fim de se falar desse processo antiinflacionário:

Estaria o Fed tentando enviar um sinal ao Banco Central Europeu (BCE) de que está na hora de descer do seu cavalo <anti-inflacionário> e começar a reduzir os juros? Provavelmente sim. Mas é quase certo que o BCE ignorará isso. (ESP, 25-04-01, p. B. 21, c. 5)

No contexto em que a unidade terminológica aparece, podemos compreender que a ação do Banco Central Europeu em querer controlar a inflação é entendida como um ato heróico cuja força expressiva é obtida por meio da imagem do cavalo.

Outras metáforas animais são geradas em Economia, determinando outros tipos de conceituação. Um desses conceitos é a idéia de que ECONOMIA É JOGO. Essa metáfora estrutural compreende os processos econômicos altamente competitivos. *Pato* e *micar*, por exemplo, são termos que se circunscrevem neste tipo de conceito: *pato* denomina, no mercado de ações, “perdedor”, tipo de apostador que sempre entra na alta e sai na baixa, ou seja, escolhe o pior período para apostar na Bolsa de Valores. Esse conceito vem da terminologia do jogo de futebol, que se aplica ao jogador ruim e, em Economia, conceitua, de uma maneira jocosa, o mau investidor. Já o termo *micar* denomina a ação de se desfazer de um título de crédito ou ação que está perdendo o valor no mercado. Origina-se da metáfora *mico preto*, que designa, por sua vez, a situação de embaraço ou vexame pela qual passa o perdedor do jogo, conceituando em Economia, em termos de jogo, a ação de se desfazer de um mau negócio:

. *micar*

Eu sabia que esses papéis iriam <“micar”>, comenta o gestor da conta da Rossi no banco Cidade. (FSP, 13-11-00, p. F.8, c. 3-4)

. *pato*

Diante de tal desempenho, a Bolsa volta a atrair novos investidores – os chamados <“patos”>, que sempre entram na alta e saem na baixa – e suscita a velha dúvida das épocas de vacas gordas: será que ainda há tempo de ganhar dinheiro extra com ações? (FSP, 08-06-97, p.1, c. 4)

Outras metáforas animais, como *operação-jacaré* e *operação-girafa*, enquadram-se mais entre as metáforas orientacionais do que entre as estruturais. *operação-jacaré* designa o corte de pessoal de “baixo escalão”, durante o processo de privatização de uma instituição pública. Esse termo, provavelmente, foi criado para se opor à orientacionalidade de *girafa*,

que designa o corte de pessoal de “alto escalão”. Essa relação vertical-horizontal, correspondente a esses termos, parece ser estabelecida a partir das informações enciclopédicas que temos acerca do tamanho desses animais. O jacaré, na idade adulta, chega a medir 1,8 m de comprimento, ao passo que, a girafa atinge de 5,0 a 6,0 m de altura, principalmente por causa do tamanho descomunal de seu pescoço.

As metáforas *jacaré* e *girafa* aparecem em função adjetival, especificando a unidade terminológica *operação*. Essas duas metáforas imprimem, também, aos termos, uma carga fortemente expressiva, intensificando seus significados a partir das imagens sugeridas por esses animais: no caso do jacaré, a idéia do ataque mortal por meio de uma boca cujo tamanho por si só amedronta – nesse sentido essa metáfora, portanto, cruza-se com as metáforas estruturais belicistas das quais já tratamos –; no caso da girafa, o que chama a atenção é a altura, conceituando, por meio de uma imagem jocosa, as pessoas que ocupam cargos altos em uma instituição:

. *operação-jacaré* e *operação-girafa*

Com o corte de pessoal de níveis inferiores após a privatização – a apelidada <“operação jacaré”> -, havia o receio de que a “operação girafa” atingisse quem ocupava cargos mais altos. (Ex., 18-09-02, p. 117, c. 1)

Assim como *operação-jacaré* e *operação-girafa*, os termos *borboleta* e *lagartixa* também são marcados de expressividade, sendo que a sensação que temos é a de que eles cumprem a função criativa da metáfora, gerando neologismos que podem se consolidar e ser aceitos como termos de uma linguagem especializada. Porém, nem sempre a relação conceitual estabelecida entre o termo e a metáfora é tão fácil de ser apreendida. É o caso, por exemplo, das unidades metafóricas *borboleta* e *lagartixa*, das quais trataremos no subcapítulo referente à transparência e ao hermetismo de alguns termos da área de Economia.

Por último, salientamos que as metáforas animais são tão produtivas, em termos de linguagem, que se constituem um tipo de problema para a tradução, conforme pode comprovar uma pesquisa realizada por Newmark (1985, p. 305-306). A autora explica,

nesse texto, como mudam as conotações de um animal de uma cultura para outra, e também como algumas delas são mais universais do que outras²⁶.

c) metáforas marítimas

Outro tipo de metáfora bastante produtivo em Economia concerne à náutica. Esse tipo de sistematização metafórica é gerado a partir do conceito de que ECONOMIA É NAVEGAÇÃO. A base desse modelo de compreensão metafórica assenta-se no fato de que há determinados processos econômicos instáveis, que precisam, em certa medida, se estabilizar, assim como o barco no mar oscilante, quando necessita firmar-se, ancora.

As metáforas geradas a partir do conceito de “ancoragem” são muito produtivas neste tipo de *corpus*. Normalmente, esse tipo de metáfora aparece na função de elemento determinado do sintagma, designando um conjunto de medidas de política cambial que objetiva manter fixa a taxa de câmbio. Também pode denominar, como em *âncora fiscal*, um rol de medidas que tem por fim manter a Economia estável por meio da contenção dos gastos públicos. Na função de determinante, como em *acordo-âncora*, a metáfora *âncora*, na função adjetival, especifica, possivelmente, um tipo de acordo cuja base de sustentação é relacionada à estabilização da moeda. Vejamos a seguir alguns exemplos:

. *acordo-âncora*:

No cenário dramático que estamos vivendo, com crise energética, um buraco ameaçador nas contas externas, queda nas atividades econômicas, [...] tecnocratas supostamente responsáveis pelo destino da economia do país, em vez de buscar soluções concretas e sustentáveis [...]. Enquanto isso, articulam, com a “transparência” que caracteriza este governo, um novo <acordo-âncora> com o FMI. (FSP, 05-08-01, p. B.2, c. 3)

²⁶ O caráter “particular” ou “universal” das metáforas será tratado no subcapítulo que abordará a metáfora como visão de cultura.

. *âncora cambial*:

A <*âncora cambial*> (outro jargão dos economistas) significa expor a economia aos preços e à concorrência internacional. (FSP, 28-05-95, p. 2.4, c. 3)

. *âncora fiscal*

A menção à <*âncora fiscal*> - o controle dos gastos do governo – não constava do texto redigido por Franco. [...] (FSP, 21-08-97, p. 2.1, c. 3)

. *âncora monetária*

A <*âncora monetária*> seria uma forma indireta de ancorar preços, enquanto a *âncora cambial* é uma forma direta. (FSP, 27-02-93, p. 1.3, c. 2)

. *âncora nominal*

A experiência da economia argentina demonstra a armadilha que uma <*âncora nominal*> da taxa de câmbio impõe a um plano de estabilização. (CE, 11-94, p. 25, c. 1)

. *ancoragem cambial*

Na ausência de reformas fiscais e monetárias profundas, e considerando que o efeito de algum tipo de <*ancoragem cambial*> esteja presente nos planos de estabilização na América Latina [...]. (CE, 02-95, p. 17, c. 2)

. *ancorar*

Como 50% da dívida pública está <*ancorada*> no câmbio, o risco é de ocorrer um círculo vicioso. A moeda americana sobe porque a dívida cresce e a dívida aumenta por causa do dólar. (FSP, 18-08-02, p. B.2, c. 2)

Para designar a oscilação ou a variação da taxa cambial, faz-se, normalmente, uso da metáfora marítima “flutuação”, a qual ocorre, entre os termos estudados, na função verbal, substantival e adjetival. Em *flutuação cambial*, de função substantival, por meio do elemento determinado *flutuação* indica-se um procedimento pelo qual a taxa cambial pode

variav livremente, obedecendo às leis de oferta e procura. Em *dólar flutuante*, ou em *mercado flutuante*, os termos metafóricos sobrevêm na função de determinante, especificando a moeda ou o mercado sujeito às variações relacionadas ao dólar:

. *dólar flutuante*

Foi naquele mês que o governo anunciou sua intenção de unificar as taxas do <dólar flutuante> (ou dólar turismo) às do dólar comercial. (FSP, 23-01-94, p. 2.5, c. 5)

. *flutuação cambial*

[...]. Por exemplo, quando batemos no limite superior da grande banda cambial no começo do ano poderíamos ter evoluído para uma <flutuação cambial> mais orientada pelo mercado [...]. (FSP, 04-11-97, p. 2.2, c. 3)

. *flutuar*

Pode-se apostar que o preço do dólar, <flutuando> entre R\$ 1,85 e R\$ 1,90 vá provocar uma solução inflacionária [...]. (FSP, 14-02-99, p. 2.2, c. 6)

. *livre flutuação*

[...]. Mas isso não significa sair da conversibilidade. É seguir uma <livre flutuação>, em direção à valorização da nossa moeda. (FSP, 26-11-95, p. 2.6, c. 6 e p. 2.7, c. 1)

. *mercado flutuante*

À medida que aumenta a procura por dólar, este se valoriza e voltam os ágios no <mercado flutuante>. (FSP, 29-10-97, p. 2.3, c. 2)

Encontramos ainda outra metáfora relacionada à variação cambial, gerada a partir do conceito de que ECONOMIA É SURFE. A metáfora *prancha*, por exemplo, é empregada, neste tipo de *corpus*, para denotar equilíbrio, explicando por meio deste tipo de

conceituação o processo em que o agronegócio é vulnerável à variação da taxa de câmbio. Vejamos o emprego do termo, no contexto apresentado a seguir:

. *prancha*

O impacto do câmbio, porém, é desigual entre os exportadores. Responsável por 32% dos US\$ 60,3 bilhões de exportações brasileiras de 2002, o setor de agribusiness é o que se equilibra mais precariamente sobre a <prancha> da variação cambial. (FSP, 18-05-03, p. B.5, c. 1)

Após a análise das metáforas náuticas encontradas no *corpus* em análise, passemos ao estudo de outros conceitos subjacentes às metáforas do tipo estrutural. Entre outros modos de compreensão bastante recorrentes nesse tipo de domínio, poderíamos citar: A ECONOMIA É UMA VIAGEM, A ECONOMIA É UM CORPO, A ECONOMIA É UM ESPAÇO, A ECONOMIA É UMA MÁQUINA, A ECONOMIA É UMA FERRAMENTA e A ECONOMIA É UM JOGO²⁷:

. A ECONOMIA É UMA VIAGEM: esse tipo de conceito parece ser um lugar-comum na categorização dos nossos universos em termos de “viagem”. Lakoff e Johnson (2002, p. 168) revelam que podemos vislumbrar a idéia do mecanismo da coerência em uma única estrutura metafórica, começando, por exemplo, pela metáfora DISCUSSÃO É UMA VIAGEM.

No *corpus* em análise, a Economia é vista como uma viagem que segue “caminhos”, ou melhor, “descaminhos”, implicando, neste caso, em importação de produtos sem recolhimento de tributos. Ela também paga “pedágio”, designando, neste *corpus*, o depósito à vista em conta corrente, e ainda possui “rotas”, percursos de crescimento de um país em desenvolvimento. Em relação aos investimentos financeiros, exige um “retorno” das aplicações, que também, no mercado de ações, pode apresentar o movimento de “saída”, ou

²⁷ VILELA, Mário, em *Metáforas do nosso tempo*, apresenta uma série de tipologias para a metáfora no domínio da Economia, as quais puderam, em parte, servir de parâmetro para a tipologia estabelecida em nossa pesquisa. Os conceitos apreendidos pelo autor em relação às metáforas estruturais da Economia são: A ECONOMIA É A GUERRA MAIS OU MENOS ABERTA, A ECONOMIA É UMA VIAGEM E UMA VIAGEM ACIDENTADA, A ECONOMIA É UM ORGANISMO, A ECONOMIA É UM ESPAÇO, A ECONOMIA É UMA DOENÇA, A ECONOMIA É UM CORPO, A ECONOMIA É UMA MÁQUINA E UMA CONSTRUÇÃO.

seja, venda de ações. Todos esses conceitos estão representados, normalmente, por lexias simples (*descaminho*, *pedágio*, *retorno* e *saída*) e complexas (*retorno* bruto e *rota do crescimento*), nas quais os conceitos relacionados à viagem aparecem na função de elemento determinado:

. *descaminho*

A ausência de fiscalização facilita o contrabando [...] e o <descaminho> (importação, sem recolhimento de tributos, de mercadorias cujo acesso é permitido). (FSP, 03-09-00, p. B.4)

. *pedágio*

O <“pedágio”> é sempre a conta corrente (depósito à vista), e apenas quando há débito. Os créditos (depósitos) não são tributados. (FSP, 18-06-00, p. B.10, c. 1)

. *retorno*

<Retorno> - é a rentabilidade anual dos fundos, já descontada a taxa de administração [...]. (FSP, 21-02-00, p. 2.1, c. 5)

. *retorno bruto*

Hoje, o <retorno bruto> (sem considerar impostos) com aluguel é de 0,8% a 1,2% ao mês sobre o valor do imóvel [...]. (FSP, 14-06-99, p. 2.5, c. 5-6)

. *rota do crescimento*

O presidente Lula voltou a afirmar que o Brasil reencontrou a <“rota do crescimento”> e que o País não deverá retornar à condição de crescimentos abortados, o que os economistas chamam de “stop and go”. (GM, 15-07-04, p. A-5, c. 2)

. *saída*

Mas o movimento de <saída> (venda de ações) de estrangeiros superou as Entradas (compra) em R\$ 616,833 milhões no mês passado. (FSP, 14-11-99, p. 2.9,

c. 5)

. A ECONOMIA É UM ORGANISMO OU UM CORPO: nesse tipo de conceituação, a Economia é do tipo antropomórfica, pois é compreendida a partir da relação do homem com seu próprio corpo, ou melhor, a terminologia do corpo é emprestada a esse tipo de domínio para categorizar a Economia em termos de organismo que tem um determinado comportamento.

Em *asfixia cambial*, por exemplo, o termo determinado de caráter metafórico “asfixia” evidencia o conceito de respiração, representando o grau de dificuldade de um país em obter empréstimos e o de conseguir investimentos por parte de investidores e de bancos estrangeiros. Nessa outra formação sintagmática, *redução de gordura*, a metáfora de função adjetival especifica o conceito de corte ou redução nos gastos de uma determinada área econômica. Nas lexias simples, o termo *esqueleto* é usado para designar estrutura; no caso de *desengessar*, há referência à liberação da Economia no que tange ao desenvolvimento de política cambial. Vejamos esses termos nos contextos em que eles ocorrem:

. *asfixia cambial*

Com efeito, a <asfixia cambial> decorrente da rejeição a investir e a emprestar ao país por parte dos investidores e dos bancos estrangeiros cobra um preço elevado a uma economia [...]. (FSP, 01-12-02, p. B.2, c. 3)

. *desengessar*

“Pois é, anuncia-se que a gestão cambial estava sendo <desengessada>, e em seguida afirmou-se um novo engessamento. (FSP, 26-03-95, p.5, c. 2).

. *esqueleto*

A separação, diz o diretor financeiro da Caixa, tem ainda o objetivo de evitar a geração de novos <“esqueletos”>. (ESP, 18-04-01, p. B. 5, c. 6)

. *redução de gordura*

O pesadelo começou com a liberalização e a abertura financeira . Daí em diante, em toda a década passada, foi só uma tal de reengenharia, “downsizing”, <redução de gordura>, corte de pessoal. [...]. (FSP, 26-02-01, p. B.2, c. 3)

. A ECONOMIA É UM ESPAÇO: nesse tipo de conceito, encontramos muitos termos de formação sintagmática gerados a partir das metáforas “barreira” e “margem”. Elas aparecem como elemento determinado do termo, de caráter substantival, designando, no caso de *barreira alfandegária*, *barreira multilateral* e *barreira tarifária* e *não-tarifária*, tributos e tarifas que impedem o crescimento econômico. Em *margem Ebitda*, *margem de ganho*, *margem de lucro*, *margem líquida* e *margem de lucro líquido*, o conceito imprime aos termos a idéia da delimitação de um percentual de ganho ou de lucro:

. *barreira alfandegária*

Se a crise econômica e política mundial se prolongar, será usada como justificativa por parte dos países ricos para que adotem medidas protecionistas, seja por meio de <barreiras alfandegárias> - elevação de impostos de importação e de restrições fitossantiárias [...]. (FSP, 17-03-03, p. B.2, c. 3)

. *barreira multilateral*

[...] Os efeitos perversos da especulação continuarão enquanto não houver regulamentação e supervisão financeira ou <barreiras multilaterais> (como impostos sobre operações de curtíssimo prazo.) [...]. (FSP, 19-12-99, p. 2.2, c. 2)

. *barreira não-tarifária*

Lafer também exortou o setor privado a detectar e mostrar ao governo quais são as principais <barreiras não-tarifárias> que limitam a entrada de produtos brasileiros no mercado americano. (ESP, 11-04-01, p. B.5, c. 1)

.*barreira tarifária*

O levantamento da instituição simula a extinção de todas as <barreiras tarifárias>, quotas e sobretaxas incidentes nos produtos brasileiros, [...] (FSP, 19-08-02, p. B. 1, c. 1)

. margem de ganho

Pequenos bancos de crédito tendem a desaparecer em função da redução das <margens de ganho> imposta pela estabilização da economia. [...]. (FSP, 03-12-95, p. 2.7, c. 3)

. margem de lucro

A experiência vem mostrando <margem de lucro> bem maior nas locações. Tanto que estamos entrando também no mercado de aluguel de tevês. (FSP, 12-04-92, p. 2.1, c. 1)

. margem de lucro líquido

Os bancos menores perderam lucratividade e capital e aumentaram seus empréstimos duvidosos. [...]. A <margem de lucro líquida> operacional caiu de 13,7% para 8,6% [...]. (FSP, 24-09-97, p. 2.7, c. 1)

. margem Ebitda

A <margem Ebitda> caiu de 45,6% para 40,7% do primeiro para o segundo trimestre de 2004. (GM, 15-07-04, p. A. 14, c. 6)

. margem líquida

Os bancos de grupos empresariais tiveram o melhor desempenho do setor em 98, [...]. A rentabilidade foi de 18,1%, a <margem líquida> (lucro sobre o faturamento), 10,2%, e comprometimento do patrimônio com créditos em atraso, 16,5%. (FSP, 19-04-99, p. 3.2, c. 2)

. A ECONOMIA É UMA MÁQUINA OU UMA FERRAMENTA: nesse tipo de compreensão, a Economia é conceituada em termos de máquina, para revelar seu grau de

complexidade de funcionamento, manifestando, dessa forma, seu caráter utilitário. Os termos metafóricos gerados a partir de “alavanca” (vocábulo que originariamente designa barra de ferro ou de madeira, bem rígida, que se emprega para mover ou levantar objetos pesados)²⁸, *alavancado*, *alavancagem de patrimônio*, *alavancagem financeira*, *alavancar o PIB* e *fundo alavancado*, designam nessas formações sintagmáticas, em que geralmente o termo metafórico aparece na função de determinado, a obtenção de recursos para realizar determinadas operações. Em *enxugamento da máquina*, apesar de o primeiro e o segundo termo serem metafóricos, o conceito aqui analisado aparece na função de determinante, denominando uma política de contenção de gastos em algum setor da Economia:

. *alavancado*

O mais <alavancado>, o Hedge 60, era de quatro vezes, em posição vendida (ou seja, o fundo vendeu contratos [...] equivalentes a quatro vezes o patrimônio. (FSP, 25-01-99, p. 3.5, c. 5-6)

. *alavancagem de patrimônio*

Quanto à sua dívida sobre o risco supondo um fundo de renda fixa agressivo que só possui títulos de renda fixa e não tem <alavancagem de patrimônio> [...]. (FSP, 05-02-01, p. F. 5, c. 4)

. *alavancagem financeira*

O último ciclo americano comprovou a eficácia dessa forma de integração financeira e produtiva na medida em que propiciou uma espetacular expansão do crédito à produção [...] e – melhor ainda – à <“alavancagem financeira”> [...]. (FSP, 19-12-04, p. B.1, c. 6)

. *alavancar o PIB*

[...] Cresceram a taxas expressivas e ajudaram a <alavancar o PIB> durante o período. (FSP, 16-03-03, p. B.8, c. 1)

²⁸ Definição encontrada no *Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0.*

. *enxugamento da máquina*

Sem aumentar impostos, mas tratando de cobrar mensalmente de cada subordinado direto o <enxugamento da máquina>, equilibrou as contas, obteve superávit e consolidou novos valores em relação às contas públicas. (FSP, 02-05-98, p. 2.4)

. *fundo alavancado*

[...] O patrimônio total dos fundos é da ordem de R\$ 1,2 bilhão. Entre os <fundos alavancados> havia R\$ 200 milhões. (FSP, 25-01-99, p. 3.5, c. 6)

Após termos apresentado as metáforas estruturais mais representativas nesse tipo de *corpus*, passemos agora ao estudo de outra categoria metafórica proposta por Lakoff & Johnson, as metáforas orientacionais, que aparecem também com bastante frequência nos materiais estudados:

2) As metáforas **orientacionais** partem da idéia de que a maior parte de nossos conceitos fundamentais é organizada em termos de uma ou mais metáforas de espacialização.

Lakoff e Johnson (2002, p. 59) afirmam que a maioria delas tem a ver com a orientação espacial do tipo para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, em cima de – fora de (*on-off*), fundo – raso, central – periférico.

Os autores consideram que tais orientações metafóricas não são arbitrárias, pois sobrevivem da nossa experiência física e cultural. Embora as oposições binárias para cima – para baixo, dentro – fora etc. sejam físicas em sua natureza, as metáforas orientacionais baseadas nessas experiências podem variar de uma cultura para outra.

No *corpus* da Economia, podemos observar que, em alguns casos, o conceito de *positivo* aparece em orientações do tipo “para cima”, “dentro”, “frente”, “central”; já a idéia de *negativo* ocorre em “para baixo”, “fora”, “raso”, “periférico”. Mas é interessante notar que o termo *fundo* pode aparecer tanto com aspecto semântico de *positivo* (como em *fundo de renda fixa*, termo que designa uma forma de investimento de capital financeiro) quanto de *negativo* (como em *fundo do poço*, unidade que denomina um valor mínimo atingido por

um indicador econômico) – aqui iluminado pela metáfora *poço*, que parece determinar o aspecto negativo de seu significado:

. *fundo* de renda fixa

Aplicação <fundo de renda fixa>. Prazo: resgates a cada 28 dias. Tributação: IR na fonte de 30% sobre o rendimento real, acima da Ufir diária; IPMF de 0,25% na aplicação. Mudanças prováveis. Prazo: resgate a cada 30 dias. Tributação: redução na alíquota do IOF, passando a incidir sobre o rendimento nominal. (FSP, 31-07-94, p. 2.3, c. 4,5 e 6)

. *fundo* do poço

Como as categorias das 12 datas-bases recebiam reajuste expurgado (inflação menos 10 pontos) durante três meses e a recomposição no quarto mês em períodos distintos, o salário real (calculado em URV ou dólar) se situava no “pico”, próximo à média ou no <“fundo do poço”> em fevereiro. A URV deixou todos na média. (FSP, 27-03-94, p. 2.9, c. 2)

Vilela (2002, p. 98) afirma que as metáforas orientacionais marcam toda a linguagem da Economia – o que para Lakoff e Johnson (2002, p. 65) é muito natural, pois a maior parte dos nossos conceitos fundamentais são organizados pela noção da espacialidade – partindo sobretudo da idéia de que para o conceito de “em cima” está o progresso, o bem, o poder, o bem-estar, e para a noção de “embaixo” estaria colocado precisamente o inverso desses itens relacionados.

Seguindo essa tipologia “lakoviana”, propomos, a seguir, alguns exemplos de metáforas orientacionais encontradas neste *corpus* em análise:

. **para cima:** são inúmeras e normalmente apresentam uma carga semântica de valor positivo. Verificamos que há no *corpus* duas metáforas do tipo “para cima” formadas a partir de *alta*. O sintagma *alta* liquidez, em que *alta* aparece em função adjetival, especifica o tipo de liquidez, que é muito rápida e, por isso, alta. Porém, em *alta real*, em que *alta*

aparece em função substantival, o contexto no qual a unidade ocorre determina o caráter negativo do termo, designando um aumento das taxas de juros acima da inflação:

. *alta liquidez*

A carteira de ações da Schahin Cury refletiu a arte de remar contra a maré e conseguiu rentabilidade positiva com o direcionamento dos recursos para papéis de <alta liquidez> [...] (FSP, 27-03-94, p. 2.6, c. 2)

. *alta real*

O impacto de uma <alta real> (acima da inflação) das taxas de juros nas contas públicas. (FSP, 01-11-97, p. 2.10, c. 2-3)

As metáforas orientacionais relacionadas a seguir poderiam também ser classificadas como estruturais, pois *escalar* e *pico*, por exemplo, poderiam ser compreendidas como relacionadas ao montanhismo; no termo *teto*, teríamos a metáfora da casa. Contudo, acreditamos que essas metáforas são melhor categorizadas como do tipo orientacional, pois em *valor de pico*, por exemplo, o termo designa o valor máximo atingido por um indicador econômico, deixando bastante claro, desta forma, o seu caráter orientacional do tipo para cima; ao contrário de *fundo do poço*, que denomina um valor mínimo, (cf. Alves, 2001, p. 177)²⁹:

. *escalonamento*

O <escalonamento> é a prática de elevar a altura da barreira tarifária à medida que aumenta o grau de elaboração do produto. [...]. (FSP, 07-11-99, p. 2.2, c. 4)

. maior valor *teto*

[...] <Maior valor teto> – o dobro de menor valor teto. Hoje o maior valor teto coincide com o limite de contribuição, mas isso nem sempre ocorreu. (FSP, 20-04-91, p. 3.10, c. 3)

²⁹ O contexto no qual o termo *fundo do poço* aparece foi apresentado na página 71.

. *subteto*

[...] A possibilidade de instituição desse limite, chamado <subteto>, é uma das modificações previstas na reforma da Previdência [...]. (FSP, 09-05-03, p. A.7, c. 1 e 2)

. valor de *pico*

A Comissão de Trabalho da Câmara aprovou projeto de lei indexando os salários ao dólar e estabelecendo a conversão pelos <valores de pico> não pela média. (CE, 02-94, p. 3, c. 1)

. **para baixo:** são metáforas que determinam claramente o valor negativo do termo, seja em forma de lexias simples, *baixa*, *depressão* ou *telequeda*, ou complexas como em *viés de baixa* ou *fechamento em baixa*, funcionando no sintagma, normalmente, como elemento determinante. Em *fechamento em baixa*, por exemplo, a metáfora *em baixa* representa um índice desfavorável de encerramento na Bolsa de Valores.

. *baixa*

[...] comprando na <baixa> e vendendo na alta? Quem seguiu à risca a regra, que se ajusta bem ao mercado acionário, ganhou dinheiro nos últimos meses. (FSP, 12-04-99, p. 2.3, c. 3)

. *depressão*

[...] a depressão é caracterizada pela existência concomitante de vários fatores negativos. Entre eles: queda dos preços, [...]. (FSP, 09-08-98, p. 2.6, c. 1)

. fechamento em *baixa*

<Fechamento em alta>/baixa Quando o índice de fechamento da Bolsa for superior/inferior ao índice de fechamento do pregão anterior. (FSP, 05-06-00, p. F.2, c. 6)

. queda dos juros

As empresas estão menos otimistas que os bancos sobre o crescimento da economia, a <queda dos juros> e a evolução da inflação [...]. (FSP, 11-06-00, p. B.3, c. 4)

. telequeda

<telequeda> (subtít.)

Ontem de manhã, no Bovespa, as ações das empresas do setor de telecomunicações lideraram o ranking de maiores baixas. (ESP, 18-04-01, p. B.2, c. 2)

. viés de baixa

O investidor que decidir aplicar hoje em um fundo DI poderá, para os analistas, ficar tranqüilo durante 60 dias, apesar de o Banco Central ter anunciado um <"viés de baixa"> para os juros. Depois desse período, os analistas aconselham a uma reavaliação da carteira, que poderá ficar em parte prefixada para segurar os altos juros. (FSP, 22-03-99, p. 2.5, c. 6)

As unidades a seguir relacionadas, apesar de poderem ser também categorizadas como metáforas estruturais do tipo ECONOMIA É AVIAÇÃO, são classificadas, nesta análise, como orientacionais, pelo fato de o termo *aterrissagem*, na função de elemento determinado dentro do sintagma, deixar explícito o seu caráter orientacional para baixo, designando uma queda de valor de índice econômico. Essa hipótese é reforçada pela unidade *aterrissagem para baixo* ou *por baixo*, na qual o elemento determinante *para baixo* ou *por baixo* reitera “pleonasticamente” essa orientação de conceito negativo:

. *aterrissagem forçada*³⁰

A temida <aterrissagem forçada> (“hard landing”) da economia americana, esperada por muitos economistas [...] “hard” ou um “soft landing”(pouso suave). (FSP, 14-03-03, p. B. 12, c. 1)

³⁰ Termo decalcado de *hard landing*.

. *aterrissagem suave*³¹

Em tese, essa queda seria suficiente para promover o que os especialistas chamam de <“aterrissagem suave”>. O problema é que enquanto um índice baixa a altitude, outro ganha velocidade de cruzeiro. (FSP, 27-02-00, p. 2.1, c. 5)

. *aterrissagem para baixo ou por baixo:*

Em geral, os economistas têm falado muito na necessidade de um “soft landing” – uma redução suave no ritmo de crescimento-, mas um novo e preocupante jargão está surgindo no horizonte. <Aterrissagem> por baixo, ou <para baixo>, é o termo para descrever um eventual tranco na economia em 2001. (FSP, 11-06-00, p. B.6, c. 1)

As unidades *piso minibanda* e *fundo do poço*, apesar de também poderem ser classificadas como metáforas estruturais, caracterizam-se mais pelo caráter orientacional do tipo para baixo, à medida que *piso minibanda*, por meio de seu elemento determinado *piso* (mínimo de um índice), deixa transparecer essa orientação de conceituação de caráter negativo, em oposição a *teto*:

. *piso minibanda*

“O Banco Central voltou a alterar ontem o <piso> e o teto <da minibanda> - faixa em que o BC permite a flutuação das cotações da moeda norte-americana.[...]. (FSP, 20-12-96, p. 2.12, tít.)

Em relação a outros tipos de metáforas orientacionais do tipo “dentro-fora”, não encontramos exemplos representativos. Para a noção de “frente-trás”, encontramos somente um termo, *frente de trabalho*, cujo significado remete a uma nova oportunidade de emprego, criada, principalmente, em épocas em que há excesso de mão-de-obra disponível:

³¹ Os termos *aterrissagem suave* e *aterrissagem para baixo* ou *por baixo* são decalques da mesma unidade, em inglês, *soft landing*.

. *frente* de trabalho

Começam amanhã as inscrições para as <frentes de trabalho> do governo de São Paulo. Serão abertas 50 mil vagas para desempregados da Grande S. Paulo usando R\$ 120 milhões do orçamento. Os candidatos têm de ser maiores de 16 anos, estar desempregados há mais de um ano [...]. (FSP, 13-06-99, p. 2.3, c. 1-2)

Metáforas do tipo central-periférico também não são muito produtivas. Poderíamos, para efeito de análise, mencionar os termos *andar de lado* e *de lado*, que são de caráter orientacional periférico, pois “andar de lado” implica a noção de afastamento do centro por meio desse tipo de movimento. São formações do tipo exocêntrico, já que nem *andar* e nem *de lado* têm expressão lingüística relativa à área de Economia em um dos seus referentes, fazendo alusão à situação em que não há uma tendência clara de elevação ou de baixa no mercado financeiro:

. *andar de lado*

O mercado acionário <“andar de lado”> (sem tendência definida), na opinião [...]. (FSP, 12-02-00, p. 2.2, c. 1)

. *de lado*

A Bovespa deve iniciar a semana <“de lado”>, de acordo com o jargão do mercado financeiro. Isso significa que as ações não devem subir, mas que também não vão apresentar forte queda. (FSP, 02-07-01, p. B.5, c. 4)

Para as noções de “fundo-raso”, não encontramos, à primeira vista, nenhum termo metafórico espacial do tipo “raso”; porém, para a noção de “fundo”, encontramos várias unidades metafóricas. O termo *fundo*, por exemplo, é extremamente produtivo em Economia, principalmente quando se refere a uma forma de aplicação financeira: *fundo multicarteira, fundo multimercado, fundo de commodities DI* etc.

Os termos expandidos a partir da unidade *fundo* muitas vezes parecem juntar-se a outra metáfora. No caso, por exemplo, de *fundo aberto*, acreditamos que há dois tipos de

metáforas orientacionais ao mesmo tempo: em *fundo*, a orientação espacial é do tipo “fundo-raso” e, em “aberto”, a orientação é do tipo “aberto-fechado”.

Parece-nos também que, nesses casos, somente um dos termos carrega a maior carga metafórica do sintagma. No caso de *fundo aberto*, o segundo termo, o elemento determinante, “ilumina” o sentido da formação sintagmática. Ele é aberto porque é um tipo de fundo administrado por instituições financeiras que realizam esse tipo de aplicação através de planos individuais, ao contrário de *fundo fechado*, que atua por meio de planos ligados a empresas.

Outro ponto que destacamos em relação aos termos formados a partir de *fundo* é o seu discutível teor metafórico. Tratar-se-ia de uma metáfora apagada? É tão produtiva nesse tipo de *corpus* (como referência a um tipo de investimento de capital) que se esvaziou de sua carga metafórica?

Para Canolla (2000, p. 55-56), o desgaste das metáforas ocorre quando há o emprego repetido do enunciado metafórico. Há uma redução da tensão inicial e o conceito novo pode estabilizar-se de tal modo que sua ativação se realize sem que se manifeste o processo de analogia entre os domínios que foram aproximados para a sua criação. Nesse caso, ocorreriam, então, as chamadas metáforas mortas.

Alves (2001, p. 178-179), referindo-se aos conceitos de metáforas vivas (em que se explora a analogia entre domínios conceptuais diferentes) e metáforas mortas (em que o conceito novo está estabilizado e sua ativação já não mais implica a exploração desse processo de analogia), afirma que os recursos metafóricos da Economia constituem, inicialmente, metáforas vivas; à medida que vão sendo usados por economistas, vão se tornando metáforas mortas no interior desse grupo, mas podem permanecer como metáforas vivas para outros interlocutores.

Porém, apesar de, aparentemente, o grau de “metaforicidade” dos termos gerados de *fundo* (que, normalmente, designam um tipo de aplicação financeira) não ser tão saliente, resolvemos analisá-los pelo fato de que, para Lakoff & Johnson (2002, p. 59), esse tipo de noção espacial representa uma metáfora de caráter orientacional, merecendo o termo, portanto, seu reconhecimento como polissêmico.

Vejam, a seguir, alguns termos metafóricos formados a partir de *fundo* cuja orientação espacial é do tipo “aberto-fechado”³²:

.*fundo aberto e fundo fechado*

[...] A segunda alternativa seria manter a estrutura atual dos fundos fechados (ligados a empresas ou a setores) e <fundos abertos> (administrados por instituições financeiras, através de planos individuais). (FSP, 31-10-93, p. 2.3, c. 2)

.*fundo de pensão fechado*

Nos <fundos de pensão fechados> e mesmo nos planos individuais de previdência aberta não limite de abatimento no IR.

No resgate, a regra é a mesma para todos. Quando o dinheiro for sacado, em parcelas ou totalmente, incide IR na fonte como antecipação do devido na declaração. (FSP, 10-08-97, p. 2.6, c. 2)

.*fundo fechado*

[...] A segunda alternativa seria manter a estrutura atual dos <fundos fechados> [...]. (FSP, 06-12-99, p. 3.1, c. 4)

3) Uma das **metáforas ontológicas** mais óbvias é a personificação, uma vez que ela permite compreendermos determinados fenômenos a partir da nossa experiência humana.

São vários os exemplos de metáforas ontológicas em Economia. Lakoff e Johnson (2002, p. 88) apresentam a metáfora A INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO como uma entidade que, por meio do substantivo *inflação*, permite referir-nos a ela, quantificá-la, identificar um aspecto dela, vê-la como uma causa, agir em relação a ela, e talvez, acreditarmos que a compreendemos³³.

³² Encontramos neste *corpus* em análise mais de 100 termos formados a partir de *fundo*; contudo, não examinaremos todos eles, mas somente algumas formações que parecem ser interessantes para os propósitos desta pesquisa.

³³ A inflação *atacou o alicerce* de nossa economia. (Inflation *has attacked* the foundation of our economy). [...] O nosso maior *inimigo* agora é a inflação. (Our biggest *enemy* right now is inflation). [...] Aqui a inflação é personificada, mas a metáfora não é apenas INFLAÇÃO É UMA PESSOA. É muito mais específica, ou

Alves (2001, p. 178) também trata do termo *inflação* como um grande fator de formação de metáforas ontológicas em Economia. Os fenômenos relacionados à inflação passam, portanto, a ser personificados para que assim possamos falar sobre ela:

Desse modo, o reajuste de salários de acordo com os índices de inflação faz disparar o *gatilho salarial*, instrumento implantado durante o governo do ex-presidente José Sarney. O *ganho inflacionário*, também denominado *float* ou *floating*, representa o ganho obtido por instituições financeiras ou empresas em decorrência da inflação. Em períodos de inflação alta, observa-se uma *aceleração inflacionária*, que implica o aumento progressivo da taxa de inflação. Um evento econômico pode causar o aumento da inflação e determinar assim, um *impacto inflacionário*.

Para Vilela (2002, p. 99), a *inflação* aparece em seu estudo categorizada como metáfora estrutural, e não como ontológica. Porém, na maioria dos trabalhos a respeito da metáfora em Economia, ela é percebida como de natureza ontológica. No próprio estudo de Vilela, de acordo com os exemplos mostrados pelo autor, ela seria mais bem categorizada como tal. É o caso de “Vacacões poderão *enlouquecer* a inflação”, em que se fala da inflação em termos da experiência humana³⁴.

A seguir, apresentaremos outros exemplos de metáforas ontológicas constituídas em nosso *corpus*. O termo *capital*, por exemplo, pode ser personificado por meio de adjetivos como *humano*, *volante* ou *especulativo*. *Capital humano* pode ser definido como força de trabalho, ou um tipo de investimento financeiro em força humana. *Capital volante*, por meio do elemento determinante do sintagma, designa um tipo de capital que não é fixo. *Capital especulativo internacional* diz respeito a recursos oriundos de especuladores estrangeiros que aplicam em investimentos que podem ser rapidamente retirados diante da possibilidade de risco iminente:

seja, INFLAÇÃO É UM ADVERSÁRIO. [...] “O processo de desinflação tem sido suportado por uma melhoria de produtividade”. [...] “A descida da inflação”, “A desaceleração da inflação”, “*inflação galopante*”. [...] “Vacacões poderão ‘enlouquecer’ a inflação [...].

³⁴ Vilela (2002, p. 99) afirma: “A ‘inflação’ desempenha aqui um papel fundamental. A ‘inflação’ sobe, desce, agrava-se, piora, melhora, estagna, abrandando, acelera e desacelera, ‘dispara’, ‘enlouquece’, etc. Por outro lado, as palavras derivadas de ‘inflação’ – as possíveis derivações – são activadas, com *desinflação* e *desinflacionar*, *deflação*, *inflacionista*, etc.”

. capital humano

O principal fator determinante da desigualdade no Brasil (40%) corresponde ao acesso (ou falta dele) à educação. Vem a seguir o desequilíbrio entre investimento em capital físico e <capital humano>. [...] (FSP, 01-08-99, p. 2.2, c. 3-4)

. capital volante

É que está vencendo o prazo de 60 dias para o exercício de opção de compra e venda de cerca de 20% do capital total e de 60% do <capital volante> pela acionista da Mitsui & Co. Ltd., do Japão. (FSP, 01-04-01, p. B.9, c. 1)

. capital especulativo internacional

Sem uma estrutura tributária e fiscal consistente e moderna, capaz de tornar o mercado [...] – pasmem – fica totalmente exposto aos caprichos do <capital especulativo internacional>. (FSP, 15-11-97, p. 2.2, c. 3)

Além das metáforas ontológicas relacionadas à *capital*, encontramos também as metáforas personificativas, tais como *empresa viva* e *inflação galopante*. Em *empresa viva*, o elemento compreendido em termos humanos é o que cumpre a função adjetival, denominando um tipo de empresa que deve adaptar-se continuamente ao meio ambiente. No caso do sintagma *inflação galopante*, o elemento determinante *galopante* designa, por meio da metáfora, um tipo de inflação incontrolável:

. empresa viva

A empresa orgânica

O conceito é da década de 30, mas foi reciclado nos anos 80 com nomes como learning organization ou <empresa viva>. Idéia básica: a empresa é como um organismo, que deve adaptar-se continuamente ao meio ambiente. Nas empresas orgânicas, o foco deve ser na flexibilidade, na agilidade e na capacidade de inovação. Os admiradores dessa metáfora costumam ser darwinistas, mas ainda não exploraram possíveis semelhanças com tiriricas e iguanas. (Ex, 16-10-04, p. 101, c. 3)

. *inflação galopante*

Segundo Erivelto Rodrigues, presidente da consultoria [...] foi resultado da quebra de muitas instituições no início do Real e do fato de elas terem deixado de ganhar o “dinheiro fácil” da época da <inflação galopante>. (FSP, 16-03-03, p. B.8, c. 5)

Concluído o trabalho de estabelecimento de categorias metafóricas e a análise das unidades, salientamos que outras classificações também seriam possíveis; porém, acreditamos, neste momento, que as que adotamos parecem satisfazer as necessidades atuais deste tipo de estudo, pois o modelo lakoviano foi bastante produtivo, conseguindo agrupar os vários termos metafóricos, no *corpus* em análise, de acordo com os conceitos que se sobressaíam em cada um deles³⁵.

No próximo subcapítulo, discorreremos sobre a metonímia, visto que em alguns casos é difícil distinguir um processo metafórico de um processo metonímico, constituindo-se, em algumas ocasiões, como processos semânticos imbricados.

3. Termos metonímicos

Ainda que este estudo não tenha por objetivo tratar da metonímia, até porque a sua frequência é baixa no *corpus* estudado, consideramos interessante, para os propósitos desta pesquisa, abrir um subcapítulo para discutir esse tema, visto que a classificação dos termos metafóricos nos apresentou algumas dificuldades no tocante à distinção entre um processo metafórico e um metonímico. Sendo assim, acreditamos importante a discussão de alguns pontos acerca da metonímia, para tentarmos compreender melhor a própria metáfora e o porquê de esses dois processos muitas vezes se mesclarem.

Lakoff & Johnson (2002, p. 91) defendem que conceitos metonímicos, assim como os metafóricos, fazem parte da maneira como agimos, pensamos e falamos no dia-a-dia.

³⁵ Para Silva (2003, p. 39), além das tipologias propostas por Lakoff, haveria outras possíveis, embora não haja na literatura recente nenhuma proposta sistemática desenvolvida. Atendendo à natureza do domínio-origem da projeção metafórica, temos metáforas espaciais, metáforas perceptivas, metáforas antropomórficas, metáforas animistas, metáforas sinestésicas, metáfora de imagens etc. Esses são os tipos mais frequentes de metáforas convencionalizadas (já assim identificadas por Ullman 1962) e, conseqüentemente, as principais raízes metafóricas da polissemia.

Eles nos dão vários exemplos de como esse fato acontece. No caso de “O Times não chegou para a coletiva”, o “Times” não se refere simplesmente a um repórter ou outro, mas também sugere a importância da instituição que o repórter representa.

Os mesmos autores afirmam que os conceitos metonímicos são também sistemáticos, conforme podemos observar em exemplos representativos existentes em nossa cultura: PARTE PELO TODO, PRODUTOR PELO PRODUTO, OBJETO PELO USUÁRIO, CONTROLADOR PELO CONTROLADO, INSTITUIÇÃO PELOS RESPONSÁVEIS, LUGAR PELA INSTITUIÇÃO, LUGAR PELO EVENTO, SÍMBOLO PELO SIMBOLIZADO.

Atualmente, a metonímia tem tido reconhecimento crescente da sua importância cognitiva e lingüística. Isto é patente em Kövecses & Radden, Radden & Kövecses, Panther & Radden, Ruiz de Mendonza, Barcelona, Dirven & Pörings e Panther & Thornburg (respectivamente, 1998, 1999, 1999, 1999, 2000 e 2002 *apud* Silva, 2003, p. 43)³⁶.

As pesquisas realizadas pelos estudiosos citados no parágrafo anterior têm contribuído para o estabelecimento de uma nova tipologia metonímica, pois a tipologia desenvolvida por Lakoff e Johnson ainda é considerada tradicional pela mais nova linha de pesquisa cognitivista.

De acordo com essa nova perspectiva, as diversas relações metonímicas podem ser divididas em três tipos: PARTE PELO TODO, TODO PELA PARTE E PARTE PELA PARTE.

Contudo, entre os vários modelos de estabelecimento de tipologias metonímicas propostos pelos cognitivistas, o modelo apresentado por Langacker (1984, 1993, 1999, *apud* Silva, 2003, p. 46)³⁷ é bastante utilizado. Esse autor entende que a metonímia se

³⁶ KÖVECSES, Zoltán & RADDEN, Günter. “Metonymy: developing a cognitive view”. *Cognitive Linguistics* 0-1, 37-77, 1998; RADDEN, Günter & KÖVECSES, Zoltán. “Towards a theory of metonymy”. In: Klaus-Uwe Panther & Günter Radden (eds.), *Metonymy in Language and Thought*, Amsterdam: John Benjamins, 17-5, 1999.; PHANTER, Klaus-Uwe & RADDEN, Günter (eds.). *Metonymy in Language and thought*, Amsterdam: John Benjamins, 1999.; RUIZ DE MENDOZA, Francisco José. *Introducción a la teoría cognitiva de la metonimia*. Granada: Método Ediciones, 1999.; BARCELONA, Antonio. “On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor”. In: A. Barcelona (ed.), *Metaphor and Metonymy at the Crossroads*, Berlin: Mouton de Gruyter, 31-58., 2000.; DIRVEN, René & PÖRINGS, Ralf (eds.). *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002.; PHANTER, Klaus-Uwe & RADDEN, Günter (eds.). *Metonymy and Pragmatic Inferencing*. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

³⁷ LANGACKER, Ronald W. “Active zones”. *Berkeley Linguistics Society* 10, 177-188. Reprinted in Langacker (1990), 189-201, 1984.

desenvolve em termos de zona ativa (ZA) e ponto de referência (PR), ou seja, ela ocorre quando um domínio é ativado por meio de uma referência³⁸.

Em nosso *corpus* de estudo, encontramos várias categorias metonímicas, tais como PARTE PELO TODO, EFEITO PELA CAUSA, CONTINENTE PELO CONTEÚDO, LOCAL/OBJETO PELO EVENTO, METONÍMIAS FISIOLÓGICAS e OBJETO PELA FUNÇÃO, as quais serão enumeradas e analisadas nas páginas seguintes:

1) PARTE PELO TODO

âncora verde	PR: verde	ZA: agricultura
crime do colarinho branco	PR: colarinho branco	ZA: pessoas bem-vestidas de terno e gravata
emprego verde	PR: verde	ZA: empregos que respeitam a Natureza
imposto verde ³⁹	PR: verde	ZA: imposto único sobre o setor cuja missão é arrecadar dinheiro da conta-petróleo
linha branca	PR: branco	ZA: aparelhos eletrodomésticos
linha marrom	PR: marrom	ZA: equipamentos de áudio e vídeo
mercado verde	PR: verde	ZA: produtos que respeitam a Natureza
pirataria chipada	PR: chip	ZA: produtos eletrônicos

Entre os termos citados, há um tipo de metonímia que parece se destacar: são as formações cuja função adjetival refere-se à cor *verde*, tais como *âncora verde*, *emprego*

_____. "Reference-point constructions". *Cognitive Linguistics* 4. Reprinted with revisions in Langacker (1999), 171-202, 1993.

_____. *Grammar and conceptualization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999.

³⁸ Silva (2003:29) ilustra como isso ocorre através do exemplo *Lisboa ainda não atendeu aos pedidos das populações*. No interior do mesmo domínio da capital de Portugal, encontram-se, entre outros, os subdomínios da cidade capital como lugar, das instituições políticas localizadas na capital e das pessoas dessas instituições que tomam as decisões (o primeiro ministro, os ministros, os deputados etc.). Via metonímia, o subdomínio das instituições políticas é referido através do subdomínio da cidade como lugar e, assim, aquele subdomínio é mentalmente ativado, tendo este último subdomínio como ponto de referência. Posteriormente, e através de uma segunda metonímia, as pessoas mais importantes dessas instituições (em primeiro lugar, o primeiro-ministro e os seus ministros, isto é, o governo, no nosso sistema político semipresidencial) serão ativados por referência às instituições que representam.

³⁹ Neste exemplo, não se sabe muito bem por que "conta-petróleo" é ativado no lugar de verde.

verde, imposto verde e mercado verde. Nessa seqüência de unidades apresentadas, a metonímia ocorre no elemento determinante do sintagma. A cor *verde* salienta-se quando pensamos em agricultura ou nos referimos à Natureza. Nos casos de *imposto verde, emprego verde e mercado verde*, destaca-se o conceito daquilo que é a favor da Natureza:

. *emprego verde*

“Boa parte desses novos empregos está direcionado à defesa do meio ambiente, à preservação da qualidade das terras cultiváveis, à reciclagem do papel, do vidro, das embalagens. São os também chamados <‘empregos verdes’>, que podem ir desde atividades como a da reciclagem do lixo ao desenvolvimento da criatividade em busca de novos combustíveis, de máquinas e veículos não poluentes ou de modos de vida que respeitam a natureza.” (CE, 07-95, p. 57, c. 1)

. *imposto verde*

O governo quer que essa liberalização ocorra em 2001. A idéia inicial era criar o chamado <“imposto verde”>, um imposto único sobre o setor que teria a missão de arrecadar o dinheiro da conta-petróleo. A necessidade de negociar o imposto no Congresso durante as discussões sobre a reforma tributária fez com que o governo mudasse de idéia. (FSP, 19-12-99, p. 2.11, c. 6)

. *mercado verde*

Contexto: <Mercado Verde> - Ligado ao ambientalismo, começou a ser enfatizado pelos grandes distribuidores do varejo. Hoje, a empresa mais identificada com essa tendência é o Wall Mart, que garante aos fabricantes as importantes prateleiras da frente, desde que demonstrem que o seu produto é verde, isto é, que seus componentes não são poluidores. (FSP, 29-09-97, p. 2.3, c. 2)

Em *linha marrom* – conforme já mencionamos, na segunda nota de rodapé desta pesquisa –, o termo metonímico é *marrom*; porém, aqui a sua referencialidade não é tão óbvia, visto que os aparelhos de áudio e vídeo, normalmente, não são dessa cor. Uma

possível explicação para a motivação metonímica desse termo seria o fato de que, há alguns anos, esses aparelhos eram revestidos em madeira (cor predominantemente marrom). O termo *linha branca*, cujo elemento determinante *branca* é metonímico, explica facilmente a origem do termo, pois equipamentos eletrodomésticos, normalmente, possuem esse tipo de cor (tais como geladeiras, fogões, torradeiras, máquinas de lavar etc.):

linha marrom e branca

Em razão disso, a Samsung prevê a ampliação do portfólio de produtos da marca fabricados no Brasil. A primeira poderá ser a linha marrom, com equipamentos de áudio e vídeo, e em seguida a <linha branca>, com eletrodomésticos. Ambas concentradas em Manaus, em razão, segundo Park, dos benefícios fiscais. (GM, 15-07-04, p. A.14, c. 5)

Em *crime do colarinho branco*, de novo a cor branca se salienta, pois o termo faz referência, pela parte *colarinho branco*, ao todo da camisa de cor branca. Essa peça do vestuário comumente usada por homens que trabalham em órgãos governamentais ou empresas e possuem um cargo alto, conceitua, nesse tipo de referência metonímica, homens poderosos que cometem crimes contra a ordem econômico-social:

. crime do colarinho branco

Mais da metade dos executivos franceses consultados acreditam que a França deveria lançar uma investigação sobre <crimes de colarinho branco>, ao estilo italiano. (FSP, 11-09-94, p. 2.2, c. 1)

No caso de *pirataria chipada*, acreditamos que a motivação metonímica do termo venha de “chip” (termo de origem inglesa), pois esse tipo de dispositivo aparece freqüentemente nos produtos eletrônicos e é capaz de realizar diversas funções relativamente complexas:

. pirataria chipada

Incluída, num simples clique, a <pirataria chipada> dos produtos culturais digitalizáveis: filmes, vídeos, discos, livros... (ESP, 13-06-01, p. B.2, c. 6)

2) EFEITO PELA CAUSA

tarifa amarela

PR: amarelo

ZA: luz da energia elétrica

Em *tarifa amarela*, a cor amarela é o “efeito” da luz da energia elétrica, cujo tom, se assim pudéssemos dizer, é amarelo, o qual designa por meio do elemento determinante um tipo de tarifa cobrada pelo consumo de energia elétrica:

. *tarifa amarela*

Zylbersztajn - Sim. E, para o setor residencial, não só pelo critério do consumo, mas pelo da hora. Na França, há a chamada <tarifa amarela>, que considera a hora. Quem consome no horário de pico paga mais, [...]. (FSP, 20-05-01, p. B.8, c.

5)

3) CONTINENTE PELO CONTEÚDO

fluxo de caixa

fluxo de caixa operacional

fundo carteira livre

PR: carteira

ZA: dinheiro

geração de caixa

PR: caixa

ZA: dinheiro, movimentação financeira

Nos termos *fluxo de caixa*, *fluxo de caixa operacional* e *geração de caixa*, ativa-se a idéia de dinheiro ou de movimentação financeira pelo ponto de referência *caixa*. No caso de *fundo de carteira livre*, a mesma idéia de dinheiro é ativada pelo ponto de referência *carteira*, pequena bolsa em que se guarda dinheiro. Em *fundo carteira livre*, a metáfora *fundo* ocorre junto à metonímia *carteira*, designando um tipo de aplicação financeira (conforme atesta o contexto) para quem investe em ações:

. *fluxo de caixa*

É por isso que especialistas como Eduardo Santalucia, gerente do Sudameris, insistem na necessidade de o investidor montar seu <fluxo de caixa>, separar o dinheiro que pode ficar aplicado por mais tempo e fazer sua opção. (FSP, 01-12-96, p. 6, c. 2)

. fluxo de caixa operacional

A Nextel Brazil, que fornece serviços integrados e produtos de comunicação digital, registrou um <fluxo de caixa operacional> positivo (US\$ 5 milhões) no terceiro trimestre de 2002. Esse resultado indica uma melhora em seu desempenho. No terceiro trimestre 2001, a empresa havia registrado um prejuízo operacional de US\$ 20,3 milhões. (FSP, 17-11-02, p. B.3, c. 6)

. fundo carteira livre

O feijão-com-arroz não foi suficiente para que os <fundos carteira livre> (que investem em ações) conseguissem acompanhar o Ibovespa (Índice da Bolsa de Valores de São Paulo) no primeiro trimestre do ano. (FSP, 12-04-99, p. 2.6, c. 4)

. geração de caixa

Segundo Álvaro Bandeira, diretor da instituição, a justificativa para a recomendação é que "os conflitos entre os sócios da Brasil Telecom Participações estão chegando a um bom fim. Além disso, a empresa possui boa <geração de caixa>, endividamento baixo em comparação ao setor e perspectiva de grande expansão na sua região de atuação. (FSP, 02-09-02, p. B.2, c. 1-2)

4) LOCAL/OBJETO PELO EVENTO

mercado de varal	PR: varal	ZA: camisetas
mercado de balcão	PR: balcão	ZA: referência a negociações de papéis
mercado de balcão organizado	PR: balcão	ZA: referência ao sistema organizado de negociação de títulos e valores mobiliários
mesa de câmbio	PR: mesa	ZA: referência às negociações de taxas de câmbio

No caso do termo *mercado de varal*, o ponto de referência *varal* ativa diretamente o conceito de um mercado popular em que camisetas penduradas no varal são vendidas nas portas de estádios de futebol:

. mercado de *varal*

Há outras estratégias em ação para enfrentar os produtos falsificados. A São Paulo Alpargatas vai lançar neste mês camisas de clubes mais em conta, para competir com o <mercado de varal> - as vendidas principalmente nas portas dos estádios de futebol (FSP, 03-09-00, p. B.3, c. 5-6)

Em *mercado de balcão*, a referência a *balcão* ativa a idéia da negociação de papéis feita fora da Bolsa de Valores. Já em *mercado de balcão organizado*, por meio de *balcão*, faz-se alusão ao sistema organizado de negociação de títulos e valores mobiliários de renda variável, administrados por entidade autorizada pela CVM (Comissão de Valores Mobiliários):

. mercado de *balcão*

Operando no mercado de balcão em Nova York, esses fundos e bancos fizeram operações à vista e no futuro que somaram mais de US\$ 700 milhões. O <mercado de balcão> é formado por operações de compra e venda de ativos conduzidas pelo telefone sem a coordenação de uma Bolsa de Valores. (FSP, 21-09-02, p. B.3, c. 1)

. mercado de *balcão organizado*

A rentabilidade pode não parecer boa, mas foi suficiente para deixar os ânimos mais calmos num período turbulento: na última semana, o Índice Soma (Sociedade Operadora do Mercado de Ativos), que reúne as ações mais negociadas no <mercado de balcão organizado>, fechou em ligeira alta - de 0,55%. (FSP, 23-08-99, p. 2, c. 4)

Nos termos *mesa de câmbio* e *mesa de negociações*, *mesa* seria um tipo de móvel presente em situações nas quais pessoas ou autoridades reúnem-se em torno dela para tomarem decisões. No primeiro caso, faz-se menção, por exemplo, ao segmento do banco responsável pela compra e venda de moedas, e, no segundo, às tomadas de decisão nos âmbitos político-empresariais:

. *mesa* de câmbio

Um diretor de <mesa de câmbio> afirmou que o resultado do leilão de Letes na Argentina, cujas taxas foram consideradas altas, também incomodou. (ESP, 23-05-01, p. B.17, c. 5)

. *mesa* de negociações

Autoridades argentinas admitem que a resolução 911 foi política. O objetivo era mostrar a necessidade de regras próprias do Mercosul para salvaguardas e levar o Brasil à <mesa de negociações>. A mesa está preparada, mas o Brasil promete não ceder. (FSP, 01-08-99, p. 2.4, c. 2)

5) METONÍMIAS FISIOLÓGICAS

Um outro tipo metonímico presente neste *corpus* é a metonímia fisiológica, que se realiza quando uma determinada sensação física é ativada em relação a sensações como aumento ou baixa da temperatura do corpo, agitação física etc⁴⁰.

No caso da Economia, o efeito “fisiológico” não tem uma relação direta com a emoção ou o sentimento. Mas quando se fala em *aquecimento da economia*, o termo *aquecimento* é ativado a partir de algum efeito fisiológico do corpo humano – transferido

⁴⁰ Para Silva (2003: 44), um dos domínios de elevada regularidade e produtividade da metonímia conceptual é a dos sentimentos e emoções. Na conceptualização de muitos sentimentos e, sobretudo, de muitas emoções, é ativada a metonímia fisiológica EFEITO PELA CAUSA, em que a emoção ou o sentimento é designado pelo(s) respectivo(s) efeito(s) fisiológico(s). Quando falamos que alguém “ficou vermelho de raiva”, a raiva é a emoção ou o sentimento que causou um determinado efeito fisiológico, no caso, a vermelhidão no rosto.

para esse tipo de domínio – para mostrar o aumento das atividades econômicas, ou, no caso de *esfriamento da economia*, para explicar o baixo nível de produtividade nessa área. Vejamos alguns exemplos encontrados no *corpus*:

. operação *esquenta-esfria*

Segundo o analista, esse mecanismo poderá inibir as chamadas operações <esquenta-esfria>, em que um investidor precisa gerar prejuízo [...] nos seus balanços, e, com isso, pagar menos IR, enquanto outro aplicador busca o lucro. (FSP, 11-10-99, p. 2.5, c. 6)

. esfriamento da economia

Os economistas do IIF acreditam que as ações de empresas de países em desenvolvimento podem ser beneficiadas pelo gradual <esfriamento da economia> dos Estados Unidos. [...]. (FSP, 25-09-00, p B.1, c. 6)

Contudo, essa perspectiva apresentada por Silva (2003, p. 44) não ocorre normalmente na teoria tradicional acerca das metonímias, pois a metonímia fisiológica é apresentada, regularmente, como metáfora sinestésica.

Além das categorias apresentadas nas páginas anteriores, com base na tipologia apresentada por Silva (2003, p. 44), apresentamos outras categorias possíveis, baseadas em estudos de Kövecses (1989), com o intuito de tentar sistematizar alguns outros processos metonímicos ocorrentes neste tipo de *corpus*:

6) OBJETO PELA FUNÇÃO

tábua AT-83

tábua aturial

tábua de anuidade

PR: tábua

ZA: quadro sistemático de consulta de dados

Nos termos relativos à *tábua*, esse objeto é tomado metonimicamente com o objetivo de se referir a um quadro sistemático de consulta de dados. Nessa situação,

podemos dizer que uma metonímia está gerando uma metáfora, pois não podemos pensar em *tábua* com um valor literal, ou seja, como uma peça plana de madeira⁴¹.

Por último, destacamos que, ao longo dessa categorização, percebemos que o que resta muitas vezes da metonímia é uma espécie de “reminiscência” de sua motivação: é o caso, por exemplo, de *mercado de balcão*, em que o termo *balcão* representava o local que separava o comprador do negociante de títulos; porém, hoje, comumente, já não existe mais um balcão entre essas partes envolvidas; provavelmente, o que as separa é o computador ou uma linha telefônica, modo atualizado de se realizar essas operações. O que ficou, dessa forma, foi o símbolo. Poderíamos, outrossim, categorizar essa metonímia como o SÍMBOLO PELO SIMBOLIZADO.

Outros casos como esse podem ocorrer em diversas formações terminológicas deste *corpus*, tais como os sintagmas em que ocorre o termo *carteira*: *carteira administrada* ou *fundo carteira livre*, por exemplo, assim como *pacote*, *caixa*, entre outras, termos provavelmente, “metaftonímicos”, ou seja, nos quais há uma espécie de “mesclagem” entre metáfora e metonímia.

4. Um continuum metafórico e metonímico

Sabemos, obviamente, que metáfora e metonímia são processos semânticos diferentes. Conceptualmente, a metáfora processa-se pela transferência, usa-se a designação de uma entidade para nos referirmos a outra, concebemos uma coisa em termos de outra, enriquecendo, principalmente, a compreensão. Na metonímia, joga-se essencialmente com a função referencial. Aqui uma entidade toma o lugar de outra. Isso não significa que se oblitere a compreensão, pois, se pensarmos no caso da metonímia “cabeça”, conforme explica Vilela (2002, p. 80), ao designarmos “alguém” por uma boa “cabeça” ou um bom “cérebro”, não se introduz apenas uma nova designação ou referência, mas também se salienta a propriedade para a qual apontamos: a cabeça, o cérebro como sedes de inteligência, havendo, dessa forma, um reforço da compreensão, e, evidentemente, do cognitivo.

⁴¹ No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, encontramos a informação de que o termo *tábua*, designando um quadro sistemático de consulta de dados, índice, catálogo, tabela, surge no século XV por derivação metonímica.

Contudo, nem sempre é fácil identificar se um termo é metafórico ou metonímico. Poderíamos nos perguntar até que ponto há marcas tão distintivas entre a metáfora e a metonímia. Tomemos, por exemplo, o caso do termo *pacote fiscal*, o qual categorizamos, neste estudo, como um caso de metonímia. Parece-nos também que existe a presença de uma metáfora, pois houve um processo de transferência de sentido: *pacote*, além de representar o total de elementos que compõem o todo – e nesse sentido verifica-se um processo metonímico –, também significa, metaforicamente, em *pacote fiscal*, um conjunto de medidas que objetivam alterar a política fiscal do governo, por meio do aumento da arrecadação tributária e da diminuição de gastos.

No caso do termo *capital*, expandido em *capital humano*, *capital volante*, *capital volátil*, *capital especulativo*, *capital especulativo internacional*, categorizados na tipologia proposta neste trabalho como metáforas ontológicas, pode-se também pensar em uma metonímia, pois *capital* representa, nesse caso, toda riqueza capaz de produzir renda.

O que parece existir realmente, em alguns momentos, é um *continuum* entre a metáfora e a metonímia. Para os cognitivistas, metáfora e metonímia não são mecanismos conceituais independentes, mas interagem frequentemente. Sendo assim, sugere-se, neste estudo, que muitas vezes não se tem muita clareza dos limites entre um e outro processo, em virtude da interação que há muitas vezes entre a metáfora e a metonímia (cf. Dirven & Pörings, Lakoff & Turner e Gibbs (2002, 1989 e 1994, *apud* Silva 2003, p. 51-52)⁴².

Goosens (1990, 2002, *apud* Silva 2003, p. 52)⁴³ evidencia essa interação, nomeando esse processo como “metaphonymy”. O autor acredita que há casos de *integração* da metonímia e da metáfora, ora como “metonímia dentro da metáfora” ora, mais raramente, “metáfora dentro da metonímia”, e casos de *cumulação*, quer como “metáfora a partir de uma metonímia” quer, menos frequentemente, como “metonímia a partir de uma metáfora”.

⁴² DIRVEN, Renné & PÖRINGS, Ralf (eds.). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002; LAKOFF, George & TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.; GIBBS, Raymond W. *The poetics of mind figurative thought, language, and understanding*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

⁴³ GOOSENS, Louis. “Metaphonymy. The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action”. *Cognitive Linguistics* 1-3, 323-340, 1990.

_____. “Metaphonymy. The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action”. In: R. Dirven & Pörings (eds.), *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*, Berlin: Mouton de Gruyter, 349-377, 2002.

Seguindo essa mesma linha, Barcelona (2002, *apud* Silva, 2003, p. 52)⁴⁴ propõe a distinção entre dois grandes tipos de interação: em nível conceitual, ora como motivação metonímica da metáfora, ora como motivação metafórica da metonímia, e como instanciação textual numa mesma expressão lingüística⁴⁵.

De acordo com Silva (2003, p. 53), a Semântica Diacrônica sempre compreendeu que a metáfora e a metonímia operam em sucessão como mecanismos de extensão semântica. Conseqüentemente, para esse autor, é natural que surjam casos situados entre estes dois processos.

Em relação ao *corpus* jornalístico da Economia, encontramos o uso de termos de temperatura para tratar do desenvolvimento positivo das atividades econômicas, constituindo casos em que podemos sentir o processo semântico ora como metonímico (causa e efeito), ora como metafórico (transferência de domínio).

O termo *aquecimento econômico* ou *aquecimento da economia*, por exemplo, é um caso que podemos categorizar como uma metáfora, pois *aquecimento* atribui um conceito positivo à Economia; porém, é também possível classificá-lo como uma metonímia, já que podemos imaginar, de acordo com a Lingüística Cognitiva, que a unidade *aquecimento* foi ativada a partir de determinado efeito fisiológico do corpo humano para falar do aumento das atividades econômicas:

- . *aquecimento* econômico
- . *aquecimento* da economia

Além da Argentina e do imbróglio político, há outro problema que tem preocupado grande parte dos economistas. Trata-se do <aquecimento da economia> e seu impacto sobre a inflação. O economista Celso Toledo, da MCM Consultoria,

⁴⁴ BARCELONA, Antonio. “Clarifying and applying the notions of metaphor and metonymy within cognitive linguistics: And upde”. In: R. Dirven & R. Pörings (eds.) *Metahor and metonymy in comparison and contrast*, Berlin: Mouton de Gruyter, 2002.

⁴⁵ Silva (2003, p. 52) explica que um dos domínios em que a interação metáfora-metonímia é particularmente recorrente é o das categorias de emoção, pois na conceptualização das emoções e dos sentimentos funciona um princípio metonímico geral de tipo EFEITO PELA CAUSA, pelo qual a ira, a tristeza, o medo, a alegria, o amor e outras emoções/sentimentos são referidas por sintomas fisiológicos correspondentes – tais como abaixamento de temperatura do corpo, rosto corado/pálido, gritos e lágrimas. Uma das várias metáforas conceptuais desencadeadas por metonímias fisiológicas é do tipo IRA É CALOR. Ex.: *Ferve-me o sangue, de raiva.*

começa a enxergar sinais de que o aquecimento acima do esperado neste início de ano já estaria causando impacto sobre a inflação. (FSP, 12-03-01, p. B. 2, c. 1-2)

Para definir, por exemplo, a situação em que um investidor gera prejuízo nos seus balanços para com isso pagar menos IR, também se faz uso de termos relacionados à temperatura. Exemplo:

. operação *esquenta-esfria*

Segundo o analista, esse mecanismo poderá inibir as chamadas <operações “esquenta-esfria”>, em que um investidor precisa gerar prejuízo para lançar nos seus balanços, e, com isso pagar menos IR, enquanto outro aplicador busca o lucro. (FSP, 11-10-99, p. 2.5, c. 6)

A constatação de que os dois processos se integram ou surgem um a partir do outro parece ser ainda mais evidente quando alguns autores, como Barcelona (2000, *apud* Silva, 2003, p. 53)⁴⁶, assumem uma posição radical ao defenderem a hipótese de que qualquer metáfora é motivada por uma metonímia conceptual, incluindo-se os casos de sinestesia.

Particularmente, no caso das cores, podemos notar que, além da relação metonímica marcada pela idéia de contigüidade e de extensão, parece-nos também que há marcas metafóricas em relação à criação de conceitos.

Os termos *operar no azul* e *sair do vermelho*, por exemplo, podem ter motivação metonímica, possivelmente, via domínio contábil⁴⁷, pois há algum tempo, nos livros de registro de contabilidade, quando a empresa apresentava lucro, o saldo era grafado por caneta azul, e, no caso de prejuízo, esse valor era lançado com caneta vermelha. Geraram-se, então, a partir dessas metonímias, metáforas como *operar no azul*, em que *azul*, na posição de determinante, revela um conceito positivo, relativo àquilo que representa lucratividade, e, no caso de *sair do vermelho*, o conceito negativo aparece na posição de determinante, cor *vermelha*, representando prejuízo:

⁴⁶ BARCELONA, Antonio. “*on the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor*”. In: A. Barcelona (ed.), *Metaphor and metonymy at the crossroads*, Berlin: Mouton de Gruyter, 31-58., 2000.

⁴⁷ Estas informações foram apresentadas pelo técnico em contabilidade Flávio Antônio Alves da Costa.

. operar no azul

Das 24 empresas de capital aberto do setor elétrico que já divulgaram seus balanços do segundo trimestre deste ano, apenas sete registraram lucro (29%). Das que <operam no azul>, três são controladas por grupos estrangeiros e as demais são estatais. (ESP, 02-09-02, p. B.1, c. 5)

. sair do vermelho

Mas não é só isso. No ano passado, a empresa conseguiu <sair do vermelho> pela primeira vez desde sua privatização, ocorrida em 1994. (FSP, 19-04-99, p. 2.1, c.1)

Sendo assim, esse tipo de mesclagem nos leva a pensar que muito cuidado deve ter o pesquisador no momento da classificação entre um processo metafórico e metonímico, sendo necessária certa relativização na asseveração de alguns conceitos.

IV. A metáfora na Economia

Este último capítulo dedicar-se-á a examinar a especificidade da metáfora na Economia: qual é o seu papel, porque ela ocorre principalmente nas formações sintagmáticas, até que ponto as metáforas facilitam o conhecimento desse tipo de especialidade ao público não-especialista e quais são as marcas culturais que motivam esse tipo de processo polissêmico.

Esperamos também encaminhar toda a análise realizada durante a pesquisa às suas considerações finais, levantando discussões e também chegando a algumas constatações a respeito da questão.

Iniciaremos este capítulo tratando da evolução do conceito de Economia e o contexto histórico no qual alguns desses termos se inserem. Também trataremos do Jornalismo Econômico – ramo do jornalismo responsável pela veiculação dos fatos da Economia.

1. Histórico da área de conhecimento

Os termos extraídos do *corpus* para os fins específicos de análise desta Dissertação compreendem o período da criação da *Base*, em 1991, até o ano de 2005. Para tanto, acreditamos que é interessante observar de que maneira se comportava a Economia brasileira nesse período, a fim de entendermos o contexto dessa área de conhecimento no qual os termos em análise se inserem.

O período no qual esses termos são criados circunscreve-se no contexto da Economia Globalizada. Com a disseminação das comunicações e o seu barateamento, o mundo todo se conectou. É fácil perceber a importância que esse fato tem para o funcionamento dos mercados financeiros: mais de um terço da humanidade, que se encontrava separada do restante – referimo-nos aos países socialistas, especialmente à União Soviética e à China –, se reintegrou plenamente aos mercados capitalistas tanto de

mercadorias como de capitais, provocando uma autêntica “reglobalização” (cf. Sandroni, 2005, p. 171).

A China, por exemplo, embora sem abandonar seu regime político centralizado, retornou ao mercado internacional com inusitada força. Se, no início dos anos 80, ela ocupava a décima colocação como exportadora de calçados, hoje está em primeiro lugar (cf. Sandroni, 2005, p. 171). É nesse contexto que surgem, por exemplo, os termos *tigre*, *tigre asiático*, *tigre asiático de segunda geração*, *tigre de segunda geração*, *tigre de terceira geração*, em referência a países asiáticos que representam uma parcela significativa do mercado globalizado, caracterizando-se como grandes exportadores mundiais.

O mercado asiático (em torno de 1997/1998), também neste novo paradigma de Economia globalizada, tornou-se responsável por gerar uma séria crise mundial, afetando a Economia brasileira, à medida que, com a crise desse mercado, os investidores em renda variável (na Bolsa de Valores de Hong Kong) iniciaram um deslocamento maciço para a renda fixa, transferindo capitais antes investidos em ações. Como os mercados financeiros se encontravam interligados, essa queda atingiu as Bolsas de Valores dos principais centros financeiros mundiais. Perdas em Hong Kong teriam de ser compensadas com ganhos ou com a realização de lucros em outras Bolsas mundiais, como na Bolsa de São Paulo (cf. Sandroni, 2005, p. 179).

Com a crise financeira gerada no mercado mundial, o Brasil sofre um *ataque especulativo* em 1997. Para Enterría (1998, p. 77), esse período crítico pela qual passou a Economia mundial constitui-se em um período em que se acentuou a lexicogênese (processo de criação de neologismos gerados a partir de uma dada realidade).

Outro componente marcante da Economia brasileira, responsável pela geração de unidades metafóricas nessa área de especialidade, é o fato de termos uma Economia cuja fixação de preços é instável. Para Sandroni (2005, p. 149), quando os economistas falam em “âncoras” ou “vigas de sustentação”, estão emprestando conceitos de outras áreas de conhecimento para designar a mesma coisa: a estabilidade de preços, ou melhor, usam essas metáforas para falar de que maneira a taxa de câmbio pode contribuir para que os preços permaneçam estáveis no interior de uma economia.

A estabilidade cambial é um dos elementos importantes para os movimentos do capital financeiro. No *corpus* pesquisado, encontramos, por exemplo, a terminologia náutica para tratar acerca desse fenômeno, em termos como *acordo-âncora*, *âncora cambial*, *âncora fiscal*, *âncora monetária*, *âncora nominal*, *ancorar*, *ancoragem cambial*, *dólar flutuante*, *flutuação cambial*, *flutuar*, *livre flutuação*, *mercado flutuante*, *prancha*, entre outras.

O termo metafórico *âncora verde*, em que *verde* confere ao termo um caráter metonímico, junto à metáfora *âncora*, foi gerado a partir do período da criação do Plano Real (1994), momento em que as safras agrícolas foram muito boas, especialmente as de grãos, que contribuíram também para a estabilidade de preços (cf. Sandroni, 2005, p. 234-235):

Quando o Plano Real foi lançado, a taxa de câmbio foi fixada inicialmente em US\$ 1,00 = R\$ 1,00. Mas a enxurrada de dólares aumentando bastante a oferta da moeda norte-americana provocou um efeito curioso: o real se valorizou consideravelmente, chegando a ser cotado em inacreditáveis 85 centavos para cada dólar. A moeda norte-americana tornou-se muito barata, abrindo a temporada de caça às importações. A outra face dessa medalha foram os aumentos das reservas (desaguadouro dessa enxurrada de dólares), que atuavam como verdadeira âncora da estabilidade de preços, pois permitia que a taxa de câmbio permanecesse até valorizada. Além disso, as safras agrícolas muito boas, especialmente de grãos e, também contribuíram para a estabilidade de preços. A oferta adequada de alimentos permitia que não ocorressem manobras especulativas de elevação de preços que molestassem o custo de vida.

Esses termos metafóricos e metonímicos surgem, então, no momento em que o Brasil, realmente, necessitava controlar a inflação. Depois da experiência infeliz do governo Collor, entra em cena o período FHC, implantando o Plano Real. Unidades metafóricas relacionadas à inflação são conceituadas sobretudo em termos de personificação. São metáforas ontológicas, tais como *inflação galopante*.

Para Sandroni (2005, p. 231), a inflação existente entre julho de 1993 e junho de 1994 foi, com certeza, a maior que o Brasil já teve desde abril de 1500. Os preços aumentaram mais de 5.000% neste período. Impedir que a “inflação galopante” se

transformasse numa hiperinflação descontrolada, e a crise econômica desaguasse numa crise política, foi a principal façanha do Plano Real.

Também é interessante destacar, mais uma vez, que a Globalização ocorre no centro de um campo conceitual. Para Enterría (1998, p. 80), esse fenômeno ocorre pelo fato de a Globalização desenvolver uma grande avalanche de fusões, aquisições e alianças realizadas por diversas empresas entre si. Trata-se de uma das características mais destacadas do período econômico de 1997-1999, imerso em um contexto de política econômica expansionista.

Como o mercado brasileiro também se insere no modelo global de Economia (pelo menos não no núcleo, mas em sua periferia), esse fato nos traz à tona a importância de contextualizar nossa Economia nesse padrão “econômico”, que exige, naturalmente, a presença de um novo vocabulário com o qual se nomeiam novas realidades.

Sendo assim, após mostrarmos o contexto histórico no qual se inserem os termos em análise no âmbito da Globalização, apresentamos a definição dessa área de conhecimento de acordo com Sandroni (2005, p. 271), no *Dicionário de Economia do século XXI*; nessa obra, o autor a denomina, essencialmente, como ciência que estuda a atividade produtiva:

Focaliza estritamente os problemas referentes ao uso mais eficiente de recursos materiais escassos para a produção de bens; estuda também as variações e combinações na alocação dos fatores de produção (terra, capital, trabalho, tecnologia), na distribuição de renda, na oferta e procura e nos preços das mercadorias. Sua preocupação fundamental refere-se aos aspectos mensuráveis da atividade produtiva, recorrendo para isso aos conhecimentos matemáticos, estatísticos e econométricos. De forma geral, esse estudo pode ter por objeto a unidade de produção (empresa), a unidade de consumo (família) ou então a atividade econômica de toda a sociedade. No primeiro caso, os estudos pertencem à microeconomia e, no segundo, à macroeconomia.

Para Sandroni (2005, p. 271), a palavra “economia”, na Grécia Antiga, servia para indicar a administração da casa, do patrimônio particular, enquanto a administração da *polis* (cidade-estado) era indicada pela expressão “economia política”. Essa última expressão caiu em desuso e só voltou a ser empregada na época do mercantilismo. Os economistas clássicos utilizavam-na para caracterizar os estudos sobre a produção social de bens visando à satisfação de necessidades humanas no capitalismo. Foi somente com o surgimento da escola marginalista, na segunda metade do século XIX, que a expressão

“economia política” foi abandonada, sendo substituída apenas por “economia”. Desde então, é a denominação dominante nos meios acadêmicos, enquanto o termo “economia política” ficou restrito ao pensamento marxista. Modernamente, de acordo com os objetos teóricos ou práticos, a Economia se divide em várias áreas: economia privada, pura, social, coletiva, livre, nacional, internacional, estatal, mista, agrícola, industrial etc.

O estudo da Economia abrange numerosas escolas que se apóiam em proposições metodológicas comumente conflitantes entre si. Esse fato ocorre porque, ao contrário das ciências exatas, a Economia não é desligada da concepção de mundo do investigador, cujos interesses e valores interferem, conscientemente ou não, em seu trabalho científico. Em decorrência desse fator, a Economia não apresenta unidade nem mesmo quanto a seu objeto de trabalho, pois esse fator depende da visão que o economista tem do processo produtivo.

1.1. Jornalismo econômico

Quando falamos em Economia nos *media* impressos, devemos levar em consideração a ciência do Jornalismo Econômico.

Essa área de conhecimento consiste na especialização da profissão jornalística nos fatos relacionados à Economia do país, da cidade ou do mundo. Também veicula temas relacionados à tecnologia, emprego e mercado imobiliário.

Para Erbolato (2002, p. 230), os assuntos da área de Economia que são veiculados pelos jornais podem ser fixos e variáveis. Entre os primeiros, encontram-se as cotações das Bolsas de Valores e Bolsas de Mercadorias, a valorização dos Bônus do Tesouro Nacional (BTN), as tabelas de pagamento do Imposto de Renda, os índices aplicáveis aos reajustes de aluguéis comerciais ou residenciais, as tabelas sobre a inflação oficial, os rendimentos da poupança, entre outras aplicações financeiras, e, as variações do salário mínimo. Entre os assuntos variáveis se incluem notícias das mais diversas procedências: inaugurações, ampliação ou fechamento de indústrias, racionamento de gasolina, estimativas de produção e vendas, volumes de estoques, circulação de mercadorias, alterações nas alíquotas de impostos, relatórios de empresas, leis, decretos e portarias que abrangem essa área de conhecimento e assinaturas de contratos ou acordos no exterior. Há também as apreciações

– editoriais econômicos – sobre iniciativas governamentais, criticando medidas e oferecendo sugestões.

Numa abordagem mais crítica em relação ao Jornalismo Econômico, Kucinski (1996, p. 21) faz uma série de apreciações em relação a este ramo do jornalismo, descrevendo-o como autoritário, de pouco conteúdo democrático e que está à defesa de empresas bem-sucedidas.

Para o autor (1996, p. 183), na ideologia do Jornalismo Econômico brasileiro, influem muito as teorias econômicas dominantes, as quais fazem parte do conjunto de respostas das elites às várias crises que se sucedem no sistema. Esses padrões ideológicos do jornalismo, oriundos dessas teorias, são moldados em boa parte por seis jornais do mundo ocidental e duas ou três revistas de circulação mundial, além das agências de notícias dominantes: *New York Times*, *Washington Post*, *Le Monde*, *The Guardian*, *Financial Times* e *Wall Street Journal*; entre as revistas, *Times* e *The Economist*.

Por último, Kucinski (1996, p. 190) revela que, ao contrário do Jornalismo Econômico dos grandes centros mundiais, que usa uma linguagem agressiva para descrever um mundo de negócios feito de disputas, de golpes e de rivalidades, o jornalismo brasileiro descreve o mundo de negócios como uma “história de fadas” em que só há encantamentos. Para ele, a ingenuidade continua dominante nesse meio, inclusive no mais importante veículo de Economia, a *Gazeta Mercantil*.

2. Os sintagmas metafóricos da Economia

Quando falamos em lexias complexas, pensamos, principalmente, nas composições e nas formações sintagmáticas.

Em relação às composições, consideramos, no *corpus* em estudo, todos os casos em que há uma justaposição de bases autônomas ou não-autônomas. Para Alves (2002, p. 41), a composição funciona morfológica e semanticamente como uma única unidade lexical, e não manifesta comumente formas recorrentes, o que a distingue da unidade lexical constituída por derivação.

Observando a *Base de Termos da Economia*, verificamos que os termos formados por composição (em torno de 36 unidades terminológicas) são de estrutura S + S (substantivo + substantivo), e compreendem 97% dos casos, a exemplo de *efeito-cascata*, *empresa-fantasma* etc.:

.efeito-cascata

Fiesp teme que o início das demissões nas montadoras de veículos se transforme em <efeito-cascata> e agrave o desemprego em outros setores da indústria.

[...] *A Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) prevê um processo de “demissões em cascata” nos próximos dois meses, na esteira do recente anúncio de cortes de mão-de-obra na indústria de veículos. (FSP, 27-08-95, p. 2.1, c. 1 e p. 2.6, c. 2)*

. empresa-fantasma

Antes de fechar um contrato de fornecimento de produtos, um supermercado ou fábrica pode verificar a situação financeira do seu fornecedor. Com isso, perceber se não há contradição nos dados que possui em mãos e evitar contratos com <empresas “fantasmas”>, por exemplo. (FSP, 30-05-04, p. B.7, c. 3)

Contudo, no *corpus* em análise, conseguimos verificar que as composições são pouco produtivas, representando somente 6% a 7% do universo de termos metafóricos da Economia. Em 80% dessas composições, a metáfora vai ocorrer na função de determinante.

As metáforas crescem, portanto, nas composições metafóricas, uma especificação, uma característica própria da base adjetival aos termos determinados, que constituem os elementos genéricos. Em *conta-laranja*, por exemplo, *laranja* é uma metáfora que designa, juntamente com a outra unidade lexical *conta*, um tipo de conta corrente ilegal, aberta por um agente com o nome e os documentos de um empregado ou qualquer outra pessoa, utilizada para movimentar um caixa-dois. Para aqueles que já conhecem o sentido da metáfora *laranja* (termo que denomina o indivíduo ou empresa que cede seu nome para a realização de operações financeiras escusas com o objetivo de imprimir-lhes aparência

legal), a junção desse termo metafórico à unidade *conta* pode tornar o significado do termo bastante transparente. Vejamos o contexto no qual a unidade aparece:

. *conta-laranja*

Mas toda vez que se fala em PC Farias, Collor, Castor de Andrade, anões do Orçamento, tem dólar metido no meio realmente. Isso cria uma psicose de país subdesenvolvido que não conhece liberdade cambial. [...]

Não sou contador do Castor, mas pelo visto a grande massa de recursos permaneceu no Brasil, em imóveis, CDBs e poupança. Apareceu transferência de US\$ 497 mil do Castor para a Suíça. Será que a rede de jogo do bicho do Rio rendeu US\$ 497 mil? Será que não tem um pouquinho mais de dinheiro que isso depositado na rede bancária, em cruzeiros? Tem e estão naquilo que eu chamo de contas agrícolas, ou seja, nas <contas “laranja”>. Tem é que acabar com esse preconceito de câmbio bandido. (FSP, 24-04-94, p. 2.5, c. 3 e 4)

Conjetura-se, ainda, que este tipo de conceituação para a metáfora *laranja* advém do fato de que, no caso de haver punição para empresas fraudulentas, o *laranja* seria a pessoa ou a empresa que assumiria a culpa, respondendo a todo tipo de questionamento quando interrogado, sendo, dessa forma, comparado a uma laranja que é espremida no ato de se fazer um suco, pois o *laranja* é o agente que é diretamente pressionado em situações como essas.

Podemos observar também que a maioria desses termos são compostos endocêntricos, pois se referem aos casos em que, na composição, o nome do referente, a expressão lingüística, ocorre no núcleo do composto. É o caso, por exemplo, de *empresa-mãe*, termo que designa, a partir do conceito ATIVIDADE EMPRESARIAL É MATERNIDADE, a matriz de uma empresa que gerencia suas filiais. O núcleo *empresa* refere-se literal ou diretamente ao objeto que designa, e apenas o adjunto *mãe* é usado figurada ou metaforicamente:

. *empresa-mãe*

‘<Empresas-mãe>’ absorvem ‘filhas’ para reduzir custos e impostos’ (tít.) (FSP, 13-03-91, p. 3.1, c. 1-5)

Em relação aos compostos exocêntricos, encontramos uma baixíssima frequência de ocorrência desses casos no *corpus*, representando somente 0,05% do total das unidades em análise. É o caso de *boca-do-forno*, em que o núcleo *boca* não se refere isoladamente a algo que está preste a se concretizar, porém designa um projeto que cria a Conta Individual de Previdência. Para Sandmann (1992, p. 43), quando a seqüência toda é empregada figurada ou metaforicamente, o composto é exocêntrico. Vejamos, a seguir, o contexto no qual o termo ocorre:

. *boca-do-forno*

Nova aplicação: o governo tem na <boca-do-forno> um projeto que cria a Conta Individual de Previdência Complementar, espécie de fundo pessoal para aposentadoria, também com incentivo fiscal. (FSP, 04-02-96, p. 1, c. 2)

Por último, observando-se os termos compostos da Economia, podemos concluir que, apesar de a estrutura ser, usualmente, s + s (substantivo + substantivo), há uma estrutura subordinativa em que a metáfora, freqüentemente, funciona como elemento esclarecedor do termo genérico da Economia.

Em *empresa-fantasma*, por exemplo, a unidade circunscrita à área de Economia é *empresa*, que generaliza um tipo de conceito. Já o termo *fantasma* esclarece o sentido desse tipo de formação, explicando de maneira concisa o significado do termo: “empresa que existe apenas aparentemente, e/ou que existe apenas no papel, e/ou que esconde propósitos fraudulentos etc” (*Novo dicionário Aurélio*).

Em relação às formações sintagmáticas que apresentam metáfora em sua constituição, podemos afirmar que elas correspondem, aproximadamente, a 76% do universo do total dos termos em estudo, merecendo, portanto, pela alta porcentagem do número de ocorrências, uma atenção especial quanto a sua especificidade em Economia. Esse tipo de formação com metáfora parece ocorrer também em outros tipos de *corpora* terminológicos. Kocourek (1991, p. 169), em seu estudo que versa sobre a língua francesa

tecnocientífica, afirma que a metáfora ocorre, sobretudo, nas formações sintagmáticas: “Pour en revenir à l’étendue des termes: Les termes-mots métaphoriques sont généralement plus rares que les termes composés et les termes-syntagmes dont une composante est employée au sens métaphorique (...)”.

Para Alves (2002, p. 50), as formações sintagmáticas processam-se quando os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semântica, de forma a constituírem uma única unidade léxica.

A autora ainda afirma que existem diferenças entre a unidade léxica constituída por composição propriamente dita e a formada por composição sintagmática: a ordem de apresentação da unidade sintagmática é sempre do determinado seguido de determinante, o que nem sempre se verifica no elemento composto; além disso, o item léxico composto pode obedecer a regras próprias quanto à flexão em gênero e número. Já os membros integrantes do composto sintagmático conservam as peculiaridades flexionais de suas categorias de origem.

A formação sintagmática, conforme atesta Alves (2002, p. 54), ocorre com muita frequência nos vocabulários técnicos, resultando, nessas situações, de uma indecisão em relação à designação de uma nova noção.

Podemos observar que os sintagmas nominais do tipo substantivo + adjetivo (s + adj) ou substantivo + sintagma preposicionado (s + SP), exemplificados respectivamente pelos termos *aceleração inflacionária* e *alavancagem de patrimônio*, são os mais produtivos em Economia:

. *aceleração inflacionária*

Em um ambiente de <aceleração inflacionária> é muito fácil conceder elevados reajustes para os salários nominais, pois o salário real acaba corroído pela inflação crescente. (FSP, 26-11-95, p. 2.2, c. 3)

. *alavancagem de patrimônio*

Quanto à sua dívida sobre o risco supondo um fundo de renda fixa agressivo que só possui títulos de renda fixa e não tem <alavancagem de patrimônio> e um fundo

derivativo conservador que utiliza derivativos para alavancagem de patrimônio, o fundo derivativo conservador é o mais agressivo. (FSP, 05-02-01, p. F. 5, c. 4)

Menos produtivos nessa área de conhecimento são os sintagmas verbais, tais como *abrir capital, abrir a economia* ou *alavancar o PIB*:

. *abrir capital*

Pesquisa do instituto aponta que a maior parte das empresas que <abrem o capital> é endividada, com baixa lucratividade e poucas perspectivas de crescimento. (FSP, 25-06-01, p. B.2, c. 2)

. *abrir a economia*

A vulnerabilidade externa e a fragilidade fiscal que hoje nos atormentam foram criadas por obra e graça das políticas de câmbio valorizado e de juros elevados empreendidas pelos sábios do governo Fernando Henrique Cardoso entre 1994 e 1999 a pretexto de <abrir a economia>. (FSP, 01-07-01, p. B.2, c. 3)

. *alavancar o PIB*

A indústria extrativa mineral (basicamente petróleo), a agropecuária e o setor de comunicações foram os segmentos mais dinâmicos da economia brasileira no período de 1992 a 2002. Cresceram a taxas expressivas e ajudaram a <alavancar o PIB (Produto Interno Bruto)> durante o período. (FSP, 16-03-03, p. B.8, c. 1)

No *corpus* analisado, observamos que as metáforas constituem em torno de 64% na posição de determinado, e aproximadamente 36% na posição de determinante. Esse tipo de situação nos leva a imaginar que as metáforas nas formações sintagmáticas em Economia facilitam, com uma certa frequência, uma generalização do termo, apresentando algum conceito novo. Essa situação é bem distinta das composições do tipo s + s (substantivo + substantivo), nas quais as metáforas ocorrem em torno de 83%, na posição de determinante.

Nas formações sintagmáticas formadas, por exemplo, a partir do termo *bolha*, tais como *bolha cambial*, *bolha de consumo*, *bolha financeira*, *bolha financeira especulativa*, *bolha inflacionária*, *bolha pontocom*, a metáfora *bolha* aparece na posição de determinado, conceituando a unidade em termos de ECONOMIA É EFEMERIDADE. Desse modo, os processos econômicos e financeiros, que são efêmeros, são compreendidos a partir desse fenômeno da bolha de sabão, cuja existência é passageira. A metáfora na posição de determinado encabeça o termo para, em seguida, localizar tal processo na área de finanças, ou seja, explica-se um novo fenômeno no mercado financeiro a partir de uma metáfora:

. *bolha cambial*

Os juros futuros subiram mais uma vez, com a constatação de que a <bolha cambial> ainda não está “furada” totalmente e, por causa disso, não há espaço para o BC usar o viés de baixa tão cedo para reduzir a Selic. (ESP, 27-06-01, p. B.13, c. 6)

. *bolha de consumo*

<Bolha de consumo> é o aumento de consumo que geralmente ocorre após um congelamento de preços. Como há incerteza sobre o êxito do controle da inflação, os consumidores procuram estocar produtos antecipando a volta ou a aceleração da inflação. (FSP, 11-08-91, p. 3.10, c. 5)

. *bolha financeira*

Mas as <bolhas financeiras> muitas vezes se baseiam em ponto econômicos fortes de fato. Uma bolha ocorre quando esses pontos fortes muito reais repentinamente se revestem de proporções exageradas, até míticas, aos olhos dos investidores, que então se dispõem aplicar somas imensas no mercado acionário sem prestar atenção às perspectivas realistas. (FSP, 01-08-99, p. 2.5, c. 1)

. *bolha financeira especulativa*

O espectro de uma recessão mundial é assombroso. O colapso da <bolha financeira especulativa> da nova economia ainda faz vítimas. (FSP, 05-08-01, p. B.2, c. 1)

. *bolha inflacionária*

De um lado, estavam os adeptos da teoria da <"bolha inflacionária">. A idéia era de que a inflação havia subido em conseqüência da alta do dólar. (Ex, 26-02-03, p.14)

. *bolha pontocom*

Agora, no entanto, investidores estão cada vez mais culpando analistas por ajudar a inflar a <bolha pontocom> emitindo relatórios favoráveis nos últimos anos sobre companhias que estavam pagando honorários gordos por serviços de banco de investimento - e não alertando investidores para os problemas dessas companhias até muito depois de a bolha ter estourado (ESP, 13- 06-01, p. B.11, c. 3)

Assim como nas composições, as formações sintagmáticas metafóricas da Economia são massivamente do tipo endocêntricas, visto que o referente tem expressão lingüística em um dos seus elementos. É caso, por exemplo, de *economia fechada*, termo que denomina uma economia típica de uma região isolada em que não há nem importação nem exportação de produtos. No exemplo citado, o referente relativo à área de Economia ocorre no primeiro elemento, e, a metáfora no segundo, cuja orientação espacial é do tipo “fechado-aberto”:

. *economia fechada:*

<Economia Fechada> - É um tipo de economia voltada fundamentalmente para a sobrevivência. Não existem importações ou exportações de produtos. (FSP, 25-08-91, p. 3.14, c. 5)

As formações sintagmáticas metafóricas exocêntricas apresentam baixíssima produtividade no *corpus* em análise, representando somente 0,01% do total das unidades em análise. É o caso, por exemplo, de *andar de lado*, já que nem *andar* e nem *de lado* têm expressão lingüística relativa à área de Economia em um dos seus referentes. Somente o todo atende à designação do termo, referindo-se à situação em que não há uma tendência clara de elevação ou baixa no mercado financeiro, isto é, os operadores estão aguardando que se delinee uma tendência e, enquanto isso, são prudentes em suas aplicações:

. *andar de lado*

O mercado acionário <“andar de lado”> (sem tendência definida), na opinião dos analistas. A perspectiva só deverá ser revertida se o Copom surpreender com uma queda mais acentuada dos juros básicos [...]. (FSP, 12-02-00, p. 2.2, c. 1)

A maioria das formações sintagmáticas da Economia (em torno de 53%) é de estrutura substantivo + adjetivo (s + adj), seguida de substantivo + sintagma preposicionado (s + SP), em torno de 30%. As demais estruturas são do tipo verbo + substantivo (v + s) e adjetivo + substantivo, entre outras formações.

Tanto nas estruturas s + adj (substantivo + adjetivo) quanto nas formações s + SP (substantivo + sintagma preposicionado), a metáfora aparece, com frequência, na posição de elemento determinado. Em alguns casos, ela aparece também como elemento especificador do termo, na posição adjetival, como em *crédito podre*, no qual a metáfora *podre* especifica um tipo de crédito cujas dívidas, em cobrança judicial, são de difícil recuperação:

. *crédito podre*

O Comerica adiou o negócio quatro vezes devido às crises internacionais e agora desistiu alegando que podia encontrar <créditos podres> no Lavra.

“Não somos terceiro-mundistas para um banco dos EUA nos ludibriar e achar que não acontece nada”, diz o advogado da família, Jairo Saddi, que deve processar o Comerica. O banco não quis comentar as acusações. (FSP, 27-09-99, p. 3.4, c. 2)

Não encontramos, praticamente, nenhum caso de metáfora + metáfora, possivelmente pelo fato de este tipo de estrutura não cumprir a função, na maioria dos casos, de explicação da metáfora, facilitando uma nova compreensão, pois nessas formações não há nenhum termo cujo referente seja relativo à área de Economia. Contudo, encontramos a formação metáfora + metonímia, exemplificado por *âncora verde*, na qual *âncora* representa o processo metafórico, e *verde*, o metonímico.

A metáfora *âncora* refere-se mais propriamente à sustentação do programa de estabilização da moeda durante o governo FHC, e a metonímia *verde* refere-se à agricultura, designando, desta forma, uma política de liberalização da agricultura, também no mesmo governo, como linha auxiliar da âncora cambial na sustentação do programa de estabilização da moeda:

. *âncora verde*

Com a posse de Fernando Henrique ocorre a radicalização do processo de liberalização da agricultura, a despeito da manutenção do cenário de protecionismo ostensivo desse setor pelos países ricos, conforme anunciava Acordo Agrícola recém-firmado no âmbito da OMC. Com essa estratégia, o governo, além das motivações doutrinárias, pretendia um novo ciclo da modernização conservadora da agricultura. De fato, apostava-se na chamada <âncora verde> como linha auxiliar da âncora cambial na sustentação do programa de estabilização da moeda. (FSP, 14-05-00, p. B. 2, c. 4-5)

Na Semântica Clássica, o termo *verde* seria categorizado como uma metáfora sinestésica, dado o fato de haver uma apelação ao sentido da visão. Porém, na Semântica Cognitiva, *verde* é compreendido como um processo metonímico, visto que representa uma cor que se salienta ao pensarmos em agricultura.

Entretanto, apesar de ocorrer, na estrutura do termo, uma metáfora ao lado de uma metonímia, podemos sentir o todo como uma metáfora, pois *âncora* carrega os traços semânticos mais marcantes da unidade (na área de Economia o termo já é bastante difundido), além do que, sendo a metáfora a primeira unidade do termo, parece haver,

então, um destacamento desse processo, reservando à metonímia *verde* o papel de elemento especificador do termo metafórico.

Também verificamos que muitas formações sintagmáticas do tipo substantivo metafórico + adjetivo tendem a expandir-se à direita, como em *tigre asiático*, termo ampliado para *tigre asiático de segunda geração* e *tigre asiático de terceira geração*. Para Alves (1999, p. 74), esse fenômeno é bastante comum nas línguas de especialidade, e representa um novo conceito correspondente a uma nova invenção, uma nova tecnologia, uma especialização do conceito expresso pelo termo genérico.

Dessa forma, por meio das análises realizadas em relação às lexias complexas, conseguimos notar que, no vocabulário da Economia, são muito freqüentes os processos de “especialização semântica”, principalmente em relação às formações de sintagmas terminológicos de caráter metafórico. A metáfora cumpre, nesses casos, a função denominativa da linguagem da Economia, imprimindo aos termos de formação sintagmática precisão e rigor designativo (cf. Enterría, 1998, p. 76).

3. A função da metáfora na Economia

A observação e análise dos termos metafóricos da *Base de Termos da Economia* possibilitaram-nos observar que a função da metáfora é, sobretudo, a de elucidar certos fenômenos da Economia, devido ao seu grau de complexidade.

Do ponto de vista da teoria sociocognitivista, as metáforas encontradas nesse tipo de *corpus* são, em primeiro lugar, didáticas, pois cumprem a função de auxiliar a compreensão de saberes especializados. Essa função fica ainda mais evidente quando observamos que os termos relativos à nossa pesquisa pertencem a um *corpus* de divulgação. Sendo assim, nesse tipo de texto em que o “público-leitor” é leigo, é óbvio que a analogia se torna mais explícita, pois advém da necessidade de esclarecimento do assunto para um público não-familiarizado com os termos técnicos.

Ainda que muitos reclamem que a linguagem da Economia pertença a um tipo de jargão impenetrável, denominando-a, pejorativamente, como economês, ainda assim

acreditamos que os termos metafóricos desse tipo de especialidade cumpram, na maioria dos casos, um papel pedagógico por meio da analogia.

No artigo intitulado *O homem que sabia economês* (paródia do conto *O homem que sabia javanês*, de Lima Barreto), o professor Aleksandro Broedel Lopes tece uma crítica ao uso de termos da Economia em publicações destinadas ao público geral.

Contudo, observamos nessa sua crítica que a maioria dos termos apresentados por ele para falar sobre o economês não é metafórica. Entre os termos citados estão *ADR* (*American Depositary Receipt*), *câmbio flutuante*, *crowding in*, *déficit primário*, *desintermediação financeira*, *hedgear*, *home broker*, *IPO* (*Initial Public Offering*), *juros*, *NDF* (*Non Deliverable Forward*), *reservas oficiais*, *securitização*, *SELIC* (*Sistema Especial de Liquidação e Custódia*), *spread* e *taxa de juros*. Excetuando-se a unidade *câmbio flutuante*, em que o elemento determinante do sintagma constitui-se em uma metáfora, todos os outros não apresentam esse processo semântico em suas formações⁴⁸.

Se observarmos as unidades apresentadas pelo autor, verificamos que muitos desses termos são de formação acronímica ou de siglação (*ADR*, *IPO*, *NDF* e *SELIC*), com grau de transparência do significado praticamente nulo, principalmente, as três primeiras, oriundas do inglês. Outros termos, também anglicismos, como *spread*, *crowding in*, *hedge*, *home broker*, tampouco facilitam a compreensão de seus respectivos significados.

Apesar de Lopes (2007, p. 46) apresentar o termo *câmbio flutuante* como um jargão, acreditamos que essa unidade é um dos termos mais transparentes dos exemplos citados pelo autor, pois o elemento metafórico *flutuante*, uma metáfora marítima, facilita o

⁴⁸ De acordo com o professor Aleksandro Broedel Lopes (2007), cada um desses termos pode ser definido respectivamente como: “*ADR*, recibo de depósito negociado na Bolsa de Valores de Nova York correspondente a uma ação da empresa brasileira; *crowding in*, redução da participação do Estado na economia com aumento da negociação de títulos privados, entre outros fenômenos; *déficit primário*, situação em que o governo gasta mais do que arrecada; *desintermediação financeira*, processo de investimento e financiamento no qual não há a participação de uma instituição financeira; *home broker*, sistema da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) que permite que o investidor compre ações pela Internet; *IPO*, emissão de ações na Bolsa de Valores de uma empresa até então fechada; *hedgear*, proteção de um risco, mesmo conceito de seguro; *NDF*, contrato no qual uma das partes compra dólares para entrega no futuro, no vencimento, não havendo troca da moeda em espécie, somente o ajuste pela diferença; *reservas oficiais*, dólares à disposição do Banco Central; *securitização*, captação de recursos com base em garantias advindas de outros ativos. Em relação aos termos, que na concepção do autor fazem parte do economês dos juros, encontramos as seguintes definições: *câmbio flutuante*, situação na qual o valor entre as moedas nacional e estrangeira são definidas pelo mercado; *juros*, é a remuneração do capital investido [...]; *taxa de juros*, instrumento para conter a alta de preços. [...]; Selic, sistema criado em 1979 para tornar mais transparente e segura a negociação de títulos públicos [...]; *spread*, diferença entre o custo de captação dos bancos e a taxa efetiva cobrada dos clientes.”

entendimento de seu significado ao comparar a indefinição das moedas (nacional e estrangeira), que só se estabelecem a partir das leis de mercado, com a instabilidade do mar.

No nosso *corpus* de análise, vários exemplos de metáforas aplicam-se a essa função. Encontramos muitas unidades metafóricas em que o esforço de facilitar a compreensão de um determinado termo para o público-leitor é reforçado pelo jornalista, ou por quem assina a matéria do jornal, pelo uso da paráfrase ou de recursos de pontuação, tais como parênteses e travessões de valor explicativo. Nos termos transcritos a seguir, podemos verificar esse tipo de reforço por meio desses recursos:

. *ação com liquidez*

Três empresas de auditoria, que pediram sigilo, estimam que rombo na despesa, por conta do dólar, deve variar de R\$ 10 bilhões a R\$ 14,5 bilhões no segundo trimestre. Isso corresponde apenas aos dados de 250 empresas no país com <ações com liquidez> - ou seja, negociadas com frequência nas Bolsas. (FSP, 11-08-02, p. B. 1, c. 5)

. *ação de primeira linha*

Fundos de renda variável *Concentram suas carteiras em <ações de primeira linha> (de maior liquidez nas bolsas de valores, podendo ser compradas e vendidas rapidamente) ou de segunda linha (aquelas que, mesmo sendo de empresas lucrativas e eficientes, oferecem menor liquidez). Também podem concentrar seus investimentos em ações de empresas que atuam em determinados setores da economia (telecomunicações, siderurgia, transportes, etc.). Os principais fundos de renda variável são os fundos mútuos em ações e os fundos de ações carteira livre. (FSP, 22-03-99, p. 2.4, c. 2)*

. *aceleração inflacionária*

<Aceleração inflacionária> - É o aumento de preços a um ritmo crescente. Se a inflação se mantém, por exemplo, em 10% ao mês, pode-se considerá-la estável. Mas se as taxas são de 10% em um mês, de 15% no outro e de 20% no seguinte,

como ocorre hoje no Brasil, há uma clara <aceleração inflacionária>. (FSP, 27-1-91, p. 3.8, c. 5)

. alta real

O consultor Raul Velloso vinha, há semanas, tentando calcular o impacto de uma <alta real> (acima da inflação) das taxas de juros nas contas públicas. (FSP, 01-11-97, p. 2.10, c. 2-3)

. andar de lado

O mercado acionário <“andar de lado”> (sem tendência definida), na opinião dos analistas. A perspectiva só deverá ser revertida se o Copom surpreender com uma queda mais acentuada dos juros básicos [...]. (FSP, 12-02-00, p. 2.2, c. 1)

Em *ação com liquidez*, por exemplo, logo após a menção ao termo, faz-se uso do travessão, para imediatamente ser introduzida uma frase explicativa: “– *ou seja, negociadas com frequência nas Bolsas*”. Se observarmos o último exemplo citado, podemos verificar que o termo *andar de lado* é do tipo exocêntrico (pois nem *andar* e nem *de lado* têm expressão lingüística relativa aos seus referentes). Nesse caso, parece não haver outra solução ao jornalista que escreve para o grande público a não ser fazer uso dos parênteses para explicar o significado do termo, pois esse tipo de formação exocêntrica pouco facilita, a nosso ver, a sua compreensão.

Em segundo lugar, podemos dizer que as metáforas deste *corpus* são também criativas, pois, de acordo com Temmerman (2000, p. 208), elas dão origem a neologismos que podem se consolidar e ser aceitos como termos de uma linguagem especializada cuja função seria, essencialmente, cognitiva.

As metáforas criativas deste *corpus* cuja função essencial prima pela cognição são inúmeras. Prova dessa afirmação é o fato de podermos distribuir esses termos em campos conceituais. A título de exemplo, entre os vários mapeamentos cognitivos realizados no decorrer de nossa pesquisa, encontramos os conceitos: ECONOMIA É GUERRA, É

NAVEGAÇÃO, É JOGO, É MÁQUINA, É CORPO, É ORGANISMO, É ESPAÇO, É MÁQUINA, É FERRAMENTA, entre outros.

Outro fator que comprova que muitos desses termos metafóricos destacam-se por sua função criativa é a sua forte envergadura neológica, pois, se levarmos em consideração um *corpus* de exclusão lexicográfica, conforme levantamento realizado por nós, podemos verificar que há uma baixíssima frequência desses termos em dicionários. Entre os termos de tendência neológica podemos destacar *alongamento da dívida federal*, *âncora verde*, *aterrissagem forçada*, *bolha*, *capital-motel*, *desengessar*, *efeito-abóbora*, *efeito-colchão*, *empresa-espelho*, *lagartixa*, *operação-jacaré*, *prancha*, *surfear*, entre inúmeros outros. Vejamos o contexto no qual uma dessas unidades ocorre:

. *capital-motel*

Pela segunda vez na semana, o senador Aloizio Mercadante (PT-SP), líder do governo no Senado, fez defesa de mudanças na atual política econômica. Ele defendeu a redução da taxa de juros básica para o país retomar o crescimento econômico e voltou a criticar a dependência do capital especulativo, que chamou de <“capital motel”> - entra de manhã, sai à noite e não deixa nada. (FSP, 09-05-03, p. B.4, c. 4)

O termo acima exemplificado (até por seu caráter extremamente jocoso), assim como uma grande parte dos termos deste *corpus*, possivelmente, não sairá de sua fase neológica, dado o fato de esse tipo de vocabulário renovar-se constantemente. Para Enterría (1998, p. 77), os termos da Economia estão sujeitos a um contínuo processo de transformação, condicionado por fatores extralingüísticos que regem a evolução da ciência econômica.

Por último, destacamos que, para Kucinski (1996, p. 169), um jornalista somente poderá fazer uso de metáforas para simplificar a linguagem da Economia se ele entender o fenômeno econômico a que se propõe reportar ou analisar. Caso contrário, é muito improvável que esses textos de divulgação sejam claros. O recurso dos jornalistas que não entendem bem o tema de que estão tratando é o de se protegerem com as palavras difíceis do jargão dos economistas e com expressões do inglês.

Para Rolf Kuntz, do *Observatório da imprensa na Internet* (<http://www.tvebrasil.com.br>), algumas metáforas usadas pelo Jornalismo Econômico, como as do tipo orientacional ou as ontológicas, não fazem o menor sentido, constituem-se em um abuso do processo de personificação dos termos:

O dólar subia ou caía, valorizava-se ou desvaloriza-se, quando se escrevia em português, hoje em dia o dólar opera em baixa ou em alta, assim como o índice Bovespa. Ora, dólar não opera. O mercado opera, vá lá, mas não a moeda, nem o índice. [...] O “dólar de lado” é uma das formas de animação do noticiário econômico. Algumas são expressivas e justificáveis, outras nem tanto.

De fato, sabemos que algumas metáforas não cumprem a função que supostamente deveriam cumprir em relação ao seu poder de elucidação. Algumas, em sentido contrário, tornam o termo mais hermético. Há ainda aquelas metáforas mal-formadas, pois se tratam de decalques “maltraduzidos”. É caso de *aterrissagem por baixo*, termo decalcado de *soft landing*, o qual se constitui em um termo pleonástico, já que uma aterrissagem nunca poderia ser por cima. Nesse caso, o termo talvez “peque” pela redundância, pelo fato de ele cumprir excessivamente a função didática da metáfora, tentando facilitar a sua compreensão. Esse fato torna-se explícito quando percebemos que o jornalista, logo após o termo, introduz um segmento frasal explicativo: “<Aterrissagem> por baixo, ou <para baixo>, é o termo para descrever um eventual tranco na economia em 2001. [...]”:

. *aterrissagem* para baixo ou por baixo:

Em geral, os economistas têm falado muito na necessidade de um “soft landing” – uma redução suave no ritmo de crescimento -, mas um novo e preocupante jargão está surgindo no horizonte. <Aterrissagem> por baixo, ou <para baixo>, é o termo para descrever um eventual tranco na economia em 2001. (FSP, 11-06-00, p. B.6, c.

1)

4. Transparência e hermetismo nos termos metafóricos da Economia

Ainda que a função da metáfora terminológica em Economia seja primeiramente a de tornar determinado conhecimento técnico mais claro ao público “leigo”, observamos que nem sempre esse fato ocorre.

No subcapítulo anterior, discutimos um pouco acerca do economês, termo que, para Alves (2001, p. 173), se define como um tipo de jargão, o qual compreende sobretudo os vocabulários ligados às áreas que têm apresentado um desenvolvimento muito acentuado nos dias contemporâneos.

O uso dos jargões é passível de muitas críticas, pois eles tornam o discurso impenetrável, principalmente quando essa linguagem técnica banalizada, na visão de Preti, é veiculada nos *media*⁴⁹. Lopes (2007, p. 48) avalia que os termos técnicos – refletindo construtos intelectuais – servem para simplificar o discurso, e não para torná-lo impenetrável. No caso da Economia, Lopes compartilha da mesma opinião de Kucinski, afirmando que parte do obscurantismo da discussão econômica atual não advém de sua complexidade intrínseca, mas sim de uma confusão mental daqueles que a veiculam: “quem não consegue entender não consegue explicar”.

Kucinski (1996, p. 169) afirma que o emprego desse tipo de linguagem, principalmente a do tipo eufemística (como por exemplo, o uso do termo “crescimento negativo”), pode ter motivações ideológicas, pois as elites dominantes esmeram-se em criar tais denominações para camuflar os conteúdos de suas políticas econômicas: “Os eufemismos emasculam a linguagem jornalística. Fala-se em ‘plano de ajuste econômico’ em vez de plano recessivo [...]”.

Ainda para Kucinski (1996, p. 169), esse obscurantismo que se faz muito presente na linguagem do economês parece, portanto, ter duas motivações: a primeira é a falta de esclarecimento por parte dos jornalistas em relação a determinados fatos econômicos; e a segunda, é a despolitização de alguns desses profissionais, atendendo a uma ideologia dominante que insiste em disfarçar os verdadeiros propósitos da Economia.

Portanto, consideramos esses termos que parecem revelar essa faceta da Economia como termos herméticos, ou seja, unidades que pouco esclarecem o sentido do termo.

⁴⁹ Para Preti (1984, p. 26-7), a definição de jargão é passível de muita controvérsia. O termo deve ser entendido como uma linguagem técnica banalizada, pelo uso largamente ampliado e pelas formações neológicas abusivas, visando a certos efeitos, em particular aqueles decorrentes do prestígio lingüístico do vocábulo.

Um desses casos seria a unidade *borboleta*, pois a metáfora empregada pouco esclarece o seu valor designativo. Para nós, não fica clara a relação analógica dessa metáfora animal com o processo de se criar um produto bancário cujo rendimento é garantido em termos de um CDB (Certificado de Depósito Bancário). Contudo, poderíamos conjecturar, no esforço de compreensão da unidade, que a relação de semelhança entre *borboleta* e esse tipo de aplicação estaria apoiada na idéia de “processo de transformação”, pois, se pensarmos na estrutura prototípica da borboleta, sabemos que ela de crisálida se transforma em um inseto voador:

. borboleta

Como o objetivo das instituições foi o de criar um produto com rendimento garantido os bancos pegaram aqueles 51% da carteira que deveriam ser aplicados em ações e passaram a trabalhar no mercado de opções de ações. São complicadas manobras de engenharia financeira que garantem retorno como se alguém depositasse dinheiro em um CDB. As operações são batizadas de box, <borboleta> e financiamento simples. Para o investidor comum, o que importa é que esses termos significam que eles podem ganhar até 97% da variação da taxa de juros nobre do mercado financeiro, ou seja, aquele rendimento registrado nas operações de compra e venda de recursos entre bancos. (FSP, 19-12-93, p. 2.1, c. 2)

O termo *lagartixa* parece se constituir também como uma metáfora hermética. Essa unidade denomina os comerciantes que alugam suas vitrines para produtos estrangeiros na galeria Pajé, em São Paulo. Essa metáfora, assim acreditamos, não torna o significado do termo transparente. Qual seria a relação analógica estabelecida entre o réptil e o seu conceito nesse tipo de terminologia? Para tentar responder a essa pergunta, fomos a campo, mas não conseguimos obter informações suficientes para conjecturarmos a respeito da motivação metafórica do termo⁵⁰.

⁵⁰ No intuito de tentar compreender a motivação metafórica de *lagartixa*, fomos até a Galeria Pajé para entrevistarmos as pessoas que trabalham nesse local; porém, muitas delas, de fato, nunca ouviram o emprego desse termo. Também é interessante mencionar o fato de que muitos não queriam participar da entrevista, pois

O que sabemos acerca desse réptil é que ele possui características marcantes, tais como subir em paredes, inclusive as de vidro, e que também tem a capacidade de regenerar sua cauda, caso ele a perca. Seriam, então, os *lagartixas* os comerciantes que renovam constantemente suas vitrines com produtos estrangeiros, estabelecendo-se, dessa forma, uma analogia com o réptil que sempre regenera sua cauda? De fato, são suposições, e, sendo assim, acreditamos que esse termo parece não cumprir o papel inicial da metáfora terminológica, que é o de facilitar a compreensão de um determinado conhecimento especializado:

. *lagartixa*

Francisco refere-se a alguns pontos da cidade conhecidos como entrepostos da "importação informal" - a galeria Pajé, as galerias da rua 24 de Maio, as lojinhas orientais do bairro da Liberdade. No caminho para estes locais, encontram-se também os rastros do livre comércio do contrabando, nas vitrines das charutarias dos bares e lanchonetes. Alguns desses comerciantes são conhecidos como <"lagartixas">, porque suas vitrines são alugadas para os produtos estrangeiros. Nesses pontos de venda, além de cigarros, canivetes e pilhas, pode-se comprar até uma TV Lasonic PB, coreana, de 5 polegadas, com rádio AM/FM, por NCz\$ 450,00. (FSP, 24-09-89, p.20, c. 2)

Contudo, apesar de haveremos citado algumas metáforas animais como herméticas, sabemos que nem todas elas são desse tipo; ao contrário, acreditamos que a maior parte delas não são geradas com esse propósito. O termo *tigre asiático* (decalque de *Asian tiger*), por exemplo, apesar de representar um decalque oriundo do inglês, comprova o seu poder universal, podendo ser considerado como um termo metafórico transparente.

Esse termo, em referência ao animal feroz e perigoso para o homem, denomina os países asiáticos que, depois da Segunda Guerra Mundial, têm revelado um grande crescimento econômico, tornando-se grandes exportadores. Desse modo, o sentido do

um dos seguranças nos revelou que temiam este tipo de "enquete", já que eles não sabiam se de fato éramos simples pesquisadores ou se éramos, na verdade, fiscalizadores ou jornalistas com uma câmera escondida.

termo torna-se bastante óbvio, pois a analogia estabelecida entre o animal tigre e a economia do Sudeste Asiático se faz bastante clara a partir da idéia da relação de poder:

. *tigre asiático*

Assim, Hong Kong, Cingapura e Taiwan, bem como a Coréia, passaram, a partir da década de 60, por um formidável crescimento econômico, superior a 8% ao ano, tornando-se conhecidos como <“tigres asiáticos”>. Mais recentemente, outros países do Sudeste Asiático foram incorporados a esse processo, como a Tailândia e a Malásia. (FSP, 28-12-97, p. 2.2, c.3)

Sendo assim, se o economês é pleno de metáforas (cf. Alves, 2001, p. 174), não podemos afirmar que a maioria delas são herméticas pelo fato de se circunscreverem a um tipo de jargão. Acreditamos, sobretudo, que elas, na maioria das vezes, são transparentes, pois cumprem a função pedagógica da metáfora terminológica.

Algumas metáforas herméticas são geradas, possivelmente, pela falta de compreensão por parte do Jornalismo Econômico em relação aos fenômenos da Economia, ou então, por uma questão de ranço ideológico, por se desconhecer o verdadeiro papel desse tipo de Jornalismo, que é o de facilitar ao grande público as tomadas de decisões nesse setor que diz respeito tão diretamente às questões que envolvem cidadania.

Por último, destacamos que na obra *Traduzindo o economês*, Sandroni (2005), através do gênero narrativo, e por meio de uma série de metáforas, tenta facilitar ao grande público que lê jornais, revistas ou assiste a noticiários de televisão, a compreensão de alguns fatos da Economia, revelando, dessa forma, que a metáfora é um recurso de valor didático e cognitivo.

Para demonstrar como ocorre um *ataque especulativo*, o autor (2005, p. 66) usa, por exemplo, a metáfora da construção, comparando os investidores com os moradores de um prédio que logo o abandonam ao desconfiarem de sua solidez. Ocorre o mesmo com os investidores de uma moeda, que retiram seus investimentos do país que corre esse tipo de risco:

Um ataque especulativo ocorre quando existe uma desconfiança dos investidores sobre a solidez dos fundamentos que sustentam a estabilidade de uma moeda. E esses fundamentos, como sabemos, são as contas externas de um país ou seu Balanço de Pagamentos, e as contas do governo.

Quando esses fundamentos, ou vigas de sustentação da estabilidade, começam a apresentar rachaduras – representadas pelos déficits gêmeos –, as pessoas que percebem que eles não mais agüentarão o peso do edifício tratam de abandoná-lo o mais rapidamente. [...].

5. A metáfora como visão de cultura

Sabemos que a metáfora torna-se dependente da percepção cultural que temos do nosso meio ambiente. Dessa forma, deduzimos que o significado que o especialista atribui a esse processo semântico é em grande parte determinado pela sua cultura e pelas suas experiências anteriores. Portanto, considerando a metáfora, nesse estudo, como manifestação da organização conceptual, e não como mera entidade estética ou ornamental, acreditamos que é interessante revelar de que forma as metáforas em Economia têm suas próprias marcas culturais.

Para Oliveira (2004, p. 182), entende-se o significado de cultura a partir de um determinado contexto social. Nossas experiências estão intimamente ligadas à herança que cada um de nós recebe, constituída por prescrições coletivas e por normas de comportamento, geralmente aceitas e exigidas pela sociedade para concretizar valores morais, culturais, religiosos que favorecem a integração social. Assim, a metáfora não pode ser analisada fora das nossas concepções, das nossas experiências e da nossa cultura.

Essas marcas culturais podem ser observadas no momento em que realizamos o mapeamento cognitivo das metáforas coletadas no nosso *corpus* de análise. Conseguimos verificar que muitas dessas metáforas referem-se a conceitos referentes a animais, mar, guerra, entre outros. Essas constatações nos permitem dizer que essas metáforas são produzidas a partir de uma visão de mundo, compartilhada ou não por diversos sistemas culturais.

As metáforas animais, por exemplo, são lugar-comum entre as diversas culturas. Ullmann (1964, p. 447) afirma que essas metáforas são criadas para estabelecer uma

relação de semelhança, mesmo que vaga, fantasiosa ou burlesca, ou ainda para transferir à esfera humana uma significação humorística, irônica, pejorativa ou grotesca.

Entre as inúmeras metáforas animais encontradas no nosso *corpus*, poderíamos citar a metáfora “universal”⁵¹ para o termo *fundo-abutre* (unidade provavelmente decalcada do inglês *vulture fund*), ou ainda *leão* uma metáfora bastante peculiar à nossa cultura, usada para designar o Imposto de Renda (IR).

Quando se atribui um determinado valor, positivo ou negativo, para cada uma dessas metáforas, podemos dizer que estamos facultando a esse tipo de metáfora terminológica um conceito que nem sempre possui o mesmo valor, se comparado à outra cultura. *Laranja*, por exemplo, não encontra a mesma denominação em inglês para esse tipo de conceito. De acordo com Sandmann (2005, p. 466), o termo equivalente para esse tipo de compreensão seria *beards*, cuja tradução literal para o português é *barba, barbado*.

Contudo, verificamos uma série de correspondências entre metáforas terminológicas da Economia, em português e em inglês, ao cruzarmos os termos em análise com as unidades registradas em dois dicionários bilíngües da Economia, o *Business dictionary – Dicionário de termos de negócios: inglês-português, português-inglês* (Migliavacca) e o *Dicionário de termos de negócios: português-inglês, English-Portuguese* (Pinho)⁵².

No dicionário de Migliavacca, encontramos 80 termos do *corpus* em análise, tais como: *alavancagem (leverage)*, *alavancagem financeira (financial leverage)*, *alta de preço (price rise)*, *baixa (fall)*, *crescimento econômico (Economic growth)*, *depressão (depression)*, *empréstimo-ponte (bridge loan)*, *flutuação sazonal (seasonal fluctuation)*, *flutuante (floating)*, *fluxo (flow)*, *fluxo de caixa (cash flow)*, *fluxo de capital (capital flow)*, *paraíso fiscal (tax haven)*, entre outros.

No dicionário de Pinho, a inserção do número de termos metafóricos foi praticamente a mesma – em torno de 70 unidades –, ou seja, cerca de 13% dos termos em estudo possuem o mesmo equivalente metafórico em inglês.

⁵¹ Consideramos esta metáfora como universal porque ela tem fortes indícios de ter uma carga semântica negativa em diversas culturas; pelo menos é o que ocorre em português, inglês e em francês, significando normalmente usura, morte ou qualquer tipo de má reputação. Para Newmark (1985, p. 305-320), as metáforas universais são chaves indispensáveis para que o pensamento seja processado; são centradas em atividades humanas tais como manufatura, comércio, vida /morte, saúde, sexo, dimensões espaciais, entre outras.

⁵² Apesar de sabermos que o ideal, para os propósitos desta pesquisa, seria cruzarmos os termos deste *corpus* com unidades de alguma base, em inglês, que tivesse as mesmas características do material em análise, acreditamos, contudo, ser válido este tipo de comparação, pois ela acaba revelando – de uma certa forma – quais são os tipos metafóricos mais freqüentes entre os dois idiomas.

Se observarmos o estudo comparativo realizado por Charteris-Black e Ennis (2001, p. 249-266), no qual os autores cotejam metáforas do espanhol e do inglês publicadas em jornais, mais propriamente de relatórios financeiros, podemos notar que ambas as línguas compreendem a Economia a partir dos mesmos campos conceituais, como os de ordem orientacional, que indicam movimentos para cima (*soar*), ou para baixo (*free fall*), ou ainda estruturais, do tipo militar (*attack*) ou náutico (*anchor*).

Para esses autores (2001, p. 249), apesar de haver uma alta frequência dos mesmos campos conceituais entre os idiomas espanhol e inglês, nem tudo é igual, pois enquanto no espanhol as metáforas são baseadas em determinados tipos de comportamentos psicológicos, como *ansiedad, entusiasmo, preocupación, confusión, tensión, inquietante*, entre outros, em inglês há uma frequência maior de metáforas náuticas, já que, na interpretação desses autores, elas são a expressão da nostalgia do tempo em que os ingleses construíram o Império Britânico por meio de suas conquistas marítimas⁵³. Entre os exemplos citados pelos autores (2001, p. 260) aparecem os termos *anchor, sea of opportunities, bottom out, wave of selling*.

Compartilhando a mesma visão cultural, ou seja, conceptualizando o mercado financeiro em termos marítimos, a língua portuguesa também revela um grande número de metáforas náuticas, pois assim como os ingleses (aqui participando da mesma explicação que Charteris-Black e Ennis dão para esse fato), durante muito tempo os portugueses também realizaram, do ponto de vista histórico, grandes conquistas através do mar. Algumas metáforas refletem a influência marítima, tais como: *âncora monetária, âncora nominal, âncora verde, ancoragem, ancorar, empresa-âncora, flutuação do câmbio, flutuação de juros flutuante, flutuar, loja-âncora* etc.

Tais semelhanças conceituais metafóricas encontradas nos dois idiomas podem ser também atribuídas ao fato de que, possivelmente, haja um número amplo de “mapeamentos” culturais comuns identificados entre o português e o inglês. Charteris-Black e Ennis (2001, p. 251) afirmam ocorrer entre o inglês e o espanhol um campo conceitual metafórico bastante semelhante, pois ambos os idiomas apresentam palavras de

⁵³ Para Enterría (1998, p. 82), tradicionalmente, as metáforas do léxico da Economia articulam seus significados em torno de diversos campos conceituais da vida cotidiana (saúde e debilidades), hobbies (esportes), ciências experimentais (Física, Química, Meteorologia etc.).

um mesmo étimo latino. Asseguram também que algumas pesquisas revelam que alguns cognatos do inglês e do espanhol são comuns em várias áreas técnicas:

To extent that certain metaphors may have evolved and become established in languages that share a common etymology – particularly between languages that are quite closely etymologically related such as English and Spanish – one might expect a degree of universality in conceptual metaphors. We can find a number of cases where a similar meaning can be attributed to a common Latin origin. [...].

English-Spanish cognates are common in many technical fields, with economics being no exception. Moss (1992) states that in Spanish technical texts up to 30% of all lexis can be expected to be cognate with English, so an ability to recognise them would have clear advantages for the L2 reader-writer.

Além dos fatores apontados, não podemos nos esquecer também de que essas semelhanças entre os campos conceituais da área de Economia, em diversas culturas, ocorrem pelo fato de haver um sistema econômico comum compartilhado, que é a Economia Globalizada. O inglês, nesse contexto, torna-se uma língua de prestígio nas relações comerciais de ordem internacional, o que leva os jornalistas, de acordo com Charteris-Black e Ennis (2001, p. 264), a decalcarem diversos termos do inglês, influenciando, dessa forma, o estilo de escolha lexical.

Entre alguns termos decalcados do inglês encontrados na *Base de Termos da Economia*, poderíamos mencionar as unidades *aterrissagem suave* (*soft landing*), *embelezar a janela* (*window dressing*), *fundo-abutre* (*vulture fund*), *mercado do touro* (*bull market*), *mercado do urso* (*bear market*), *muralha chinesa* (*chinese wall*), *tigre asiático* (*Asian tiger*), entre outras. O termo *embelezar a janela* é decalcado a fim de designar um novo preço para determinados papéis no fechamento da Bolsa, influenciando, no dia seguinte, o valor de cotação dessas ações:

.embelezar a janela

Os especialistas descrevem o que está acontecendo na Bolsa de São Paulo como um fenômeno conhecido no mercado financeiro por dois nomes em inglês: “paint the tape” (pintar a fita) e “window dressing” (embelezar a janela).

A idéia é a mesma: criar um novo emprego para os papéis no fechamento para influenciar nos negócios do dia seguinte ou forçar a alta de cotações para melhorar, aos olhos dos aplicadores, o desempenho de fundos de investimento.
(FSP, 05-07-98, p. 2.8, c. 1-2)

Na verdade, temos a impressão de que muitas dessas metáforas são decalques do inglês, pois, ao contrastarmos os termos do português e do inglês, verificamos que se trata de termos traduzidos literalmente. Outro indício que comprova que muitos desses termos são decalques é o seu difícil reconhecimento, o que exige do leitor um estreito conhecimento dos idiomas e culturas contrastadas⁵⁴.

Essa idéia de que a maioria dos termos metafóricos da Economia são decalques do inglês é apresentada por Enterría (1998, p. 84). A autora afirma que grande parte dessas metáforas são decalques de outras que, por sua vez, são “cunhadas” do inglês.

Sendo assim, acreditamos que as metáforas do nosso *corpus* de análise tendem a uma certa universalização, pois revelam uma visão de mundo bastante próxima; são, usualmente, as que revelam conceitos espaciais, tais como os termos *fundo*, *alta*, *baixa*. Outras, no entanto, são, à primeira vista, genuinamente brasileiras, tais como *laranja* e *leão*, pois não encontramos equivalentes delas em inglês com o mesmo conceito.

⁵⁴ Para Alves (2002, p. 79-80), um modo de integração de uma formação estrangeira a um outro sistema lingüístico é representado pelo decalque, de difícil reconhecimento, pois consiste na versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora. Para a autora, a unidade léxica decalcada costuma rivalizar com a expressão que lhe deu origem. Assim, *alta tecnologia* concorre com *high technology*.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esse estudo, consideramos de extrema importância, em primeiro lugar, termos tido acesso a um *corpus* já constituído, para que assim pudéssemos realizar uma pesquisa a respeito da metáfora em um *corpus* de divulgação.

A análise dos termos nos levou a compreender qual é a função desse tipo de processo semântico em Economia, sobretudo nos *media* impressos. Entre as principais atribuições da metáfora, poderíamos citar rigor e precisão semântica, cumprindo, dessa forma, um papel denominativo. Do ponto de vista da Socioterminologia, a metáfora destaca-se também por cumprir uma função didática, facilitando, por meio da analogia, determinada compreensão nesta área de conhecimento.

Percebemos também, ao longo deste trabalho, que o uso da metáfora nos textos de Economia ainda é repellido. Contudo, discordamos desse ponto de vista, porquanto, no decorrer desta pesquisa, descobrimos que o seu uso é imprescindível, já que pensamos metaforicamente, segundo os cognitivistas.

Podemos imaginar ainda que, se muitos dos termos da Economia pertencem a um tipo de jargão, eles não são, no entanto, em sua maior parte, de caráter metafórico. Os termos oriundos do inglês são os que sobretudo podem se constituir em uma espécie de “esfinge” para quem se depara com tais vocábulos.

Pensamos que esses termos de difícil compreensão são, possivelmente, conforme já dissemos, usados por jornalistas que pouco entendem dessa área de conhecimento ou que atendem a grupos que pouco se esforçam em facilitar a compreensão dos fenômenos da área de Economia ao grande público.

Destacamos também que a metáfora parece ter um caráter multifuncional nesse tipo de domínio. Além de suas atribuições já mencionadas, poderíamos também pensar em seu papel como fator de coesão textual, uma vez que um repertório lexical metafórico, na constituição de um texto, contribui, por meio do processo analógico, com a criação de laços ou de ligações entre seus diferentes segmentos (cf. Antunes, 2005, p. 132).

Também pudemos verificar neste estudo o quanto é distenso o conceito de metáfora, envolvendo muitas vezes a própria conceituação da metonímia. Referimo-nos aos casos em que há uma interação entre esses dois processos semânticos: o limite entre uma metáfora ou

uma metonímia pode ser muito sutil, como também nos parece ainda mais tênue a linha que separa uma metáfora de uma não-metáfora, devido, provavelmente, à sua trajetória natural de apagamento ao longo de seu emprego – não querendo dizer com isso que o seu valor metafórico não possa ser reativado a qualquer momento.

É importante destacarmos que não esgotamos o modelo de análise proposto pela Linguística Cognitiva, pois conforme havíamos salientado na Introdução deste trabalho, isso excederia o limite de nossa pesquisa de Mestrado, que se orientou, sobretudo, pela perspectiva sincrônica. É claro que em algumas situações tivemos de recorrer à própria história da evolução do termo para tentarmos compreendê-lo melhor – lançar mão também de pesquisa enciclopédica foi essencial para a compreensão da motivação semântica das unidades pesquisadas.

Por último, acreditamos que a tipologia metafórica apresentada neste estudo, em campos cognitivos compreendidos em metáforas estruturais, orientacionais e ontológicas, pôde revelar de que forma compreendemos a Economia a partir de nossa perspectiva cultural, compartilhando também de outros sistemas culturais a mesma visão de mundo, mormente em tempos de Globalização.

VI. REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo – criação lexical*. São Paulo: Ática, 2002.

_____. Em torno de um jargão técnico: o economês. In: vários autores. *Dino Preti e seus temas*. São Paulo: Cortez, 2001, p. 173-177.

_____. (coord.). *Glossário de termos neológicos da Economia*. Cadernos de Terminologia 3. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2001.

_____. A delimitação da unidade lexical nas línguas de especialidade. In: BASÍLIO, Margarida (org.). *Palavra*. Rio de Janeiro: Grypho, 1999, p. 69-80.

ANTUNES, Irandé. *Lutar com palavras – coesão e coerência*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ARNTZ, R. e PICTH, H. *Introducción a la Terminología*. Madrid: Pirâmide, 1995.

BALLY, Charles. *El lenguaje y la vida*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1941.

BARROS, Lidia Almeida. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica*. São Paulo: Educ/Pontes, 1992 [1897].

CABRÉ. M. T. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida / Empúries, 1993.

_____. *La Terminología: representación y comunicación*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada / Universitat Pompeu Fabra, 1999.

Cambridge – international dictionary of English. New York: Cambridge University Press, 1995.

Collins – dicionário escolar – inglês-português, português-inglês. Glasgow/São Paulo: HarperCollins/Disal, 1995.

CANOLLA, C. *As metáforas da produção: reflexões sobre o discurso de operárias*. D.E.L.T.A, 16 (1), 2000, p. 55-82.

Cavalos – Características dos cavalos. Disponível em: <<http://webciencia.com/14-cavalo.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2006.

CHARTERIS-BLACK, Jonathan & ENNIS, Timothy. *A comparative study of metaphor in Spanish and English financial reporting*. English for Specific Purposes. Surrey: Pergamon, 2001.

DIRVEN, René & PAPROTTÉ, Wolf. *The ubiquity of metaphor – metaphor in language and thought*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

DIRVEN, René. Metaphor as a basic means for extending the lexicon. In: DIRVEN, René & PAPROTTÉ, Wolf. *The ubiquity of metaphor – metaphor in language and thought*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985, p. 85-120.

ENTERRÍA, Josefa Gómez. Últimas tendencias neológicas en la prensa económica. In: CABRÉ, M. Teresa; FREIXA, Judit; SOLÉ, Elisabet. *La Neologia en el tombant de segle: I Simposi sobre Neologia (18 de desembre de 1998), I Seminari de Neologia (17 febrer de 2000)*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 2000, p. 75-84.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo*. São Paulo: Ática, 2002.

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. *Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0*. : Regis Ltda, 2004.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa versão 1.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUANG, Carolina. *A metáfora no texto científico de medicina: um estudo terminológico da linguagem sobre Aids*. Rio Grande do Sul, 2005. [Dissertação] (Teorias do texto e do discurso) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

INVESTOPEDIA – *Dictionary terms*. Disponível em: <<http://investopedia.com.br>>. Acesso em: 15 jun. 2006

KOCOUREK, Rostislav. *La langue française de la technique et de la science*. – Wisbaden: Bradstetter, 1991.

KÖVECSES, Zoltán. *Emotion concepts*. New York: Spring-Verlag New York, 1989.

KRIEGER, M. G. & FINATTO, J. B. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

KRUGMAN. Paul R. *Crises monetárias*. São Paulo: Makron Books, 2001.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalismo econômico*. São Paulo: Edusp, 1996.

KUNTZ, Rolf. *Jornalismo econômico – quelle língua ist this one?* Observatório da imprensa na Internet, 2006. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br>>. Acesso em: 21 fev. 2006.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002. Título Original em inglês: *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LOPES, Alexsandro Broedel. O homem que sabia economês. *Língua Portuguesa*, São Paulo: Segmento, n. 15, 2007, p. 46-48, jan. 2007.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à Estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: T. A. Queiroz: 2000.

MIGLIAVACCA, Paulo Noberto. *Dicionário de termos de negócios: inglês-português, português-inglês*. São Paulo: Edicta, 1999.

MÓISES, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1995.

NEWMARK, Peter. The translation of metaphor. In: DIRVEN, René & PAPROTTÉ, Wolf. *The ubiquity of metaphor – metaphor in language and thought*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985, p. 295-325.

NÖTH, Winfried. *Semiotic aspects of metaphor*. In: DIRVEN, René & PAPROTTÉ, Wolf. *The ubiquity of metaphor – metaphor in language and thought*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985, p. 1-13.

OLIVEIRA, Isabelle. *Um indicador de diversidade cultural: o caso da metáfora*. In: CABRÉ, M. Teresa; ESTOPÀ, Rosa; TEBÉ, Carles. *La terminología em el siglo XXI: contribución a la cultura de la paz, la diversidad y la sostenibilidad: actas del IX Simpósio Iberoamericano de Terminología RITERM4* – (Série activitats; 17). Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, 2004.

PINHO, Manoel Orlando de Moraes, *Dicionário de termos de negócios*. São Paulo: Atlas, 1997.

PRETI, Dino. O vocabulário técnico, a gíria e a linguagem obscena: perspectivas sociolingüísticas de seu estudo. In: *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiroz/Editora da Universidade de São Paulo, 1984, p. 26-27.

RICOEUR. Paul. *Metáfora viva*. Porto: Rés-Editora, 1983.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SANDMANN, Antônio José. *A linguagem da propaganda*. São Paulo: Contexto, 2003.

SANDRONI, Paulo. *Traduzindo o economês: para entender a economia brasileira na época da globalização*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2005.

_____, Paulo. *Dicionário de economia do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SAÚDE ANIMAL. *Tigre*. Disponível em: <<http://www.saudeanimal.com.br>>. Acesso em: 15 jun. 2006.

SILVA, Augusto Soares da. *A semântica de DEIXAR: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

_____. O poder cognitivo da metáfora e da metonímia. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga: Faculdade de Filosofia da U.C.P., v. 7, n. 1/2, p. 13-75, 2003.

SINDAF – Sindicato dos Auditores em Finanças Públicas do Rio Grande do Sul. *Democracia – um leão preconceituoso*. Disponível em: <<http://www.sindaf.com.br>>. Acesso em: 15 jun. 2006.

TAM – ALMANAQUE DE CULTURA POPULAR [s.n.t.]

TEMMERMAN, Rita. *Towards new ways of terminology description: the sociocognitive approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2000.

The Oxford English Dictionary. Oxford: Oxford University Press, 1996.

ULLMAN, Stephen. *Semântica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

_____. *Lenguaje y estilo*. Madrid: Aguilar, 1973.

VILELA, Mário. *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Livraria Almedina, 2002.

WIERZBICKA, Anna. *Semantics: prime and universals*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1996.

WÜSTER, Eugen. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998 (1.a ed. Viena, 1979).